



FICHA TÉCNICA

Coordenação do Projeto	Lucia Maria Martins dos Santos <i>Diretora-Executiva da Casa Thomas Jefferson</i>
Acompanhamento e Supervisão	Erika Cruvinel <i>Gerente Corporativa Comercial da Casa Thomas Jefferson</i>
	Loise Marvell Marques <i>Coordenadora de Marketing da Casa Thomas Jefferson</i>
	Luiz Carlos Costa <i>Especialista Cultural da Casa Thomas Jefferson</i>
Entrevistas e Redação jornalística	Rayanne Portugal e Janaína Oliveira <i>Sagittaria Studio Criativo</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	Barbara Miranda e Kennedy Sousa <i>Sagittaria Studio Criativo</i>
Fotografia	Vitor Ávila <i>Sagittaria Studio Criativo</i>
	Abraão Duarte <i>Casa Thomas Jefferson</i>
Pesquisa Fotográfica	Abraão Duarte <i>Casa Thomas Jefferson</i>
Produção	Tiago Pacheco <i>Sagittaria Studio Criativo</i>
Revisão ortográfica	Milena Oliveira <i>Sagittaria Studio Criativo</i>
Revisão técnica	Erika Cruvinel <i>Gerente Corporativa Comercial da Casa Thomas Jefferson</i>

ÍNDICE

1 Apresentação

Mensagem da presidente do Conselho Cultural Thomas Jefferson	8
Mensagem da diretora-executiva da Casa Thomas Jefferson	9
Mapa de unidades	10
Conselho Cultural Thomas Jefferson	12
Conselho Fiscal	14
Membros associados	14
Corpo Diretivo	15

2 Introdução

Quem foi Thomas Jefferson?	19
Centros Binacionais	20
Conheça o Conselho Cultural Thomas Jefferson	21
Memórias do coração	22

3 Uma história de amor pela educação

Seis décadas fazendo história	30
O sonho americano chega à Brasília	32
Investindo na educação	33
A primeira Casa	34
Inovação em educação	35
Pioneiros	36
Lembrar para não esquecer	39
O novo legado	40
Efervescência no centro da cidade	40
A língua inglesa ocupou a Asa Sul	42
As satélites conhecem a Thomas	46
Crescendo junto com o DF	47
Expansão da matriz	48
Reduto para mais e mais famílias	49

Mentes universitárias	50
Futuro das crianças é o futuro da Thomas	52
Lado a lado ao ensino regular	53
Apoiando empresas de todo o Brasil	54
Boas lembranças	55
Um farol para Brasília	57
Embaixada dos EUA	58
Pioneirismo em educação <i>maker</i>	60
Chegada a solo mineiro	62
Fazendo história na vizinhança	63
Educação bilíngue para todo o Brasil	64
Novos horizontes	65
60 anos de cultura e educação	66
Crescemos juntos e crescemos muito!	67

4 Inovar para educar

Gerações de amor pela cultura	72
Educação pioneira	74
Uma mente à frente de seu tempo	76
Thomas Maker	78
Habilidades socioemocionais	80
Empatia e transformação na sala de aula	82
Aprimoramento de habilidades	84
Preparando para o mundo	84
Educação online	85
Um mundo de oportunidades	86
ONE School	91
Thomas Bilíngue <i>for Schools</i>	96
Thomas para professores	99

Encontros inesquecíveis	100
Crescimento conjunto e contínuo	102
Os melhores profissionais estão na Thomas	104
Parceiras na educação e na vida	106
Equipe multidisciplinar	110
Unidades	111
Resource Center	120
Nossos espaços	121
Prêmios e Certificações	131

5 Cultura

Fomento à cultura	134
Música	135
Teatro	137
Cinema	138

Dança	139
Exposições	140
Literatura	141
Festas e festivais	142
Intercâmbio intelectual com a Embaixada dos EUA	144
Meninas no mundo dos jogos	146
Intercâmbio Cultural	148

6 Responsabilidade social

Compromisso com o futuro	152
Bolsas de estudos	152
Jovens Embaixadores	153
Ensino bilíngue e <i>maker</i>	154
Criando um novo futuro	156
Everyday English	160

BRITE	160
Uma história de amor e orgulho	161
Promoção da Tecnologia	162
Conhecimento na era digital	163

7 Que venham mais 60 anos

Sempre crescendo	166
Cuidado constante e amor por pessoas	166
Tecnologia da Informação: nossa vocação é inovar	167
Reflexões sobre o futuro da Thomas	168
Um Brasil bilíngue	170
Que venha o futuro!	172

1

APRESENTAÇÃO



A Casa Thomas Jefferson – Centro Binacional, reconhecida pela Embaixada dos Estados Unidos como instituição de excelência no ensino de inglês, bem como promotora da cultura americana, celebra com orgulho e satisfação os seus 60 anos. Trata-se de uma instituição educacional comprometida com seus propósitos, indo bem além de ser exclusivamente uma escola de idiomas, com foco na relação ensino-aprendizagem do inglês.

Sendo uma instituição sexagenária, gerações já passaram pela Casa. Em especial, professores e alunos. Mas também, gestores e demais colaboradores de áreas diversas, que dão sentido à existência da Casa, no seu dia a dia.

Para os alunos, em especial, “Fazer Thomas” é ter vivenciado ou vivenciar hoje um ambiente que acolhe, desafia e motiva. É ainda envolver-se com uma proposta educativa que será parte significativa tanto de sua formação acadêmica, quanto da sua memória afetiva.

Ao longo dos anos, a Thomas tem sido reconhecida, cada vez mais, pelo seu diferencial de qualidade, seja no ensino de inglês, seja nas ações voltadas para a capacitação, treinamento e desenvolvimento de profissionais da área, dentro e fora do seu âmbito físico mais específico. Não menos relevante tem sido a sua programação cultural, com destaque para as Sextas Musicais.

Dentre as suas inovações pedagógicas, destacam-se as práticas do movimento *maker*. Ou seja, as atividades STEAM – relacionadas com as áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática. Contudo, seu mais recente e diferenciado desafio foi a criação da ONE School, uma proposta de escola integral de educação básica bilíngue, com atendimento de crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Em nome do Conselho Cultural da Casa Thomas Jefferson, com alegria e júbilo, agradeço e parabenizo a todos que, nos seus diferentes tempos e papéis, construíram e constroem a história de sucesso da nossa relevante instituição educativa: a Casa Thomas Jefferson.

Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa

Presidente do Conselho Cultural Thomas Jefferson

A Casa Thomas Jefferson chega aos 60 anos renovada e pronta para o futuro com os mais inovadores métodos para aprender e ensinar uma língua. Respeitamos e honramos a nossa missão que é a de conectar e transformar vidas através de gerações por meio de experiências singulares e cumprimos os nossos valores que são praticados, transmitidos e, claro, ensinados nesse ambiente em que os nossos colaboradores e alunos passam parte de suas vidas.

As palavras conectar e transformar são palavras fortes que dizem muito - nós conectamos pessoas com outras pessoas e com outras culturas. Transformamos as pessoas não somente pelo ensino de inglês, mas pelo exemplo que damos e por experiências únicas. Essas experiências acontecem em todos os lugares e a qualquer momento.

Temos o compromisso com a excelência para podermos proporcionar experiências singulares. Para isso, investimos no desenvolvimento contínuo dos nossos colaboradores. Queremos que os nossos colaboradores sejam os melhores do mercado. Somos inquietos e queremos mudar, melhorar e inovar sempre. Transformação e evolução sempre fizeram parte do DNA da Thomas, mas para evoluir é preciso construir.

Ao longo de seus 60 anos de existência, a Casa Thomas Jefferson vem se reinventando e inovando. Estamos sempre atentos às mudanças do mercado e alinhados a essas mudanças. E mudamos rápido porque temos esse compromisso com a sociedade. Somos comprometidos com a educação. Oferecemos o que há de melhor aos nossos alunos e promovemos ações de responsabilidade social, envolvendo alunos, colaboradores e a comunidade. Os nossos alunos fazem Thomas e não só estudam inglês. Isso faz com que tenhamos orgulho do lugar onde trabalhamos. Temos orgulho de sermos Thomas e de pertencermos à comunidade Thomas. E é essa paixão que nos move.

A Casa Thomas Jefferson é muito mais que uma escola de inglês: essa verdade, para nós que vivenciamos seu crescimento e a aplicação dos métodos de ensino sempre à frente de seu tempo, é uma realidade bem conhecida. Nossos corredores, salas de aula e dia a dia inspiram essa dinamicidade e esse aprimoramento contínuo. Nossos colaboradores, alunos e professores são os principais responsáveis por perpetuar esse legado que nos traz tanto orgulho, contando e escrevendo essa história conosco. Nos renovamos sempre para que as gerações futuras continuem tendo experiências singulares e, assim, continuemos sendo modelo de excelência.

Sabendo disso, encaramos o desafio criativo de contar a história da Casa Thomas Jefferson de uma maneira tão criativa quanto a própria instituição: dando voz a esta escola, que completa 60 anos repleta de personalidade própria, força, engajamento e responsabilidade com um trabalho de dedicação constante à comunidade. Assim, nada mais justo que dar voz à Thomas e as pessoas que fizeram história ao lado dela.

É com muito orgulho que convido você a fazer parte dessa história de perto. Ao longo das próximas páginas, faremos essa viagem ao lado da Casa Thomas Jefferson, lembrando momentos importantes e conhecendo os projetos que desenvolvemos ao longo de seis décadas de trabalho, além de várias pessoas que foram essenciais nesse caminho.

Eu lhe apresento a Casa Thomas Jefferson, uma amiga, uma jovem senhora, uma companheira e uma profissional incansável com sua missão de educar para o futuro. Convido a todos para conhecerem a nossa história. Boa leitura!

Lucia Santos

Diretora-executiva da Casa Thomas Jefferson

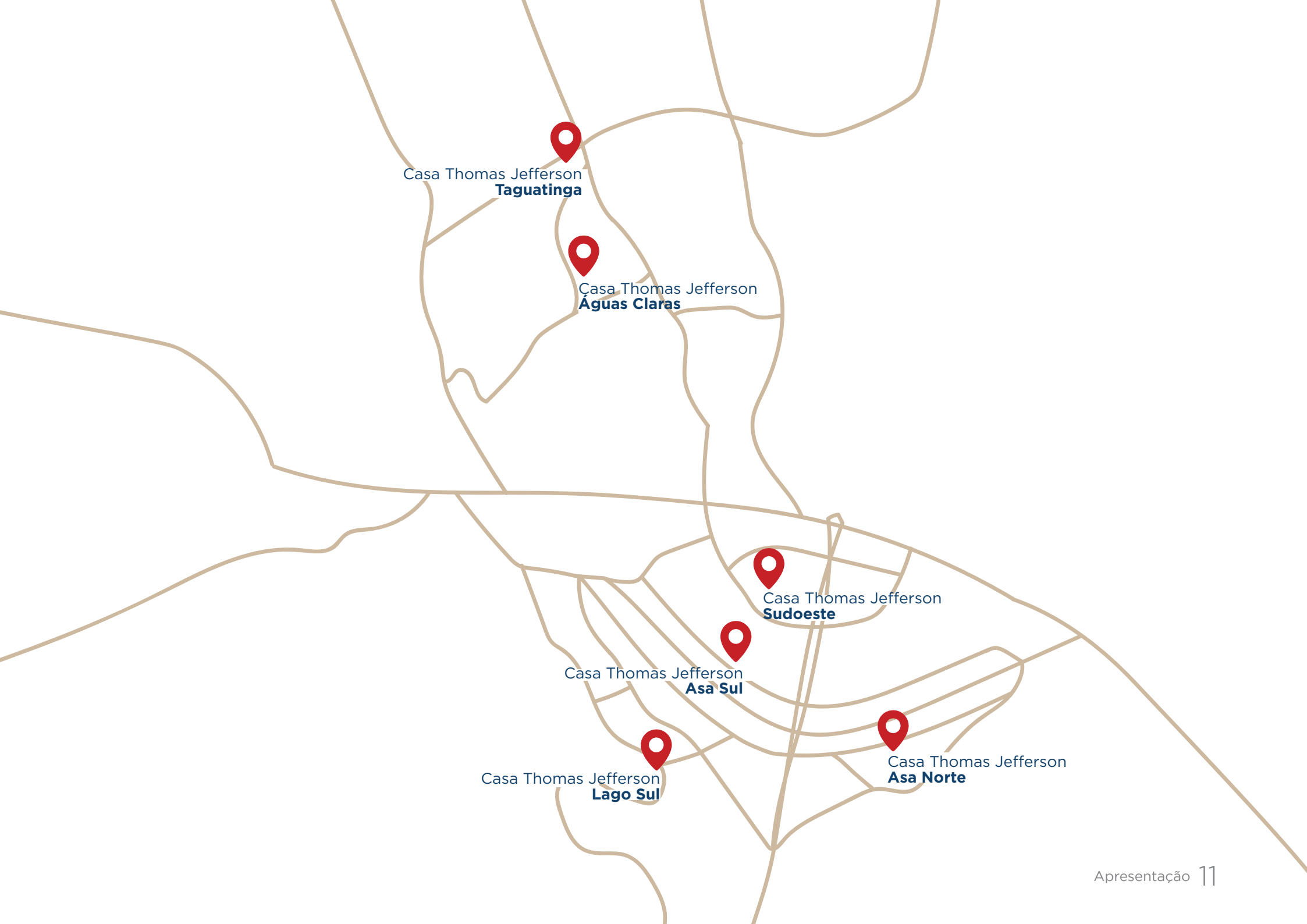
Mapa das unidades



Casa Thomas Jefferson
Goiânia



Casa Thomas Jefferson
Uberlândia



Casa Thomas Jefferson
Taguatinga

Casa Thomas Jefferson
Aguas Claras

Casa Thomas Jefferson
Sudoeste

Casa Thomas Jefferson
Asa Sul

Casa Thomas Jefferson
Lago Sul

Casa Thomas Jefferson
Asa Norte

CONSELHO CULTURAL THOMAS JEFFERSON



Maria de Fátima Guerra de Sousa
Presidente do Conselho Diretor



Eunice Maria Lima Soriano de Alencar
Vice-Presidente do Conselho Diretor



Elizabeth Kathleen Daniel de Almeida
Secretária-Financeira



Alexandre Prestes Silveira
Membro do Conselho Diretor



Ana Flávia Penna Velloso
Membro do Conselho Diretor



David Verge Fleischer
Membro do Conselho Diretor



Elinor Watson Moren
Membro do Conselho Diretor



Lia Zanotta Machado
Membro do Conselho Diretor



Maria Inês Fontenelle Mourão
Membro do Conselho Diretor



Todd Miyahira
Membro do Conselho Diretor



Vera Maria da Costa Manso Mussi
Membro do Conselho Diretor

CONSELHO FISCAL

Bruno Sobral de Carvalho
Presidente do Conselho Fiscal

Ana Maria de Carvalho Patury Assumpção
Conselheira Fiscal

Maria Eugênia Viana Rodrigues de Matos
Conselheira Fiscal

Maria Cristina Mac Dowell Dourado de Azevedo
Suplente do Conselho Fiscal



**Leia o QR Code e conheça
os nomes de todas as
pessoas que já fizeram
parte do Conselho Cultural
e da Diretoria da Casa
Thomas Jefferson.**

MEMBROS ASSOCIADOS

Catherine Taliaferro Cox
Membro Associada

Débora Diniz Rodrigues
Membro Associada

Edison Antônio Costa Britto Garcia
Membro Associado

Hugo Gueiros Bernardes Filho
Membro Associado

Luiz Gonzaga Leite Chaves Neto
Membro Associado

Maria Eneida Soares Coaracy
Membro Associada

Maria Tereza Torres Ferreira Costa Passarella
Membro Associada

Solange Arcirio de Oliveira Pedroza
Membro Associada

CORPO DIRETIVO



Lucia Santos
Diretora-Executiva



Erika Cruvinel
Gerente Corporativa Comercial



Clarissa Bezerra
Gerente Corporativa Acadêmica



Paula Pacheco
Gerente Corporativa de CSC –
Centros de Serviços Compartilhados



Ana Maria Scandiuzzi
Gerente Corporativa do
Planejamento da Operação

2

INTRODUÇÃO

Olá! Eu me chamo **Casa Thomas Jefferson!**



Talvez você já tenha ouvido falar de mim porque minha história é longa e, em meus 60 anos, conheci muitas pessoas que ajudaram a construir Brasília e o ensino de línguas em nosso país. Mais do que isso, eu sou também um Centro Binacional Brasil-Estados Unidos, um Conselho Cultural e um ambiente de troca de ideias sobre inovação e sobre o futuro. Talvez muitas pessoas não saibam disso tudo e não compreendam a força desses títulos todos. E foi por isso que decidi escrever esse livro.

Escrever esse livro, para mim e para todos que fazem parte da Thomas – como carinhosamente me chamam –, é uma forma de comemorar meus 60 anos, seis décadas em que vidas se encontraram em prol de um bem maior: escrever histórias em torno do estudo da língua inglesa, da cultura e da educação. Por isso, neste aniversário, me apresento a vocês em primeira pessoa, para nos conhecermos ainda melhor, para nos emocionarmos juntos e para lembrarmos dos nossos melhores momentos compartilhados. Minha história me fez criar forma, cor, personalidade e vivências únicas. E hoje, quero reviver isso tudo com vocês.

Sejam bem-vindos a essa história da qual me orgulho tanto.
Sejam bem-vindos à Casa Thomas Jefferson!



Quem foi Thomas Jefferson? *A figura histórica por trás do nome*

Você conhece Thomas Jefferson, o ex-presidente americano que inspirou a criação do meu nome?

Thomas Jefferson foi o terceiro presidente dos Estados Unidos e um dos principais responsáveis pela declaração de independência americana. Ele nasceu em 13 de abril de 1743, no estado da Virgínia. Historiadores afirmam que ele acreditava que a nação poderia ser um “Império de Liberdade”, por isso ele escreveu a importante declaração que emancipou o país. Thomas Jefferson foi um dos mais influentes Founding Fathers (os “Pais Fundadores” da nação), conhecido pela sua promoção dos ideais do republicanismo. Thomas Jefferson foi um homem inspirado pelo iluminismo e que conheceu diversos dos grandes líderes intelectuais da Grã-Bretanha e França de seu tempo.



Leia o QR Code
para conhecer mais
a fundo a história
do ex-presidente
Thomas Jefferson.

Centros Binacionais

Como eu te contei lá no começo do livro, eu sou um Centro Binacional Brasil-Estados Unidos. Mas você conhece o trabalho e a importância de um Centro Binacional?

Os Centros Binacionais, em inglês *Binational Centers (BNCs)*, são instituições reconhecidas pela Missão Diplomática dos EUA dedicadas a prover o ensino de inglês de alta qualidade e promover o entendimento mútuo entre o Brasil e os Estados Unidos. Os BNCs precisam:

- Manter em sua estrutura um escritório do EducationUSA para orientação sobre estudos nos Estados Unidos.
- Comprometer-se com a permanente busca da excelência no ensino e com os resultados de seus alunos, fundamentada na sólida formação de seu corpo docente.
- Desenvolver projetos de integração de ex-participantes e ex-bolsistas (Alumni) de programas financiados pelo governo dos Estados Unidos em Brasília, tais como Jovens Embaixadores, BRITE, FDE e Fulbright.
- Manter um ambiente em que os visitantes sintam-se como se estivessem nos Estados Unidos e tenham à disposição informações sobre aquele país.
- Comprometer-se, na comunidade em que atua, com a divulgação e disseminação dos projetos e programas culturais, de formação e de responsabilidade social mantidos pelo governo dos Estados Unidos.

Os Centros Binacionais têm por objetivo formar cidadãos independentes que tenham o domínio da língua mais falada nos ambientes de viagens e profissionais em todo o mundo. Os BNCs contribuem, de maneira significativa, na vida das pessoas e na formação profissional e acadêmica de jovens, e participam da criação de uma consciência de que a globalização é algo para ser vivido aqui e agora.

Quer conhecer outros Centros Binacionais existentes no Brasil?



Leia o QR Code acima e confira a lista disponível no site da Embaixada Americana no Brasil.

Conheça o Conselho Cultural Thomas Jefferson

Ser um Centro Cultural me traz uma importante missão: me relacionar com a comunidade onde estou inserida de forma ativa e orgânica, buscando contribuir para o desenvolvimento pessoal de cada pessoa com quem tenho contato. À frente de cada um desses momentos, estive um Conselho Cultural formado por educadores de renome e outros tantos membros especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Isso significa que, muito mais do que oferecer cursos de inglês de qualidade, devo constantemente buscar novas maneiras inovadoras para proporcionar cultura e desenvolvimento social para a comunidade. Esse é meu compromisso e minha missão, com os quais devo estar sempre alinhada por obrigação.

Essa atuação está impressa em nossas aulas, projetos acadêmicos, em nossos eventos, atividades sociais, iniciativas culturais, parcerias e muitas outras ações que você vai conhecer neste livro.

Tenho imenso prazer e orgulho de ter nascido como uma Casa de Cultura e Educação porque isso me permitiu fazer muito mais por todos que tiveram suas histórias entrelaçadas à minha. A comunidade sempre me recebeu de braços abertos e é com grande satisfação que hoje completo 60 anos de dedicação a esta comunidade.

Memórias de coração

A Thomas da Ana Maria

A história da Casa Thomas Jefferson se mistura às histórias das pessoas que por ali passaram. Olhando de fora, há quem talvez julgue essa afirmação um tanto quanto comum, já que o trabalho é um fator tão essencial na construção da vida de qualquer pessoa. É no trabalho que passamos boa parte de nossas vidas, várias horas, dias, semanas e anos estabelecendo vivências e amizades ao redor do mesmo ambiente de labor.

Mas não são histórias assim que vamos contar por aqui. A Casa Thomas Jefferson, ao longo de seis décadas, foi muito mais que um espaço de trabalho. Não somente uma escola, a Casa tornou-se um ambiente para se viver e ver o mundo com novos olhos: o olhar da vida e do conhecimento sobre ela.

“Acredito com convicção que o nome ‘Casa’ não foi uma escolha em vão. Esse nome tem valor e muito significado para quem conhece esse espaço de perto. Aqui nós temos uma Casa, aberta para toda a comunidade, sempre pronta para receber”.

Essas palavras fluem emocionadas enquanto a educadora Ana Maria Assumpção relembra os momentos mais marcantes de sua relação com a Thomas. “Esse espaço foi, e ainda é, uma casa para quem acredita no poder da união, da educação e de toda a transformação que ela é capaz de promover na vida das pessoas”, deslumbra-se Ana Maria.



“O que me traz alegria é que continuo aqui, trabalhando pelos alunos da Thomas. Essa alegria não tem preço.”

E não é à toa que, a todo momento, a emoção toma conta da professora carioca. Ela dividiu com os alunos e funcionários da Casa Thomas Jefferson seus últimos 39 anos. Ao entrar na Casa, as lembranças vêm em fluxo, a todo vapor! Ana Maria é conhecida por todos na escola por ser detentora de uma memória inigualável, capaz de resgatar datas, nomes e fatos *by heart*. “As memórias são afetivas, por isso elas surgem com tanta facilidade”, conta.



A professora Ana Maria recebe alunos de intercâmbio vindos dos EUA.

Conselho Cultural: educação e cultura, de mãos dadas

Entre as memórias de Ana Maria Assumpção, estão também os propósitos pelos quais a Casa foi criada. Ela conta com orgulho que a instituição nasceu com a missão fundamental de estreitar os laços entre o Brasil e os Estados Unidos, buscando o intercâmbio cultural e educacional entre os dois países.

“A Casa é uma instituição sem fins lucrativos desde sua fundação. Não somos uma escola de inglês, somos um Centro Cultural. O que isso significa, na prática, é que nascemos com a missão de trabalhar em prol da comunidade, acima de tudo.”

Ana Maria foi professora, designer de cursos, coordenadora pedagógica geral, diretora do cultural e diretora-executiva – inclusive, ela foi a primeira brasileira a ocupar este cargo, anteriormente sob responsabilidade exclusivamente de diplomatas americanas. À frente de funções de peso, sempre se guiou pelos moldes inovadores traduzidos pelo Centro Cultural Casa Thomas Jefferson.



Ana Maria Assumpção durante a inauguração do Resource Center da Unidade Asa Sul, que passaria a levar seu nome após a reabertura ao público, em 2012.

“Nos anos 60, e acredito que até hoje, as características de Brasília sempre facilitaram essa proposta de relação mais profunda com a comunidade. As pessoas buscavam um lugar para se encontrarem, para estarem com os seus. Um lugar para consumir cultura e para aprender uma nova língua, além de terem acesso aos nossos ricos acervos, livros, filmes e palestras. E nós sempre fomos esse espaço de troca fértil”, afirma Ana Maria. Ela caminha pelas dependências da escola com olhos apaixonados. “Agora (dezembro de 2022), estamos de férias. Mas imagine esses corredores cheios de pessoas conversando, se divertindo. Isso é a Casa!”, afirma orgulhosa.

Ao longo dos 15 anos em que esteve na Diretoria da Casa, Ana Maria assumiu a missão de fomentar a expansão da cultura americana no Brasil por meio de seminários anuais para professores dos Centros Binacionais do Brasil e professores de inglês em geral. Ela firmou importantíssimas parcerias com a Secretaria de Educação do DF para aperfeiçoamento dos professores do ensino público e pela concessão de centenas de bolsas de estudo para jovens estudantes em vulnerabilidade econômica, garantindo assim que suas vidas e carreiras fossem transformadas por completo.

Hoje, como membro do Conselho Cultural Thomas Jefferson, ela afirma não ter deixado de lado essa função primordial. “Meu sonho é oferecer às pessoas o mesmo que tive aqui. Construí laços e aprendizados para a vida toda. Aprendi que é no contato que se aprende melhor, em um nível de dedicação que qualquer professor no mercado de trabalho não é capaz de aprender sem muito esforço”, defende.



Para Ana Maria, a preocupação com a comunidade, com a vida das pessoas e com seus futuros é o que difere esse Centro Cultural e Educacional das escolas tradicionais que conhecemos. “Nós mudamos a vida de muitas pessoas. Muitos alunos que por aqui passaram nunca tinham ido a um museu, nunca tinham visto arte de perto. Aprenderam, em inglês, a geografia e a história que veriam na escola anos depois. Muitos não vislumbravam um futuro melhor. São esses mesmos alunos que voltam a mim hoje, me reconhecem na rua, e trazem seus relatos de como a Casa os ajudou a ver o mundo com olhos de curiosidade e aventura, com vontade de crescer e conquistar”, diz.

Além do orgulho, um outro sentimento invade a professora Ana Maria: a saudade dos alunos e da sala de aula. É o que dizem: o educador pode se afastar da sala de aula, mas a vocação nunca abandona o educador. “Ah, é uma satisfação enorme esse contato, de ensinar e aprender com o aluno. Faz falta demais!”, conta emocionada.

3

UMA HISTÓRIA DE AMOR PELA EDUCAÇÃO

Para o poeta e escritor brasileiro Guimarães Rosa, “o mais importante e bonito, do mundo, é que as pessoas ainda não foram terminadas e que estão sempre mudando”.

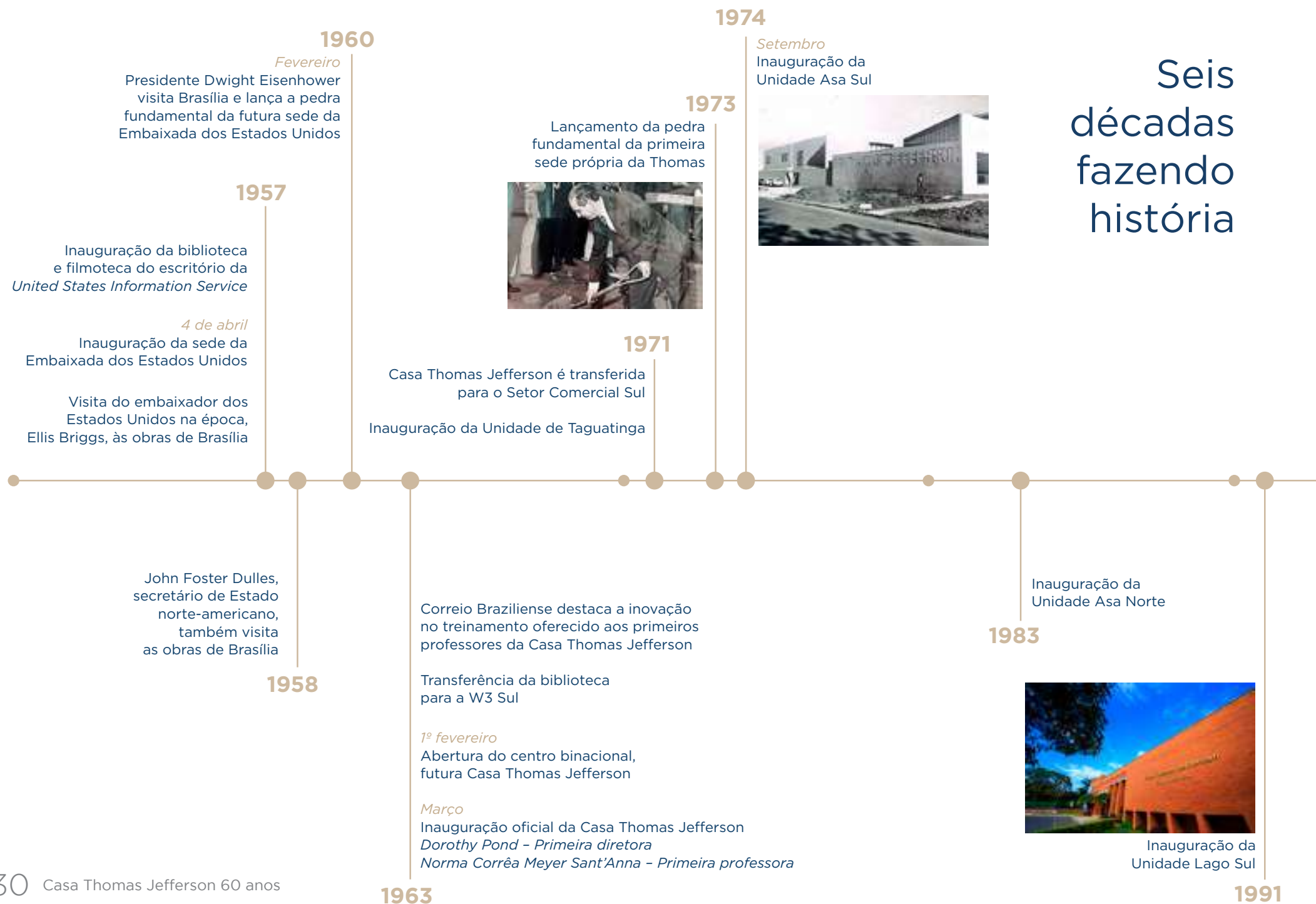
O meu nascimento e a minha construção como Casa Thomas Jefferson atravessou gerações e fez parte de grandes mudanças, não só das pessoas com quem tive a oportunidade de conviver, mas de todo o Distrito Federal – mesmo que muitos dos moradores daqui nem saibam disso.

Para entender mais sobre mim, vamos juntos nessa viagem pelo tempo. Te convido para, ao meu lado, conhecer essa aventura que foi crescer juntamente com Brasília e em todas as cidades onde construí minha história ao longo dos anos. Vamos nessa!





Seis décadas fazendo história





O sonho americano chega à Brasília

O começo de toda a minha história deu-se muito antes da inauguração oficial de Brasília, ainda no finalzinho dos anos 50. Enquanto os brasileiros viam o crescimento de sua nova capital tomando forma, *The American Dream* também começava a impactar o solo brasiliense. Isso porque diversas e importantes pessoas públicas americanas vieram pessoalmente para conhecer esta nova terra dos sonhos e vislumbrar a chegada, também, das autarquias americanas nesta nova capital.

Este foi o primeiro e importante marco para que eu me instalasse aqui, no Distrito Federal, como o primeiro Centro Binacional no Planalto Central.

Tudo começou em abril de 1957, três anos antes de Brasília ser inaugurada. Foi nesse período que o embaixador dos Estados Unidos na época, Ellis Briggs, visitou as obras da futura capital do país e ficou hospedado no Catetinho, moradia provisória do então presidente Juscelino Kubitschek. Guiado pelo engenheiro Bernardo Sayão, Briggs tornou-se o primeiro chefe de missão estrangeira a conhecer o canteiro de obras da cidade que nascia no cerrado brasileiro.

O embaixador voltou ao Planalto Central para acompanhar o secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, que também decidiu visitar as obras de Brasília, já em agosto de 1958.

Dois meses antes da inauguração, em fevereiro de 1960, o próprio presidente Dwight Eisenhower fez uma visita oficial à cidade e aproveitou para lançar a pedra fundamental da futura sede da Embaixada dos Estados Unidos – o terreno já tinha sido entregue simbolicamente por JK ao secretário Dulles, segundo o jornalista Manuel Mendes no livro “O Cerrado de Casaca”, em que dá detalhes desta sequência de visitas oficiais norte-americanas à futura capital.

A sede da Embaixada dos Estados Unidos foi inaugurada em 4 de abril de 1961 e, para Manuel Mendes, foi o primeiro prédio de uma representação diplomática estrangeira no Planalto Central.

O jornalista reproduziu o discurso do embaixador dos EUA, John Moors Cabot, feito durante a inauguração. É nesse texto que temos o primeiro registro da minha “pré-história”, enquanto a Casa Thomas Jefferson. Meu nascimento oficial seria apenas alguns meses depois, mas ali, pode-se dizer, foi o começo de tudo!



Lançamento da Pedra Fundamental da Embaixada dos EUA

Investindo na educação

Nas palavras do embaixador dos Estados Unidos, Ellis Briggs, os primeiros registros sobre a minha futura inauguração como a primeira Casa Thomas Jefferson foram feitos durante a inauguração da Embaixada, em 1961: “Além deste edifício, o Governo dos Estados Unidos planeja a construção, em breve, de um prédio que abrigará o Serviço de Divulgação e Relações Culturais e um Centro Binacional”.

Naquele mesmo dia, segundo Mendes, foi instalado em uma loja na quadra SCLS 106, rua comercial da Asa Sul de Brasília, um escritório provisório do USIS (United States Information Service), mais conhecida como a versão, para o exterior, da USIA (*United States Information Agency*), órgão do governo norte-americano responsável pela diplomacia pública no resto do mundo. A agência funcionou de 1953 a 1999, em diversos países, e sua estrutura do escritório em Brasília incluía uma biblioteca e uma filмотeca.

Já no ano seguinte, em 1962, o projeto de um Centro Binacional ganhou um importante aliado: o linguista professor A. J. Hald Madsen, residente no Rio de Janeiro. À convite da embaixada, ele veio até Brasília estudar as possibilidades de viabilizar uma matriz bilíngue. Hald Madsen fez contatos com autoridades locais, congressistas e educadores, e constatou que a maioria dos cidadãos entrevistados não tinham a intenção de se fixar como residência na nova capital. Pensando em alternativas, decidiu então procurar o apoio do Serviço de Divulgação e Relações Culturais da Embaixada norte-americana para apresentar a elaboração do projeto pedagógico.

Após um estudo aprofundado na região, Madsen encontrou um amplo local para a implantação do centro binacional, na avenida W3 Sul, uma das mais importantes e movimentadas da cidade. A quadra era a 510 Sul, edifício que abriga, atualmente, uma agência bancária. Por coincidência, o Serviço de Divulgação e Relações Culturais pretendia instalar no andar térreo daquele prédio uma biblioteca com acervo em inglês.



Dwight D. Eisenhower, presidente dos EUA, ladeado pelo presidente Juscelino Kubitschek e pelo diretor da Novacap, Israel Pinheiro, saúda o público em frente ao palácio do Planalto, em fevereiro de 1960. Crédito: Biblioteca Presidencial de Eisenhower.

Funcionaria assim: no primeiro andar ficaria o setor administrativo, possibilitando, assim, que no subsolo fossem construídas quatro ou cinco salas de aula, uma área de circulação e um pequeno escritório. O setor diplomático da embaixada foi o responsável pelo projeto de divisão que, em seguida, foi aprovado em Washington DC.

A primeira Casa

Aquele sonhado centro bilíngue começou a funcionar no primeiro dia de fevereiro de 1963. Essa foi minha primeira casa e a primeira Casa Thomas Jefferson dos brasilienses, oficialmente inaugurada em março do mesmo ano. Diferente de outras entidades espalhadas pelo país, geralmente nomeadas com siglas e quase sempre com as palavras Brasil e Estados Unidos na identificação, tenho nome e sobrenome próprio.

Logo de primeira, contei com nomes de excelência para a minha consolidação na cidade, como a primeira diretora da Casa, Dorothy Pond, ex-professora de inglês do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), segundo relato escrito por Madsen. Logo depois, vinte candidatos a professor foram admitidos no primeiro curso intensivo de treinamento.

A primeira professora a gente nunca esquece: Norma Corrêa Meyer Sant'Anna foi chamada pela Embaixada dos Estados Unidos, em janeiro de 1963, para compor meu corpo docente. Casada com um dos engenheiros pioneiros da cidade, Cláudio Sant'Anna, ela chegou do Rio de Janeiro, em 1958, com quatro filhos. Anos mais tarde, ela contou sua experiência inicial em entrevista ao jornal *CTJ Gateway*, em publicação interna da minha Casa Thomas Jefferson (confira no box ao lado).

Norma Sant'Anna chegou a dar aulas para três gerações da mesma família e afirma que ficou conhecida por ser uma professora exigente. Ela lembrava aos seus alunos sobre a importância do ensino e de todos se dedicarem firmemente aos estudos. Anos depois, os mesmos estudantes a procuravam para agradecer a dedicação enquanto professora.



Já havia lido os anúncios da Casa Thomas Jefferson e disse ao meu marido que entraria na escola quando ela abrisse. Meu primeiro pensamento foi ingressar como aluna, já que tinha estudado inglês britânico e não conhecia a pronúncia norte-americana. Mas Hald Madsen, palestrante de um seminário sobre língua inglesa no qual participei naquele ano, me convenceu a me tornar professora. Foi assim que tudo começou! Durante 25 anos, eu fiz parte da Casa Thomas Jefferson. Meus filhos e meu marido estudaram na Thomas e todos foram meus alunos.

Norma Corrêa Meyer Sant'Anna,
primeira professora da Casa Thomas Jefferson.

Inovação em educação

Em março de 1963, o jornal Correio Braziliense registrou um seminário do qual participou a consultora Elizabeth Sadler, da Agência de Informações dos EUA (USIA). O jornal destacou a análise da Mrs. Sadler sobre o treinamento oferecido aos primeiros professores com que trabalhamos.

Todos os professores Thomas Jefferson tiveram aulas de linguística aplicada ao ensino do inglês e orientações sobre como usar os recursos técnicos disponíveis à época, como biblioteca, filmes, discos e o futuro Laboratório de Linguagem. A notícia do jornal lembra ainda que os cursos de treinamento continuariam mesmo após o início das aulas, em 18 de março.

Isso mostrava para todos os novos moradores da capital o grande investimento que começava a ser feito em inovação e tecnologia para o ensino, desde o primeiro dia de meu nascimento em Brasília.

Recém-inaugurada, me sinto orgulhosa desses primeiros anos enquanto instituição: éramos considerados, sobretudo, um centro de recursos culturais. Lembro com orgulho das primeiras sessões de cinema no subsolo, organizadas pelo jornalista José Augusto da Costa, e a nossa biblioteca, que tinha o melhor acervo de literatura em língua inglesa depois da Universidade de Brasília.

Minha primeira biblioteca foi instalada em um dos apartamentos da quadra 113 Sul, já que alguns blocos residenciais dessa quadra haviam sido construídos pela Embaixada dos Estados Unidos para acomodar funcionários americanos transferidos do Rio de Janeiro. Em 1963, a biblioteca foi transferida para o prédio na W3 Sul.

A biblioteca da Casa Thomas Jefferson, na época chamada *USIS Reference Library*, se tornou conhecida rapidamente, em toda a cidade, pois era dirigida ao público em geral e, principalmente, aos alunos da instituição, com acervo constituído, em sua maioria, por obras que divulgavam a cultura norte-americana.

Impossível não me sentir feliz com tamanho reconhecimento. Afinal, naqueles primeiros anos, houve também um intercâmbio significativo entre os professores da Matriz e educadores das escolas da Fundação Educacional do Distrito Federal. O ensino público, modelo de excelência na época, foi adotado pelas escolas particulares para engrandecer o aprendizado em sala de aula.

Brasília crescia enquanto lutávamos para transformar o ensino da língua inglesa no melhor possível. Afinal, a nova capital merecia todo esse esforço! E tamanho reconhecimento chegava para confirmar que estávamos no caminho certo. Eu mal podia imaginar que era apenas o começo.

Pioneiros

E por falar em bons amigos, uma das melhores foi Diva Oliveira, que ingressou nos estudos de inglês em 1964, já adulta, como aluna. Alguns anos depois, ela lembra que dois professores norte-americanos, chamados Nicholson e Young, recomendaram que ela se tornasse professora.

Diva fez o curso de treinamento e foi contratada em seguida. “Os salários eram pagos no banco por meio da apresentação de um documento, com o logotipo da Casa Thomas Jefferson, em que estava escrita a quantia a receber”, lembra ela, que até pouco tempo guardava um desses recibos.

Diva Oliveira conta que a nossa Casa Thomas Jefferson ia crescendo junto com Brasília. “Tínhamos um número limitado de alunos, muitos filhos de funcionários públicos e autoridades. Em todo lugar que eu ia, encontrava as mesmas pessoas”, diz ela, que relembra as opções de lazer da época, como o Cine Brasília, que ainda existe na Entreequadra 106/107 Sul, e o Cine Cultura, que ficava na 507 Sul e não existe mais. “A Thomas tinha professores brasileiros e americanos. Os americanos ministravam aulas no período noturno”, lembra ela.

Sempre tive sucesso em transformar em professores os excelentes alunos que mostravam vocação para lecionar. Eneida Coaracy, natural do Ceará, também ingressou como aluna e, depois, como parte do corpo docente, compondo a primeira turma da escola e permanecendo até 1966. “Era um prédio pequeno, com uma porta de vidro, a direção no andar superior, a biblioteca no térreo e as salas de aula no subsolo”, conta ela.

“Era um lugar interessante, motivador, eu ainda me lembro de alguns professores”, relembra a professora Eneida. Depois de ganhar uma bolsa e estudar em Chicago, nos Estados Unidos, ela retornou para assumir o cargo de professora, em 1970.



Cine Brasília, 1964. Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal.

Quem também marcou a minha história e tem muitas recordações sobre o meu prédio da avenida W3 Sul foi a ex-funcionária e ex-aluna, Eliane Bittes. Ela começou os estudos em agosto de 1969. Depois de algum tempo, conseguiu uma bolsa de estudos sob a condição de trabalhar na biblioteca. “Lá eu ajudava no que era preciso: organizava e limpava os livros, atendia as pessoas, fazia de tudo um pouco”, conta Eliane, que hoje mora em Araxá, no Triângulo Mineiro.

Das minhas memórias afetivas, Eliane se lembra das salas no subsolo e de um laboratório com gravadores, fitas cassetes e grandes fones de ouvido. Lembra também de outro aspecto marcante: os professores homens davam aula de terno e gravata, super formais. Já o grande temor dos alunos eram as provas orais. “Após terminar a sua avaliação, cada aluno se sentava junto com os que não haviam feito ainda, para dar apoio”, conta Eliane.

A jovem enfermeira norte-americana Elinor Watson Moren, que anos depois integraria o nosso Conselho Cultural Thomas Jefferson, assumindo a sua presidência entre 2004 e 2012, também deu aulas na instituição nos anos 60. “Era tudo muito simples, a gente dava aula para adultos, entre eles esposas de deputados”, lembra Elinor, que faz parte do Conselho Cultural até hoje!

Ex-integrante e ex-presidente do Conselho Cultural, Clélia Capanema participou dos primeiros anos da minha história como aluna. De uma personalidade muito humilde, a professora Clélia, por diversas vezes, dividiu a sala de aula com estudantes do ensino médio que eram seus próprios alunos nas escolas públicas onde lecionava.

Outro nome que fez história por aqui foi o professor norte-americano Allen Bennet, que chegou ao Brasil sem destino certo, depois de uma temporada de um ano no Equador. Ele decidiu ficar em Brasília e começou a dar aulas na nossa Casa e lembra das turmas para os congressistas e para autoridades do governo, funcionários dos ministérios e de órgãos públicos como a CAESB.

Já Rosely Foizer era uma estudante de Letras, de 20 anos, quando ingressou no nosso quadro da Thomas e viveu os últimos momentos da primeira sede na W3 Sul. Ela fala com carinho da pequena escola e fala da força do nosso corpo docente, desde o início. “Havia pouca estrutura de materiais didáticos, mas isso não nos desanimava. Ao contrário, havia entre nós um afã de mostrar uns aos outros nossas próprias estratégias didáticas, nossas descobertas de bons materiais para as nossas aulas”, conta com orgulho.



Avenida W3 Sul nos anos 60. Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal.



Invasão da UnB durante o Regime Militar, 1968. Crédito: CEDOC/UnB.

Lembrar para não esquecer

Fui inaugurada pouco mais de um ano antes do golpe que instituiu um governo militar no país, nos conhecidos “anos de chumbo”. Com isso, a Casa Thomas Jefferson, vez ou outra, era relacionada ao governo norte-americano, em virtude dos laços culturais e educacionais que mantinha com a Embaixada dos Estados Unidos. Como consequência, nos anos em que a repressão dos militares sobre os militantes de esquerda tornou-se mais forte, o prédio da W3 Sul foi alvo de alguns ataques.

“A diretora resolveu criar um curso para deputados e eu fui escolhida para ministrar as aulas”, contou Norma Sant’Anna, nossa primeira professora contratada, em entrevista ao Casa Thomas Jefferson Gateway. “No final, não durou muito tempo. Logo veio a revolução e todos os meus 26 alunos foram cassados. Fiquei sem alunos. Um deles, chamado Wilson Martins (que depois se tornaria governador do Mato Grosso do Sul) foi à minha casa se despedir”, lembrou a professora.

As manifestações contra a ditadura militar eram habituais na W3, em frente à nossa Casa. “Quando havia uma passeata, a escola era um dos pontos mais visados. Meu pai pedia para não irmos à aula, pois era perigoso”, conta Eneida Coaracy. “De vez em quando, havia treinamento com os alunos para evacuar a Thomas”, acrescenta Diva Oliveira.

O período de opressão também é contado no livro “O Cerrado de Casaca”, do jornalista Manuel Mendes, que faz referência a um atentado em setembro de 1966, no qual três carros teriam parado em frente ao edifício da W3 Sul, por volta de 20h30. Seus ocupantes teriam saído dos automóveis e quebrado as janelas com pedras e barras de ferro. Uma bomba foi arremessada contra o prédio em 1968, quebrando um dos vidros.

O professor Allen Bennett se lembra da manifestação, em março de 68, como parte dos protestos contra a morte do estudante Edson Luís, no Rio de Janeiro, em que houve queima de ônibus na avenida W3 Sul. “Eu estava na casa de uma namorada, perto da Thomas e deparei com a manifestação. Estava tirando fotos de tudo quando um jipe do Exército parou e fomos presos”, relembra.

Ele foi levado para uma unidade do Exército no Setor Policial Sul, onde viu que muita gente tinha sido presa. “O pessoal ficava comentando: ‘Olha, é o professor Allen’”, lembra. Os militares tiraram o filme da máquina de Bennet, que passou a noite na cadeia. Mas, quando os oficiais descobriram que ele era professor da Casa Thomas Jefferson, o tratamento mudou. “Perguntaram se eu queria um cafezinho, e eu saí da cela fria, com cama de concreto, para um lugar mais aberto”. No dia seguinte, todos estavam de volta às suas atividades normais.

A professora Solange Pedroza lembra-se das consequências do atentado: um buraco no piso, perto da mesa de uma das salas. Esta, no entanto, foi a última vez que a Casa Thomas Jefferson foi alvo de agressões – a ditadura, no entanto, só iria terminar mais de uma década depois.

Relembrar esses fatos nos ajuda a compreender a importância da educação para a manutenção da democracia: nossa história escreveu nosso passado e futuro, e escreverá para sempre quem somos. Assim, é necessário lembrar para não esquecer sobre a importância da liberdade, da educação e do respeito a todos.



Abertura das primeiras instalações da Casa Thomas Jefferson na 510 da Asa Sul.

O novo legado

O sucesso enquanto Casa Thomas Jefferson foi grande demais para as instalações do prédio da quadra 510 Sul. Até na imprensa isso ficava nítido. Em nota emitida pelo jornal Correio Braziliense, que registrou o início de novas turmas do curso superintensivo, essa vitória era comemorada entre todos os brasilienses.

E ainda avisou: no segundo semestre de 1971, a Casa Thomas Jefferson se mudaria para o Setor Comercial Sul, enquanto aguardava a construção da sede própria na W4 Sul, que o jornal chamou de “setor de escolas”. Dito e feito: em julho do mesmo ano, biblioteca, salas de aula e a nossa estrutura administrativa foram para o Edifício Bandeirantes, no SCS, exatamente atrás de um conhecido restaurante.

Efervescência no centro da cidade

O Setor Comercial, onde as aulas aconteciam, era um ambiente calmo naquela época, acreditam? Segundo Katy, mesmo com uma variedade grande de comércio e escritórios, ainda era um local bem mais tranquilo, diferente dos dias atuais, que concentra um dos centros criativos e comerciais da capital federal.

Minha sede no Setor Comercial Sul chamou a atenção da imprensa mesmo antes de ser inaugurada. Uma nota no jornal Correio Braziliense divulgou um curso de português para estrangeiros de qualquer nacionalidade, com turmas para os níveis principiante, intermediário e avançado. Logo depois da mudança, outra nota informava a população sobre o programa de intercâmbio *Youth For Understanding*, destinado a estudantes entre 15 e 17 anos com ginásio completo e bons conhecimentos de inglês.

Naquela época, o coordenador dos nossos cursos era um educador americano, Jim McMasters que, em razão de seu enorme interesse pela arte brasileira e pelo país, tornou-se um colecionador, principalmente de obras de Carlos Scliar, de quem era grande amigo. Encantado pelo Brasil, Jim mudou-se para o Rio de Janeiro e encerrou seus dias em uma agradável casa em Nova Friburgo.

A professora Solange Pedroza também se lembra do dia a dia na sede do SCS. No térreo, havia um laboratório, onde os alunos passavam cerca de 20 minutos por dia. As aulas eram diárias e duravam uma hora. “Muitas mães esperavam os filhos no carro”, lembra. Depois, acrescenta Solange, as aulas foram concentradas em duas ou três vezes por semana.

Havia muitos alunos adultos, que chegavam às aulas vestindo terno e gravata. Os jovens entravam no curso regular, à tarde. A partir dos 15, 16 anos, já podiam estudar à noite. Mas ainda faltava um espaço para os pequenos e, a partir de então, foram iniciados os cursos infantis.

A população infantil se expandiu e o número de turmas aumentou rapidamente. Cada professor preparava o seu material, com provas e exercícios. Havia também muitas professoras norte-americanas – algumas eram esposas de missionários que trabalhavam em missões religiosas e de responsabilidade social em Brasília e no interior de Goiás.

E das parcerias profissionais que deixaram saudade, a ex-diretora e atual Conselheira Ana Maria Assumpção recorda da dedicação das professoras: Mrs. Reasoner, Mrs. Ruth Sanders, Mrs. McAfee, Joyce Journey, Naomi Lyra, Dorothy Mayer, Kitty Delavaux, Fatima Rodrigues – uma encantadora indiana de risada cristalina nascida em Goa – e tantas outras que regressaram aos Estados Unidos.

O coordenador dos cursos, Wendell Biggers, sucessor de Jim McMasters, tinha como braço direito a eficiente assistente Patricia Ann Horta, cidadã americana casada com um brasileiro. Já a professora Ingrid Graef, mãe dos velejadores Torben, Axel e Lars, que foram nossos alunos nos anos 70 enquanto a família residia em Brasília, aliava sua competência e impecável uso do idioma a uma personalidade alegre e comunicativa que fascinava os alunos. Ela deixou saudades, pois faleceu prematuramente quando residia em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

A professora Diva Oliveira relembra ainda de outros detalhes no Setor Comercial, como a biblioteca que ficava no andar térreo e era preciso subir uma escada para as salas de aula e de como as aulas eram conduzidas com excelência. “Embora as turmas misturassem adolescentes e adultos, as aulas eram muito bem conduzidas pelos dedicados mestres. A escola já tinha uma boa reputação”, ressalta.

A Thomas sempre será inesquecível para a nossa família. Saudamos a gloriosa Casa Thomas Jefferson pelos bons serviços prestados à educação e cultura brasilienses. Bons Ventos!

Torben e Lars Graef,
velejadores e ex-alunos da Casa Thomas Jefferson

A língua inglesa ocupou a Asa Sul



Filial da Asa Sul em processo de finalização.

Naquele começo dos anos 70, já precisávamos de um novo endereço que comportasse o tamanho do nosso sucesso, já que, com a crescente demanda por turmas, a escola do Setor Comercial Sul ficou pequena para a boa reputação que se alastrava pela capital. “A gente sabia que a sede era provisória”, recorda-se a professora Diva Oliveira.

E é verdade: no ano em que nos mudamos para o Setor Comercial Sul, já havia um projeto concebido pelos arquitetos radicados nos Estados Unidos, Ehrman Mitchell e Ronaldo Giorgola, para a construção de uma sede definitiva. Na execução do projeto, a firma americana, com escritórios em Filadélfia e Nova York, contou com a colaboração dos profissionais brasileiros Alcides da Rocha Miranda e Elvin McKay Dubugras.

A inauguração do nosso novo prédio, na Asa Sul, na Entrequadra 706/906 Sul, ocorreu em 20 de setembro de 1974. Foi uma cerimônia histórica e diplomática, que contou com a presença do secretário-geral do Itamaraty, ministro Ramiro Saraiva Guerreiro, e do embaixador dos Estados Unidos, John Crimmins, entre outras autoridades.

Ah, e quer saber de uma curiosidade? A inauguração se deu enquanto caía a primeira chuva da estação, “leve e bem-vinda”, depois de um longo período de seca, como registrou, anos depois, a professora Ana Maria Assumpção. Ana Maria se lembra com detalhes da cerimônia de inauguração no anfiteatro, onde cadeiras foram colocadas em todos os degraus. Uma missão do governo dos Estados Unidos veio a Brasília especialmente para a festa. Depois dos discursos dos convidados principais, foi servido um coquetel na biblioteca do USIS.

No dia seguinte à inauguração, o jornal Correio Braziliense noticiou o evento. Registrou a presença de cerca de 700 pessoas, entre elas representantes da embaixada dos Estados Unidos em países da América Latina, além de outros representantes no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Além disso, foram doados ao Ministério das Relações Exteriores, pela embaixada americana, uma coleção de documentos históricos microfilmados referentes ao sesquicentenário (150 anos) de relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos.

Você sabia?

As relações diplomáticas estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos completam 199 anos este ano. Pois é, essa história centenária teve seu início marcado na época em que o Brasil ainda era um Império, em 26 de maio de 1824, quando o presidente James Monroe recebeu José Silvestre Rebello, como encarregado de Negócios do Brasil junto aos Estados Unidos. Um ano depois, 9 de março de 1825, o presidente Monroe nomeou também Condly Raguet, da Pensilvânia, ao mesmo cargo no Brasil.

Naquele mesmo ano de 1824, ocorreu o reconhecimento da independência do Brasil pelos Estados Unidos. Os EUA foram o primeiro país a reconhecer nossa Independência!

Se você quiser aprender mais sobre a relação Brasil-EUA, escaneie o QR Code ao lado e confira a história completa na página da Embaixada Americana no Brasil.



O jornal também informou a abertura de duas exposições – uma de gravuras e outra de esculturas – e acrescentou que as aulas já estavam sendo ministradas no novo prédio desde o início do ano letivo. Uma foto feita no anfiteatro reuniu centenas de convidados, entre funcionários brasileiros e norte-americanos.

No mesmo dia, a coluna “Visto, Lido e Ouvido”, do jornalista Ari Cunha, também mencionou a nossa inauguração, trazendo o valor da nossa importância para o futuro da educação bilíngue. “É a geração da semente bem plantada. Ainda me lembro dela (Thomas Jefferson) ocupando duas lojinhas de três por seis metros, no setor comercial da Superquadra 106. Estes foram seus primeiros passos que foram se agigantando. Depois na W3”, afirmava a coluna. Ari Cunha destaca ainda o nosso papel na divulgação da cultura e a amizade entre as nações.

A inauguração do prédio da W4 Sul, marco da arquitetura dos anos 70, foi registrada até fora do país. A solenidade de início oficial das atividades foi notícia também nos EUA, com a publicação de um artigo sobre a arquitetura inovadora do prédio no *Christian Science Monitor*, jornal sediado em Boston.

Eliane Bittes lembra que a noite da inauguração foi um momento muito especial. “Alunos, professores e funcionários estavam muito entusiasmados porque o prédio era muito bonito e então iríamos estudar e trabalhar num ambiente adequado. A biblioteca ficou muito bonita, com muitos livros, revistas, jornais, microfilmes”.

Os professores mais antigos recordam-se do impacto causado pela inauguração do novo prédio. “No antigo prédio do Setor Comercial, tínhamos professores com níveis diferentes de formação. Na 706 Sul, os requisitos começaram a ser padronizados”, afirma Katy Cox, que relata o aperfeiçoamento do TTC (*Teachers Training Course*), o curso de preparação de professores, com ênfase maior em literatura e cultura americana, linguística, metodologia e psicologia da educação, entre outros temas.

Solange Pedroza recorda que algumas modificações foram feitas no projeto original do prédio para resolver, por exemplo, os problemas de segurança, já que haviam muitas entradas no edifício. Também foi preciso repensar a proteção contra as fortes chuvas de verão e reduzir o excesso de claridade nas salas de aula. “A entrega da obra foi adiada em algumas semanas, e o início de certas turmas foi protelado”, lembra Solange. Assim que as dificuldades foram superadas, a mudança foi efetuada.

As expectativas eram imensas e havia um orgulho enorme em pensar que nós também havíamos contribuído e participado para a realização desse sonho.

Solange Pedroza,
sobre a inauguração da matriz na Asa Sul

Rosely Foizer cita as discussões sobre o projeto arquitetônico do novo prédio, assim como a preocupação com a segurança do prédio. “As janelas das salas de aula se abriam para um amplo jardim e pátio interno, resguardados por altas paredes e portões. Os estacionamentos laterais não eram cercados. Hesitamos um pouco sobre a funcionalidade do prédio, mas, no final, ficamos contentes, pois ele nos fazia interagir e consolidar a união”, destaca.

Ela sente saudades dos primeiros tempos no prédio da Asa Sul em que dividia um apartamento com outras cinco estudantes, sendo que três também eram professoras da Casa Thomas Jefferson. “A aula que dávamos, das 8h às 10h, provocava em casa uma estratégia de guerra entre nossos despertadores, uso do banheiro e da mesa de café”, diverte-se Rosely.

Os professores mais novos também se encantaram com o tamanho do novo prédio. “Parecia uma universidade. As escolas de inglês na cidade eram cursos pequenos, não havia uma instituição que preparasse o aluno do início ao fim”, lembra a professora Elisa de Alencar. “Era um prédio bonito, com jardim, bem cuidado. Para o professor, era um status dar aulas na Thomas”, acrescenta.

Ela, que começou a dar aulas enquanto fazia o curso superior de Jornalismo, quando recém-chegada usava jaleco para se diferenciar. “Nos primeiros dias, eu entrava na sala e os alunos achavam que eu não era a professora”, diz ela, que começou a ensinar nos níveis básicos e, em sete anos, deu aulas para todos os níveis.

Elisa lembra que era mais fácil dar aulas para os adultos, pois não havia a questão da indisciplina. Mas com as crianças, lembra ela, o professor tinha uma “resposta” mais rápida. “Eu botava os livros na mesa e esperava a turma acalmar. Os mais novos ‘testavam’ os professores na primeira semana”. Ela também se diverte lembrando de um detalhe: ela tinha pulso firme com os alunos, mas quando a direção quis trocá-la de turma, os alunos fizeram uma espécie de “motim”.

A professora Diva Oliveira fala que as turmas, principalmente pela manhã, misturavam adolescentes e adultos sem problemas de relacionamento entre eles. Mesmo com a grandeza do prédio, ainda era um tempo em que todos se conheciam.

A professora Irene Moses Aguiar, a querida Mrs. Aguiar, é lembrada com carinho e afeto pelos professores mais antigos da nossa Casa Thomas Jefferson. Entre os jovens e atuais mestres, alguns foram seus alunos e dedicados colaboradores.

Reconhecida por todos como uma pioneira no ensino *maker*, Mrs. Aguiar se esforçava para levar para o ambiente de ensino novas técnicas de interação com a língua inglesa, exercícios práticos e muita criatividade para a sala de aula. Ela literalmente colocava a mão na massa e mostrava toda sua dedicação à educação!

Até sua aposentadoria, Mrs. Aguiar foi responsável pelo Clubinho e pelas atividades extracurriculares do Curso Infantil, hoje subdividido em vários níveis (*Kids, Junior, Teens e Bilingual Adventure*). Com inesgotável criatividade e real paixão, ela elaborava e coordenava apresentações teatrais e musicais de seus entusiásticos pupilos, para deleite semestral de pais e avós.



Filial da Asa Sul atualmente.

O novo prédio, na 706/906 da Asa Sul, simbolizava minha forte solidificação como a imponente Casa Thomas Jefferson. A partir dali, nossa expansão realmente se mostrou necessária e aos poucos fomos construindo outras unidades! A cidade viveu essa expansão com esperada alegria, tanto pela excelência acadêmica já reconhecida, como pelas atividades culturais tão adoradas.

**Era hora de conquistar ainda mais espaço.
Então, fomos juntos!**



Fachada da Unidade Taguatinga.

As satélites conhecem a Thomas

Mesmo antes de inaugurar o prédio da 706/906 Sul, o nosso Conselho Cultural Thomas Jefferson iniciou a expansão do Centro Binaçional, com a abertura de uma filial em Taguatinga para proporcionar, segundo consta na Ata de reunião da diretoria, em 26 de abril de 1971, “benefícios culturais à comunidade estudiosa daquela cidade satélite”.

Dessa forma, nossa filial da Casa Thomas Jefferson de Taguatinga foi inaugurada em 1971 e funcionou até 1991, quando ocorreu a transferência da Avenida Comercial para o Pistão Sul. Localizada em um prédio no centro da cidade, perto da Praça do Relógio, a escola tinha poucas salas e uma secretária. Rosely Foizer, uma das primeiras professoras, dividia as atividades acadêmicas com Maria José Gomes. Uma se encarregava do turno diurno e a outra era responsável pelo período noturno.

“Eu chegava às 18h com a chave do prédio, dava minhas aulas e, às 22h, ao final, me certificava de que estava tudo desligado, fechava todas as portas e partia para pegar meu ônibus de volta ao Plano Piloto”, conta Maria José, que ainda se lembra da escada estreita que enfrentava todos os dias para chegar às salas de aula.

Em pouco tempo, a unidade foi transferida para outro prédio, também no centro de Taguatinga, com melhor estrutura. “A inauguração da filial de Taguatinga foi um passo importante para a Thomas se tornar conhecida”, afirma a professora Solange Pedroza, que acompanhou os primeiros tempos da instituição. Ela lembra que, pouco a pouco, novas salas iam sendo incorporadas à filial.

A unidade apresentava algumas características particulares: vários alunos já haviam frequentado outras escolas de inglês antes de chegar à Thomas e a maioria dos adultos trabalhava no sábado pela manhã. O taguatinguense é muito empreendedor e por causa disso, o sábado à tarde era um dos horários mais movimentados da filial.

O clima de proximidade não se restringia aos professores e funcionários da unidade de Taguatinga: “como era a filial mais antiga, havia alunos da quarta ou da quinta geração da mesma família. Era notável o clima de respeito e entendimento entre familiares e a equipe da filial. Os alunos eram muito dedicados, demonstrando admirável senso de responsabilidade”, enfatizou Vânia Rodrigues, na época, coordenadora acadêmica da unidade.



Centro Comercial de Taguatinga, em 1964. Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal.



Crescendo junto com o DF

Assim como a nossa história, a unidade de Águas Claras, inaugurada em janeiro de 2010, também se revelou um sucesso absoluto. Keila Torres, então coordenadora acadêmica, relata que, em 1998, o Conselho Cultural já havia, por meio de uma licitação pública, adquirido dois terrenos no local. Todos os membros e a direção estavam convencidos de que a expansão da cidade seria rápida e irreversível.

E, assim mesmo, ocorreu: com quase quatro mil metros quadrados de área construída e vinte e uma salas de aula, a filial ocupa os dois primeiros andares de um prédio residencial que fica próximo à estação de metrô Arniqueiras e, em apenas três anos, já possuía quatro vezes mais alunos do que no primeiro semestre de atividades.

“Foi um crescimento rápido porque a cidade também cresce célere”, afirma Keila. Temos numerosas turmas formadas por crianças, porque Águas Claras é um bairro constituído em boa parte por pessoas jovens. “Numerosas crianças vêm a pé, acompanhadas de babás ou das avós”.

A filial reproduz todas as atividades das outras unidades, especialmente adaptadas ao perfil de Águas Claras. Da escola enfeitada na época de Halloween a festas de Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Criança. “Organizamos várias atividades lúdicas, que atraem o irmão do aluno, o vizinho do prédio”, conta Keila. Além disso, a unidade já recebeu diversas apresentações, como teatro, dança e sapateado. “A Casa Thomas Jefferson já é um espaço incorporado ao espírito e à vida cultural da cidade”, reitera Keila, com orgulho.



Unidade da Casa Thomas Jefferson em Águas Claras. Crédito: Arquivo CTJ.

Expansão da matriz

O prédio da unidade Asa Sul também é chamado de Matriz, pois a maior parte do corpo administrativo ocupa salas na 706/906 Sul. Lá fica o nosso Centro de Serviços Compartilhados, que é responsável por prestar serviços para todas as unidades. São eles: Marketing; Comercial; Financeiro; Contabilidade; Tecnologia da Informação (TI); Recursos Humanos (RH) e Gestão de Pessoas; Patrimônio e Infraestrutura, e o departamento de Compras e Contratos.

A necessidade de um Centro de Serviços Compartilhados cresceu à medida que o número de alunos e de novas sedes aumentou. Como estão abrigadas no mesmo prédio, a nossa Matriz e a filial da Asa Sul têm atividades que, para quem vê de fora, podem até se confundir.

Os alunos que iniciaram o ano letivo de 2013, na filial da Asa Sul, se depararam com uma reforma gigantesca. Um elevador foi instalado para atender as pessoas com deficiência (PCDs), e também foram construídas uma passarela de acesso à Coordenação Acadêmica e uma varanda semi-coberta para os professores.

Já as fachadas externa e interna do prédio foram pintadas com a cor original do edifício, resgatando, assim, a fonte de inspiração do arquiteto Giurgola: o solo virgem do cerrado. A renovação incluiu a troca do piso externo e de outras áreas, bem como a reforma do auditório.

Temos uma equipe competente e homogênea, que compartilha não somente a expertise na área acadêmica, mas também carrega muito da história da Thomas em seus corações.

Elizabeth Rabello, há 40 anos na Casa Thomas Jefferson e hoje gerente da Unidade Asa Norte.



Obras de expansão da Matriz, na Asa Sul. Crédito: Arquivo CTJ.

Reduto para mais e mais famílias

Desde o final da década de 80, o Lago Sul, área nobre de Brasília, conta com uma de nossas filiais. Durante alguns anos, a filial funcionou em salas alugadas em uma área comercial do bairro. A partir de 1991, com a então diretora Kathleen Davis, ocorreu a mudança definitiva para o novo prédio na SHIS QI 9. O novo prédio foi projetado pelo arquiteto José Galbinski e conta com espaços amplos, jardins e pátio que promovem a interação entre quem o frequenta.

Durante muitos anos, a filial Lago Sul abrigou o Information Resource Center (IRC) e o escritório da Comissão Fulbright, ambos vinculados à Embaixada Americana. Várias gerações de famílias aprenderam inglês aqui e guardam boas lembranças das aulas, das atividades extracurriculares, das formaturas e do clima aconchegante proporcionado pelos professores e funcionários que trabalharam aqui.

Mas, mal sabia eu, que a grande mudança ainda estaria por vir! Três décadas depois, novas mudanças aconteceram. O prédio da filial Lago Sul passou por uma ampla expansão para poder abrigar um grande projeto: a primeira Escola de Educação Bilingue da Casa Thomas Jefferson, a ONE School!

A ONE School, inaugurada em 2022, é uma escola brasileira bilíngue em tempo integral - a primeira escola de educação básica da Casa Thomas Jefferson! Esse grande investimento, tanto intelectual quanto físico, foi tão importante para mim e todos os envolvidos que vale um espaço especial aqui neste livro somente para te contar sobre isso! Confira mais detalhes sobre a ONE School no capítulo **4 - Inovar para educar.**



Unidade da Casa Thomas Jefferson no Lago Sul. Crédito: Arquivo CTJ.

Mentes universitárias

A proximidade do campus principal da Universidade de Brasília (UnB) é uma das particularidades da filial da nossa Casa Thomas Jefferson, da Asa Norte. A influência é nítida tanto no perfil dos estudantes quanto no interesse dos frequentadores da biblioteca. “O público adulto é mais jovem”, afirma Elizabeth Rabello, atual gerente da Unidade Asa Norte.

Mas nem sempre foi assim. A unidade nasceu em 1983, em uma sobreloja de uma área comercial do bairro, a avenida W4. Neste primeiro prédio, a nossa Casa Thomas Jefferson ocupava o subsolo, o andar térreo e a sobreloja, com sete salas. Cinco anos depois, nossa filial foi transferida para outro edifício, na 508 Norte, com a capacidade aumentada para 20 salas.

Em agosto de 1997, a sede definitiva da Asa Norte foi inaugurada após a aquisição, em 1995, de um terreno na quadra 606, da L2 Norte, e edificação em menos de dois anos do projeto dos arquitetos Max Amaral e Paulo Lana, vencedores de um concurso realizado pelo nosso Conselho Cultural Thomas Jefferson.

É a nossa maior unidade em termos de espaço físico, situada em meio a nossa harmoniosa área de jardins, com exuberante vegetação. A sede conta com o incansável apoio de uma equipe dedicada constantemente às melhorias.

O auditório da Asa Norte conta com 240 lugares e já recebeu numerosas apresentações culturais. A biblioteca é frequentada não só pelos alunos como por toda a comunidade, sempre lembrada pelos ávidos estudantes brasilienses que buscam um espaço de concentração. Além disso, um espaço mais do que especial não poderia deixar de ser citado: Thomas Maker, um ambiente de aprendizagem que estimula a colaboração, a experimentação e o conceito de aprender fazendo. Esse espaço inovador guarda um lugar tão especial em nossos corações que vou te contar mais sobre ele daqui a pouco, nas próximas páginas dessa nossa linha do tempo!

O *EducationUSA Advising Office* também está localizado na unidade Asa Norte. Filiado ao Departamento de Estado Americano, o EducationUSA é a fonte oficial de informações e orientação sobre estudos nos Estados Unidos. Temos uma equipe especializada para oferecer orientações e informações oficiais, abrangentes, atualizadas e imparciais sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos. Com serviços de aconselhamento, traduções certificadas e biblioteca especializada, orientamos os interessados sobre as etapas necessárias para acessar a educação superior nos EUA.



Unidade da Casa Thomas Jefferson na Asa Norte. Crédito: Arquivo CTJ.

Futuro das crianças é o futuro da Thomas

Com a expansão de Brasília, o nosso Conselho Cultural Thomas Jefferson decidiu que era hora de atender também os moradores de um novo bairro, o Sudoeste. Iniciamos então nossa primeira operação no Sudoeste no ano 2000. Eram dez salas de aula, biblioteca, sala de professores e secretaria, instaladas em um prédio comercial na SCLSW 504.

Em pouco mais de quatro anos, já eram 1200 alunos e precisei me mudar para um prédio mais amplo. Meu bellissimo edifício foi projetado com muito talento e sensibilidade pelo arquiteto Luiz Antônio Almeida Reis. Foi mais um sonho transformado em realidade. São, ao todo, 30 salas de aula, espaços de convivência, biblioteca, sala múltiplo uso, jardins internos e um amplo estacionamento. “Sabendo do grande volume de crianças moradoras do Sudoeste, criamos áreas especiais para os pequenos alunos”, explica Marta Diniz, então gerente da Unidade.

Sempre crescendo, com responsabilidade e qualidade: esse é meu dever. Sigo crescendo pelas crianças e com as crianças, para criar um futuro melhor para todos que precisam de mim!

A expansão da Casa Thomas Jefferson foi feita ao longo de muitos anos com critério e cautela, e é possível que no futuro outra unidade venha a ser aberta.

David Fleischer, presidente do Conselho Cultural de 2013 a 2021, sobre as áreas em desenvolvimento.



Unidade da Casa Thomas Jefferson no Sudoeste. Crédito: Arquivo CTJ.

Lado a lado ao ensino regular

A partir dos anos 2000, as escolas particulares sentiram a necessidade de aprimorar a oferta de ensino do inglês para seus alunos. Por isso, passei a ser procurada por algumas escolas de educação básica para levar o inglês da Casa Thomas Jefferson para dentro da grade curricular das escolas. “Foi o início do estabelecimento da parceria com as escolas privadas. Levamos o inglês da Thomas para a grade curricular de escolas como Maria Auxiliadora, Rogacionista, Dromos, Moraes Rêgo,” explica Paula Pacheco, na época coordenadora de projetos especiais e hoje Gerente Corporativa de CSC.

Para poder atender ainda mais escolas, criei um novo modelo de serviço, a que chamei de Postos Avançados. O projeto tinha como objetivo montar pequenas unidades da Casa Thomas Jefferson dentro dos colégios, para atender os alunos no contraturno das aulas regulares. Esse projeto começou a ser implementado em 2008, na abertura simultânea dos postos avançados no Colégio Santo Antônio e no Le Petit Galois. O modelo de aulas no contraturno foi um sucesso, e acabou sendo replicado em diversas outras escolas.

O objetivo principal é garantir, no contraturno da escola parceira, a mesma qualidade do serviço ofertado nas unidades próprias da Thomas. Os professores que trabalham dentro das escolas contam com os mesmos recursos tecnológicos e o mesmo material didático. Já os alunos têm acesso a todos os nossos eventos e atividades extracurriculares. Frequentemente é feita a medição de alguns indicadores, como índices de aprovação e notas, para atestar a qualidade do serviço nos postos. Os resultados são sempre avaliados pelo time acadêmico.

Ah, como eu amo participar da vida dos alunos das escolas onde estou inserida! É sempre uma oportunidade incrível fazer parte da educação dos jovens que vivem nessa cidade que amo tanto!

Apoiando empresas de todo o Brasil

As soluções para empresas, cursos ofertados para agências do governo e entidades privadas, começaram a ser ofertadas a partir de 2007. Historicamente, os cursos mais procurados por esse público, além do inglês geral, foram os preparatórios para exames de proficiência internacional, conversação ou ainda inglês para negócios.

Muitos clientes importantes já estudaram conosco, dentre eles podemos citar o Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Justiça, CINDACTA, EMBRAPA, SEST SENAT, Secretaria Geral da Presidência da República, FNDE, AMIL, Centro Paula Souza, entre muitos outros.

O inglês é o idioma oficial no mundo corporativo. Ter colaboradores fluentes na língua inglesa significa ampliar as oportunidades de negócios de qualquer empresa. Justamente por isso, também acompanho a formação e a aplicação de testes para equipes em empresas em todo o Brasil.

Os cursos oferecidos para o ambiente corporativo podem ser adaptados para a realidade de cada equipe. Por exemplo: podem ter foco em inglês geral ou em conteúdos específicos, como negócios, oratória, direito, turismo, gastronomia, aviação e preparatórios para exames internacionais.

O objetivo é trazer segurança para quem quer avançar nos negócios, conquistar novos degraus na carreira e se sentir capacitado para falar inglês em apresentações ao redor do mundo, por exemplo.

As aulas podem acontecer na empresa (In Company), em uma das minhas unidades ou nas modalidades online, com um mix entre estudo autônomo e aulas ao vivo online com nossos professores. O melhor de tudo, como sempre, é que são soluções adaptadas para a realidade do aluno, que recorrem ao melhor da inovação e tecnologia.



Boas lembranças

O ex-diretor John Dwyer, diplomata norte-americano e notável intelectual, foi diretor da Casa Thomas Jefferson, entre 1987 e 1988. “Foi o melhor ano da minha carreira diplomática”, enfatizou ele em um texto sobre a instituição, escrito alguns anos depois de seu período na direção. No mesmo texto, Dwyer ressaltou a preparação de professores e o serviço de aconselhamento de alunos, além da Instituição ser pioneira na introdução de tecnologia em sala de aula e no currículo de ensino da língua inglesa.

“A Casa Thomas Jefferson é hoje um farol de ensino da língua e de atividades culturais e intelectuais para Brasília”. John Dwyer aposentou-se do serviço diplomático como ministro conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos em Roma em 2006, tendo deixado, no entanto, grandes amigos no Brasil.

**Nada pode substituir a alegria, o dinamismo,
o espírito e a iniciativa que me vêm à mente
quando penso na Casa Thomas Jefferson**

John Dwyer,
ex-diretor da Casa Thomas Jefferson



Unidades da Casa Thomas Jefferson, Asa Sul (1), Asa Norte (2), Lago Sul (3), Taguatinga (4), Sudoeste (5) e Águas Claras (6)

Um farol para Brasília

Quando completei 50 anos das minhas atividades, no ano de 2013, a estrutura da Casa Thomas Jefferson já era única, dificilmente encontrava algo similar no Distrito Federal. Os nossos números do início do primeiro semestre já revelavam o tamanho do exército recrutado para as áreas acadêmica e administrativa. Até então, já éramos 244 professores e estagiários na área acadêmica e 208 funcionários administrativos naquele ano, incluindo também os estagiários desta área.

E número de alunos, então?! Mais impressionante ainda: éramos 12.161 nas unidades próprias da Casa Thomas Jefferson e 5.172 nos postos avançados, empresas, órgãos governamentais e escolas conveniadas, totalizando 17.333 estudantes.

De lá pra cá, nesses últimos 10 anos, mais e mais transformações se deram em meus espaços, ao lado de alunos e profissionais incríveis. Vamos revisitar esses momentos juntos? Vamos sim!

Laboratórios das unidades de Águas Claras, Taguatinga e Asa Norte
(cima p/ baixo).



Embaixada dos EUA

Parceiros de muitas gerações

Ao longo dos anos, eu, as equipes que trabalham comigo e a Embaixada Americana pudemos, juntos, espalhar inúmeros projetos e programas por toda a parte do Distrito Federal e do Brasil, promovendo um rico intercâmbio cultural entre os países e celebrando muitas histórias e conquistas em diversas áreas como cultura, educação e cidadania.

Somos parte de programas famosos no mundo inteiro, como o *Youth Ambassadors*, parceria entre a Secretaria de Educação e a Embaixada dos Estados Unidos, que tive a oportunidade de me aliar. Todo ano, meu palco recebe de braços abertos diversos jovens alunos de escolas públicas do DF, que passam por um processo de seleção para ganhar bolsas anuais do programa, que normalmente ocorre no primeiro mês de cada ano.

Após realizarem as provas escritas e passarem por entrevistas, os estudantes recebem minha equipe em sua casa para pensarmos juntos na sua ida ao Estados Unidos. Uma oportunidade e tanto de experimentar uma cultura diferente e aprimorar suas habilidades comunicativas, criar uma rede de conexão profissional e também experienciar uma rica troca cultural.

Outro programa anual que realizamos em conjunto com a Embaixada é o *English Immersion Program*, que acontece todo mês de julho. E você não vai acreditar: nesse projeto, 130 alunos – sim, eu disse, 130 alunos! – de escolas públicas de todo o país têm a oportunidade de passar uma semana em Brasília! E eles não vem aqui só pra estudar a língua inglesa, não!



English Immersion Program.

Nessa semana, os adolescentes são imersos em um universo de educação e cultura de alto nível, discutindo os problemas sociais de suas comunidades, tendo aulas inovadoras de design thinking, fazendo estudos comparativos da realidade social brasileira e norte-americana, e desenvolvendo projetos sociais práticos para trazerem retorno às suas cidades.

Durante muitos anos, me aliei à Embaixada Americana para oferecer o Programa Access, programa de bolsas oferecido em mais de 86 países. No Distrito Federal, tivemos mais de duzentos alunos de escolas públicas em várias edições do projeto. Nele, os alunos entravam em contato com seus valores humanos e de cidadania, indo muito além da fluência na língua inglesa.

E não foi só pelo centro-oeste que levei o Programa Access. Ele foi estendido também a alunos das escolas públicas de Belo Horizonte, e alunos da cidade de Uberlândia. E, acreditando que quem ensina também aprende, ofereci uma edição do programa para professores de escolas públicas, bem como para alunos de pedagogia e letras.

Mas, se você acha que paramos por aí nessa parceria, tem muito mais! Junto com a Embaixada Norte-Americana, também criamos um programa com foco no desenvolvimento de professores de inglês da rede pública de ensino, iniciativa que não apenas passou pelo DF, mas também tomou proporção nacional com vários outros Centros de Línguas, originalmente conhecido como *PSTDP - Public School Teacher Development Program*. O programa passou por uma atualização e revisão e passou a se chamar *BRITE - Brazilians Innovating on the Teaching of English*.

A partir do *BRITE*, mais de 100 professores de inglês de escolas públicas do Distrito Federal puderam revisar sua prática de ensino com novas metodologias, discutindo soluções para as dificuldades enfrentadas em escolas públicas, e praticando suas habilidades linguísticas. Dessas inovações tão importantes trazidas pelo programa, esses profissionais também passaram a estudar a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e discutir como o ensino de línguas estrangeiras pode ser modernizado no ensino público de todo o Brasil.

Com tantos anos de parceria, ainda desenvolvemos inúmeros outros projetos como o *Achieving 21st-Century Skills* e o *FuturaED*. A lista do impacto dessa parceria dos Estados Unidos com o Brasil é extensa e comprova que sempre estive certa em apostar na educação de forma conjunta. É assim que marcamos gerações e ultrapassamos as fronteiras entre países: com o propósito de ensinar e aprender mais, ano após ano.

No decorrer de quase seis décadas de parceria, tive a alegria de ser reconhecida pela Embaixada dos Estados Unidos pelo ensino de inglês e promoção da cultura americana em diversos momentos ao longo da nossa jornada. Sou eternamente grata por essa troca tão rica de conhecimento!

Em 2015, um dos reconhecimentos mais recentes chegou também pela Embaixada, que consagrou nosso espaço como um *American Space*. Para a Embaixada, os espaços americanos são espaços físicos locais para residentes estrangeiros se conectarem com pessoas, ideias e os Estados Unidos através da colaboração e do autodescobrimento. Os Espaços Americanos – assim como os Estados Unidos como um todo – estão comprometidos com um princípio básico específico da democracia: o acesso livre à informação. Que honra receber esse título oficial!

Pioneirismo em educação *maker*

Em 2014, comecei a desenhar, em parceria com o Departamento de Estado dos EUA e com a aliança de museus Smithsonian Institution, a construção de uma sólida cultura de inovação com o projeto Achieving 21st Century Skills. Com ele, procurei disseminar o **movimento maker** (*maker movement*) entre a rede de Centros Binacionais pelo Brasil com o objetivo de enriquecer os programas e aulas oferecidas às comunidades onde esses centros estavam localizados.

Tudo começou com uma ligação de Elenita Tapawan. Elenita ocupava o cargo de Regional Information Resource Officer (RELO) na Embaixada Americana de Brasília e ligou para nossa diretora-executiva Lúcia Santos oferecendo subsídios para inovação do Resource Center (RC) e para a criação de um espaço *maker*. Carla Arena, especialista em inovação na época, foi convidada para iniciar o projeto e formar a equipe que viria a trabalhar nos novos espaços. Daniela Lyra, professora que na época já demonstrava ter um pensamento *maker* foi convidada a participar do projeto. Soraya Lacerda, bibliotecária por formação, foi contratada para gerenciar o novo espaço e assim nasceu o nosso Thomas Maker. Para trazer ainda mais inovação para os Resource Centers, também contamos com Wander Filho para fazer das nossas bibliotecas novos espaços de integração, colaboração e comunicação.

Foi assim que para cumprir com a missão de conectar pessoas a outras pessoas, ideias e cultura americana, foi inaugurado o espaço **Thomas Maker**, em agosto de 2016. O propósito era incrível como sempre, mais inovador do que nunca: aprender novas habilidades e desenvolver capacidades para transformar não só a forma de aprender, mas também de ensinar. Para conhece melhor a atuação da Thomas no movimento *maker*, confira o **Capítulo 4 - Inovar para Educar**.

O modelo foi inspirado em *makerspaces* de bibliotecas, escolas, universidades e museus americanos, e buscava promover além do aprendizado mais ativo, o engajamento de empreendedores locais em atividades e projetos promovidos pelo Thomas Maker, não só como participantes, mas também como parceiros e facilitadores. Assim, o Thomas Maker conta com uma equipe multidisciplinar e altamente capacitada desde a sua inauguração, para difundir as práticas e o modelo mental *maker*.

Como parte do meu coração aprendiz e inovador, o Thomas Maker busca junto com a colaboração de pessoas e instituições, na co-construção do conhecimento e o compartilhamento do aprendizado, viabilizar uma cultura ampla e inclusiva de ponta. Assim, me orgulho desse ensino interdisciplinar com crianças, adolescentes e adultos que aprendem a pensar criativamente soluções para desafios complexos através dos encantos das ciências e artes.



Chegada a solo mineiro

Em 2018, cheguei em Uberlândia (MG) – ou “Bêrlandia”, para os mais íntimos – com muito orgulho e ansiosa por novos desafios. Com 1.000m², nossa nova unidade contempla 12 salas de aula com capacidade para receber até 1,5 mil alunos, além de espaço gourmet, teatro infantil, recepção e área para eventos.

Essa estrutura conta ainda com biblioteca aberta ao público, com acervo em inglês, computadores, *e-readers*, um espaço kids e um *makerspace* bilíngue com impressora 3D, microcontroladores (como Arduino) e óculos de realidade virtual.

A minha nova casa na cidade mineira é um ambiente em que os alunos e a comunidade criam, experimentam e aprendem na prática por meio de projetos, oficinas e workshops, organizados pela minha equipe e parceiros. A instituição ainda oferece treinamentos diversos, formações técnicas e cursos de especialização.

Além de ensinar a língua inglesa e se preocupar com o fator social, nossa unidade instalada na cidade mineira também agrega a difusão da cultura como um dos seus pilares, por acreditar que a arte agrega valor ao conhecimento dos alunos e da comunidade.

Por isso, realiza, com frequência, eventos culturais, artísticos e de entretenimento, promovendo o intercâmbio das tradições brasileiras e americanas com eventos gratuitos e abertos ao público.

Assim, a Unidade Uberlândia permite a interação entre a escola e a comunidade em geral, com esse caldeirão de maravilhas que envolvem os estados do nosso país e dessa escola, no coração do triângulo mineiro.



Show da Banda Venosa na Unidade de Uberlândia.

Fazendo história na vizinhança

Em 2019, iniciei as minhas atividades em Goiânia (GO). Essa mudança foi um importante marco para mim, já que foi a segunda vez que me aventurei e decidi expandir minhas atividades, Brasil afora. A minha chegada nesta capital aconteceu dentro das escolas parceiras Educandário Vila Boa e Colégio Omni.

O Educandário Vila Boa é uma tradicional escola de educação infantil e ensino fundamental. Por alguns anos, fiquei responsável pelo inglês intra-curricular dos alunos da educação infantil (Jardim I e II) e do primeiro ano do Ensino Fundamental. Hoje, todos os alunos contam com meus cursos no contraturno. Atendemos também os alunos de Ensino Médio do colégio Átrio.

Já no Colégio Omni, outro colégio tradicional de ensino fundamental da cidade, a minha instalação também acontece por meio de um posto avançado dentro da escola que oferece os cursos Junior, Teens e Classic e atende alunos de todas as séries no contraturno. Esse tipo de modalidade que ofereço ajuda muito as famílias, já que permite que os alunos façam um curso de inglês de qualidade dentro da própria escola.



Educação bilíngue para todo o Brasil

Em 2016, uma das minhas escolas parceiras me contou sobre a necessidade de oferecer um modelo de ensino que pudesse ser entendido como um programa bilíngue, a pedido de um grupo de pais interessados em oferecer mais do que um curso de línguas – uma opção mais abrangente com uma carga horária maior.

E lá fui eu, olhar novamente as possibilidades que o mercado educacional nos oferecia. Busquei aproximar ao máximo a proposta da educação bilíngue de forma democrática, antes restrita às escolas internacionais e às classes mais privilegiadas. Então, agora, esse ensino no qual a língua não é somente o objeto de estudo, mas também a exploração de conteúdos acadêmicos e culturais, foi expandido para outras escolas e classes sociais, ajudando os alunos a se tornarem cidadãos globais do século XXI.

Olhei para a minha vasta experiência no treinamento e desenvolvimento de professores: nossos programas internos de incentivo ao contínuo aperfeiçoamento profissional; nossos cursos de formação com os programas em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos, que oferecem qualificação aos professores de inglês da Secretaria de Educação do DF e de outros estados há mais de 45 anos; nossas práticas de observação e monitoria de sala de aula com objetivo de desenvolver o professor e sua prática pedagógica; nossa tradição de estabelecer uma rede de apoio e troca de conhecimento entre os professores.

Com toda essa jornada de sucesso percebi, sem falsa modéstia, que era a hora de dar um passo a mais e levar o que tinha de melhor aqui dentro de mim para nossas escolas parceiras e, quem sabe, para todo o Brasil. Assim, nascia o *Thomas Bilingue for Schools*, um programa bilíngue feito de escola para escola.

O programa *Thomas Bilingue for Schools* dá todo o apoio às escolas brasileiras que querem garantir a excelência no ensino da língua inglesa. Ao adotar o programa TB, a escola passa a ter cinco aulas de inglês por semana, ou seja, aula de inglês todos os dias letivos. Os professores são avaliados e treinados por nossa equipe de especialistas e acompanhados durante todo o ano, por meio de observação de aulas. Além disso, o professor utiliza planos de aula desenvolvidos por nossa equipe e alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Confira mais detalhes sobre o programa **Thomas Bilingue for Schools** no **capítulo 4 – Inovar para educar**.



Fachada da futura Unidade Goiânia (GO).

Novos horizontes

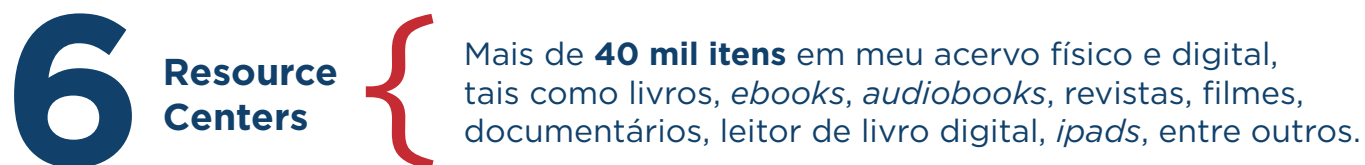
Um dos meus maiores orgulhos de ser Casa Thomas Jefferson é a certeza de que nunca vou cansar de me desafiar. Crescer e me expandir faz parte do meu DNA! E por isso, uma das minhas alegrias nesse aniversário de 60 anos é poder compartilhar que estou – novamente – em expansão.

É com muito orgulho que compartilho com vocês a abertura da sétima unidade Casa Thomas Jefferson, localizada em Goiânia (GO), com data prevista para abertura em agosto de 2023.

Este será um ambiente estimulante e acolhedor, localizado no Setor Marista, um dos bairros mais valorizados da cidade.

Nossa equipe sempre sonha alto porque somos muito mais do que uma escola de inglês. Há quase 60 anos, ensinamos crianças, jovens e adultos, desenvolvendo profissionais e promovemos eventos culturais com excelência. E, felizmente, vem muito mais por aí. Vamos juntos nessa aventura?

60 anos de cultura e educação



Crescemos juntos e crescemos muito!

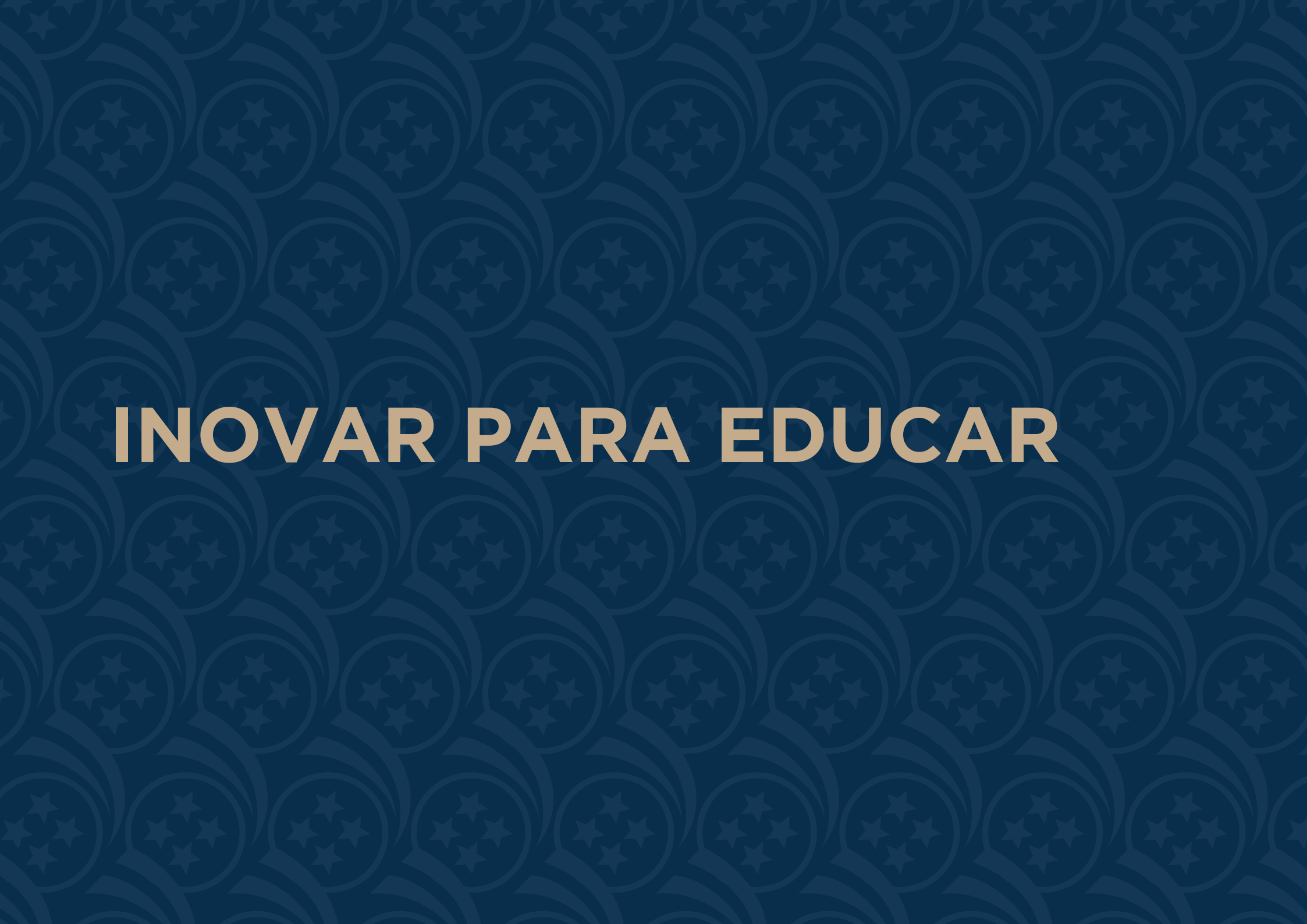
O crescimento é sempre notável para qualquer um que conheça minha história. Mas a qualidade do ensino Casa Thomas Jefferson continua sendo a mesma, mesmo após seis décadas de história.

“Em outras cidades, em escolas grandes, muitos professores não se conhecem devido à diversidade de horários. Aqui, em razão da organização frequente de seminários, *“workshops”* e eventos socioculturais, dos quais todos participam, os relacionamentos ocorrem com naturalidade”, explica Lucia Santos, nossa atual diretora.

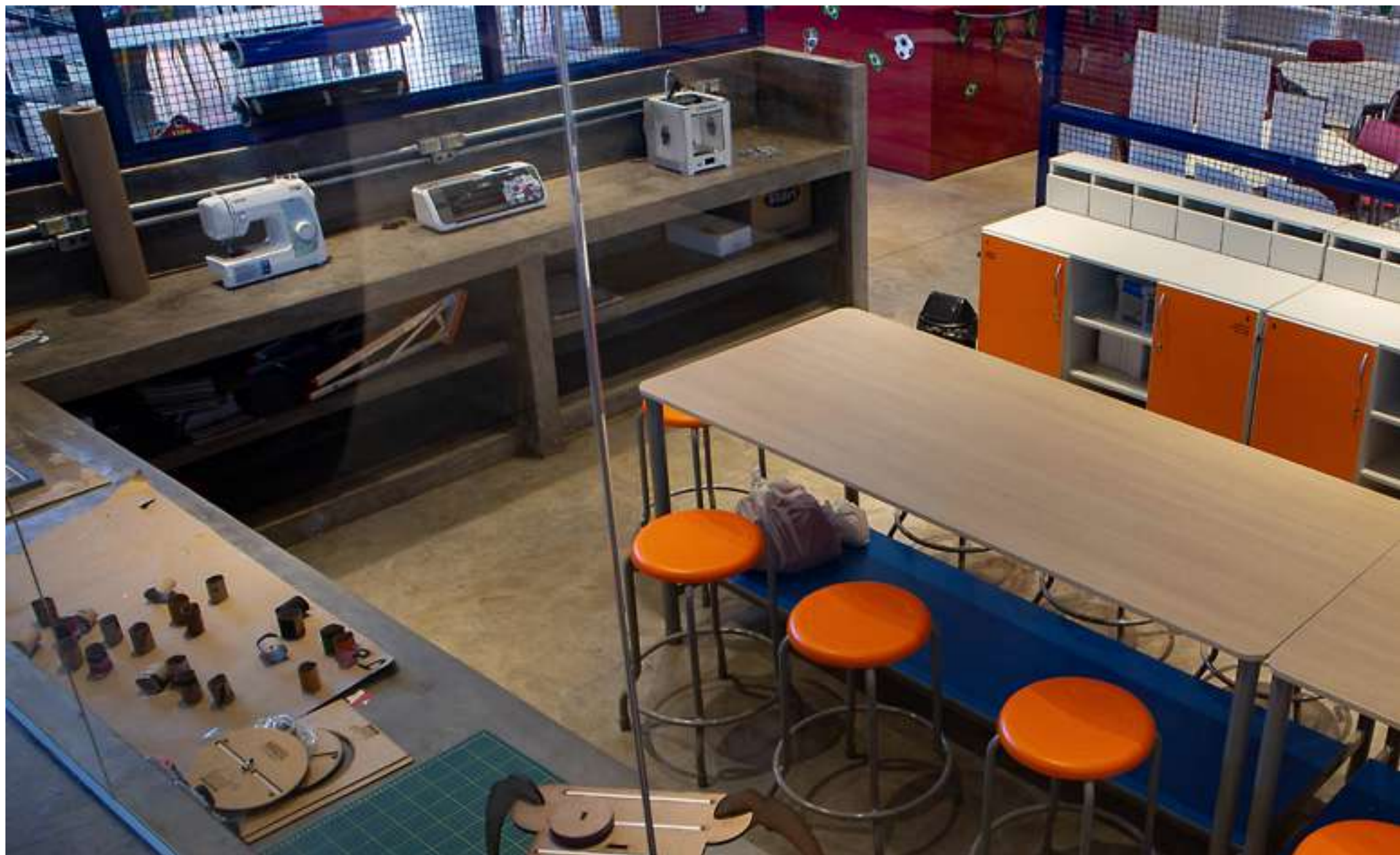
Ela destaca a unidade entre as filiais: “É a mesma equipe”. Literalmente, boa parte dos professores se reveza entre filiais e postos avançados. Do ponto de vista arquitetônico, as filiais diferem entre si, mas guardam certas características comuns, como o mesmo espírito de inovação tecnológica inserida em sala de aula e o método de ensino sempre direcionado para o futuro.

Onde quer que eu vá, todos têm o mesmo sentimento: sou Casa Thomas Jefferson, 100% a mesma excelência, em todas as unidades! É um orgulho, para mim, saber que sou reconhecida dessa forma, mesmo depois de tantos anos. Então, que venham aí: mais crescimento e mais anos de vida.

4

The background is a dark blue field filled with a repeating pattern of overlapping circles. Inside each circle, there are five smaller stars arranged in a pentagonal pattern. The circles and stars are a slightly lighter shade of blue than the background, creating a subtle, textured effect.

INOVAR PARA EDUCAR





Com o passar dos anos, me tornei conhecida no Distrito Federal e nos diversos estados do Brasil por onde passei, por minha capacidade de me transformar, expandir e aprender sobre as melhores e mais atualizadas metodologias educacionais.

O orgulho é grande, já que hoje sou a Casa Thomas Jefferson, uma das escolas mais premiadas e reconhecidas nos últimos 60 anos de minha história.

Quero te contar agora os motivos que fazem com que eu e todos que estão ao meu lado sejamos conhecidos por tal excelência. Prepare-se para se aventurar comigo por um universo onde não há limites para inovação em educação. Seja bem-vindo ao jeito Thomas de educar!

Gerações de amor pela cultura

A Thomas das Amélias, da Marta, do Leonardo, e da Flávia

O encanto por aprender novas línguas é um legado geracional passado de mãe para filhos na família Diniz. Guiados por uma matriarca profundamente dedicada aos estudos e ao acúmulo de novos conhecimentos, essa família se apaixonou por conhecer o mundo juntos.

Dona Amélia é uma mulher muito ativa: aos 91 anos, se orgulha de já ter viajado muito, de ser uma amante da literatura, por ter se graduado pela segunda vez e pós-graduado depois dos 80 anos, e pelo domínio do francês e do inglês. “Gosto de aprender, manter sempre a mente em movimento”, conta, sorrindo.

As paixões da matriarca influenciaram, em especial, duas filhas de Dona Amélia. Marta e Amélia tornaram-se professoras e já acumularam mais de 40 e 25 anos de sala de aula, respectivamente. “Minha mãe é uma referência para toda a família. Acho inspirador que ela tenha uma mente tão ativa com sua idade”, afirma Marta Diniz de Rezende. “Sempre tivemos prazer em aprender e uma facilidade grande para as línguas”, conta Amélia, que ganhou o mesmo nome da mãe.

“Era muito divertido ir para a Casa Thomas Jefferson e ter uma rotina de troca entre irmãos.” – Amélia

Isso porque, ao todo, eram sete filhos e nem todos poderiam estar matriculados na escola. Assim, os mais velhos ficavam com a responsabilidade de passar adiante as experiências na escola e instigar o desejo por aprender inglês nos mais novos, como brinca a matriarca Amélia. “Comecei a estudar na Thomas com 12 anos. Aos 19, fui con-

vidada para dar aulas. Acredito que os planos de minha mãe deram certo”, brinca Marta.

Amélia, irmã mais nova de Marta, lembra com carinho dos primeiros anos na Casa. “Eu falava frases decoradas que não tinha nem ideia do que significavam. Ainda não falava inglês, mas já sabia repetir”, afirma Amélia sobre a infância.



Uma família apaixonada pela língua inglesa, inspirada pela matriarca Amélia (sentada, de verde). Da direita para esquerda: Leonardo, Evaldo, Bernardo, Rafael, Artur, Pedro, Eduardo, Renata, Roberto (em pé); Flávia, Roberta, Amélia, Isabela, Amélia, Marta e Raymundo (à frente)

Aprender, crescer, expandir

A história dessas duas irmãs têm algo em comum: a relação com o inglês e com a Casa Thomas Jefferson foi caso de amor à primeira vista. “Me formei em Serviço Social mas nunca trabalhei na área porque o inglês começou a fazer parte da minha vida em tempo integral”, conta a professora Amélia. Marta acredita que muito do seu crescimento pessoal esteve atrelado também ao crescimento da Casa Thomas Jefferson.

“Acompanhei todo o crescimento da Casa, vi várias unidades ‘nascerem’. E sempre me vi crescendo junto, já que a Casa também sempre investiu em mim, em minha formação, em minha atuação ativa em congressos, e por aí vai.” – Marta

Marta e Amélia orgulham-se, em particular, de terem visto vários de seus alunos tornarem-se professores e supervisores respeitados na instituição. “Conhecemos pessoas de diversas idades nesses anos de sala de aula. Alunos entre 3 e 80 anos. Muitas das crianças voltaram, anos depois, como professores, trilhando novos caminhos. O inglês abriu a mente e o mundo para essas pessoas. Saber que fizemos parte disso é muito gratificante”, conta Amélia.



De mãe para filhos

Como você pode imaginar, a influência das educadoras não se resumiu às salas de aula. Repassando o legado da matriarca Amélia, as professoras seguem inspirando netos e bisnetos a estudarem inglês na Casa Thomas Jefferson. Leonardo, 24, e Flávia, 21, filhos de Marta, são um bom exemplo disso. “Eu falo bem inglês, sempre que posso estou praticando”, conta Leonardo, que é apaixonado por viagens como sua avó.

“Entramos na Thomas muito novinhos”, lembra a jovem Flávia. Ela afirma que seu primeiro grande desafio com a língua foi um verdadeiro sucesso. Durante uma viagem com a família à Califórnia (EUA), aos 11 anos, ela tirou de letra a conversação e não recorreu ao português, mesmo estando um pouco insegura em testar suas habilidades. “Chegou o momento em que eu estava sem minha mãe por perto e precisei me virar. Mantive uma conversa inteira e foi muito gratificante ver que eu estava pronta”, lembra com alegria.

Educação Pioneira

Criar o futuro é possível. Um futuro melhor, pautado pela inovação na educação: é o que acredito. Todos os dias, penso nessa missão, buscando me desafiar sobre novas formas de encontrar essa resposta em meu trabalho. Ao longo das últimas seis décadas, acredito que construí, ao lado de pessoas incríveis, uma história de amor pela educação e cultura que me fez ir muito além e ser muito mais que uma escola de inglês.

Apostar na educação bilíngue, na formação para o mercado de trabalho e para a vida, na formação integral do ser humano e da comunidade é também, para mim, participar de uma experiência singular que tem marcado gerações nas cidades onde estive e ainda estou.

O futuro é uma aventura bilíngue!

Aprender um segundo idioma possibilita a transformação a partir de uma multiplicidade de valores, criando novas formas de pensar e de compreender o mundo. A primeira infância é uma época em que as habilidades linguísticas se desenvolvem muito rapidamente. Por isso, o aprendizado de uma nova língua aumenta a flexibilidade mental para avaliar questões complexas e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Além disso, o cérebro desenvolve o raciocínio lógico e a capacidade de resolução de problemas.

Por isso, criamos um espaço inclusivo e divertido no centro do processo de ensino-aprendizagem. Com uma abordagem única e inovadora, que estimula a curiosidade cultural, nossas crianças são familiarizadas com os sons, as estruturas e o vocabulário básicos da língua inglesa e desenvolvem a autoconfiança na produção do idioma.

Eu acredito que o aprendizado pode ser também uma grande aventura! Quando o aluno se torna protagonista da sua aprendizagem e se aventura em experiências lúdicas cheias de descobertas e criatividade, a aprendizagem é potencializada. Dessa forma, apostei fortemente em um ensino do inglês construído a partir da curiosidade e da descoberta.

Além disso, eu e centenas de profissionais que passaram por minha história, sempre procuramos proporcionar experiências multidisciplinares e culturais, de forma personalizada, criando desafios que ensinam o aluno a solucionar problemas reais através do pensamento crítico, colaboração, criatividade e comunicação.

Assim começa o futuro que quero escrever ao lado de todos os que me conhecem e apostam nesse sonho comigo, sempre olhando para o futuro.

Inovação e criatividade

Inovação, tecnologia e pioneirismo são minhas grandes paixões. Desde os primeiros anos de existência, os desafios nunca assustaram aqueles que apostam no ensino da língua inglesa por aqui. Se existia uma nova metodologia, o lançamento de um novo material didático ou novas ferramentas de ensino, eu estava lá, pronta para aprender e levar o melhor para meus alunos.

Todas as novas tecnologias – multimídia, computacionais, de programação e tudo mais – sempre foram minha paixão e nunca quis ficar para trás, um dia que fosse! Todos os professores usam a tecnologia de forma criativa para ampliar os caminhos para o aprendizado da língua.

O letramento digital é desenvolvido junto com o aprendizado do inglês. Pode apostar: tudo o que as escolas trouxeram de mais moderno para suas salas de aula, eu já estava na dianteira, antes mesmo de sonharem com a novidade. Os *games* aplicados à sala de aula ajudam no desenvolvimento de diversas habilidades, como atenção, interação, memória, raciocínio lógico, planejamento e tomada de decisão. Além disso, eles ajudam a criar um contexto significativo para o aprendizado da língua.

Muito além de tecnologias de última geração, apostamos juntos em projetos e fundamentos pedagógicos consistentes que melhoram o ensino e a aprendizagem. Ofereço aos estudantes a vivência de uma experiência cultural internacional, uma solução educacional completa e diferenciada que garante os melhores resultados – pode apostar que esse é um orgulho gigantesco de todos os que trabalham por aqui. Uma importante inovação pedagógica é a aprendizagem baseada em projetos, cujo propósito é encontrar uma solução para um desafio ou problema real.

O que é o Movimento *Maker*?

O Movimento *Maker* – também conhecido como Cultura *Maker* ou Ensino *Maker* – é uma metodologia ativa de aprendizagem baseada no conceito de faça você mesmo. Ou seja, os alunos aprendem novos conhecimentos com atividades práticas que envolvem tentativas de erros e acertos, sendo uma importante maneira de desenvolver as habilidades de resolução de problemas.

O pensamento *maker* pode ser aplicado a todas áreas do saber, não só ao ensino da língua, contribuindo para o aprendizado de conteúdos diversos.

As metodologias ativas de aprendizagem têm ganhado protagonismo na educação brasileira por dar autonomia aos alunos no desenvolvimento estudantil. Os métodos *maker* de ensino estimulam o estudante a desenvolver objetos, seja com equipamentos ou de forma manual. Com isso, dá a possibilidade do aluno elaborar soluções criativas e colocar em prática ensinamentos teóricos!

Uma mente à frente de seu tempo

A Thomas da Carla

O que faz uma funcionária pública, feliz em sua carreira como servidora, pedir exoneração às pressas para assumir uma aventura nunca imaginada? Em primeiro lugar, a vocação no ensino e uma enorme devoção pela língua inglesa. Em segundo lugar está a vontade de fazer a diferença e descobrir novas formas de se relacionar com o mundo.

Pode parecer um conto heroico, mas na verdade trata-se de um resumo da vida de Carla Arena de Aquino, 50, ex-aluna da Casa Thomas Jefferson que descobriu ali, nos ambientes da escola, seu verdadeiro futuro como educadora. O sonho da criança bolsista – na época, com apenas 8 anos – de estudar inglês transformou-se no sonho da professora que dedicou cerca de duas décadas ao ensino.

“Nunca tive a pretensão de ser professora, até o primeiro dia em que entrei em uma sala de aula. ‘Cara, é isso o que quero fazer pro resto da vida’, pensei naquela hora, com meus vinte e poucos anos. E, para minha sorte, Katy Cox não desistiu de mim”, lembra Carla. Depois de ter dado aulas na Região Sul do país, ela voltou determinada a conseguir uma vaga como docente na Casa – vaga que tinha muita insegurança em pleitear novamente.

Depois de uma prova e do enorme desafio de dar uma aula para coordenadores renomados da Casa Thomas Jefferson, veio a boa notícia: “Carla, não precisa se preocupar. Seu retorno para Brasília está garantido: você tá contratada. Depois do carnaval, o RH vai preparar toda a papelada para seu início como professora”. Era a voz de Katy Cox, ao telefone, dando a grande notícia que mudaria o curso da vida de Carla.



Carla Arena busca sempre inovar nas técnicas de ensino. “Tive muito espaço para criar na Thomas.”



Paixão por inovar

O começo da jornada como professora começou em 1999, no Lago Sul, em Brasília. Mas logo todos viram que seu interesse por tecnologia e inovação era um diferencial que não poderia ser desperdiçado. “Logo fui convidada para ir para a matriz, onde assumi o cargo de supervisora de Tecnologias Educacionais”, relembra. A mudança foi muito benéfica, não somente para Carla, que via sua carreira crescer. Com sua chegada à Supervisão, diversas novas funções e grupos de trabalho se mostraram necessários na Casa. Ou seja: enquanto Carla crescia, a Casa crescia também.

“No fim dos anos 90 e começo dos anos 2000, a Thomas ainda tinha um site muito aquém do que poderia ser. Era uma época que isso ainda não era tão valorizado, mas decidimos fazer diferente”, lembra Carla. “Foi assim que assumi a responsabilidade de mudar tudo no online: site, começar os primeiros perfis nas redes sociais e os disparos das primeiras newsletters”, afirma.

**“Quem já passou pela Thomas
pode fazer qualquer coisa na vida.”**

A trajetória e os sucessos alcançados pelo trabalho da professora Carla culminaram em uma nova grande mudança de rumos na Casa Thomas Jefferson: em 2015, foi criado o Departamento de Inovação, que seria chefiado por Carla Arena e, logo em seguida, deu-se início à criação do *Makerspace* da Thomas. “Toquei tudo desde o começo, desde o primeiro projeto até acompanhar a construção do prédio, estive presente em todas as etapas de concepção desse projeto que é um orgulho para todos”, comemora.

Carla deixou a cadeira de professora em 2016, reconhecendo o imenso apoio que teve para atuar e se especializar. Ela acredita que sempre teve o completo apoio e a força necessária para tocar seus projetos inovadores, e que com certeza isso fez toda a diferença. “Fui evoluindo muito nessa área, descobrindo novos usos para as tecnologias educacionais. Tudo isso só foi possível porque me deram muito espaço para ser essa professora e líder que me tornei hoje.”

Atualmente, Carla ainda atua como consultora de Inovação, prestando serviços contínuos à Casa Thomas Jefferson. “Tenho uma carreira que me traz orgulho. Sou profissional e me sinto completa em tudo o que me propus a fazer. Devo muito a vocês, que fazem parte da Casa Thomas Jefferson”, orgulha-se Carla, com enorme sorriso no rosto.



Thomas Maker

De mãos dadas com a inovação pedagógica trazemos a educação *maker* com nosso Thomas Maker. O movimento *maker* (*maker movement*) desconstrói os padrões de atividades e marca a era do aprendizado colaborativo, do estímulo à criatividade e à experimentação, e resgata o conceito do “aprender fazendo”. Em parceria com o Departamento de Estado dos EUA e a rede de Museus Smithsonian Institution, o movimento foi iniciado por aqui e muito bem recebido por todos.

Foi criado um ambiente de aprendizado vibrante, inclusivo, aberto à comunidade, que conecta e transforma vidas por meio de experiências singulares. Desde então, o Thomas Maker se tornou referência nacional e internacional no ensino *Maker*. Inaugurado em 2016, o *Makerspace* foi o primeiro espaço do fazer educacional bilíngue da América Latina. Um espaço aberto à comunidade que une alunos, educadores, designers e entusiastas para muito aprendizado e realização.

Foram inúmeros projetos sociais ao longo dos anos como, por exemplo, o *Maker Day Brasil* que desde sua primeira edição, em 2018, buscou conectar parceiros, criadores e empreendedores locais à comunidade para divulgarem seus trabalhos, entrarem em contato com novas ideias, testarem novos projetos e trocarem experiências e aprendizados.

Outro programa pupilo dos meus olhos que fiz em parceria com a Embaixada foi o STEAM Power for Girls – grande projeto de imersão feminina no mundo da ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática. Além das oficinas de linguagem Python, design de experiência, técnica pitch e inteligência artificial, as meninas assistiram a várias palestras sobre empoderamento feminino e liderança.

Ao entrar nesses espaços, a comunidade tinha oportunidade de interagir, explorar, conhecer e se surpreender com as possibilidades de aprendizagem por meio de atividades que envolvem as áreas STEAM, além de temas como empreendedorismo, raciocínio lógico, pensamento crítico, design e, claro, inglês!

O Thomas Maker é um grande orgulho pra mim e soma grandes exemplos do sucesso da sua história como a formação de professores em metodologias ativas; diversos programas sociais na área de STEAM e inúmeros programas inclusivos e sociais em parceria com a Embaixada dos EUA.

O entusiasmo pela educação experiencial se expandiu pouco a pouco por toda a instituição. Hoje todos os *Maker Corners* espalhados pelas minhas unidades são ambientes de aprendizagem vibrantes, inclusivos – totalmente abertos à comunidade – e que oferecem eventos e atividades concebidos para estimular o desenvolvimento de habilidades do Século XXI (colaboração, pensamento sistêmico, pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas, competências STEAM) e para disseminar conceitos como o de empreendedorismo.

Por toda essa trajetória impecável, o Thomas Maker foi selecionado para participar do programa de Fellowship da Rede de Aprendizagem Criativa, em 2019 – uma parceria da Fundação Lemann e MIT Media Lab, o que aumentou ainda mais o seu alcance ao se tornar referência para educadores de escolas públicas em todo o Brasil.

Além de formações e apoio a educadores, o Thomas Maker oferece treinamento gratuito para uso das máquinas do espaço (impressora 3D, cortadora a laser, plotter de corte, máquina de costura etc).

Em 2020, um fato marcante da nossa sociedade mudaria a nossa programação. Com a pandemia da COVID-19, o programa foi todo adaptado para o novo contexto de distanciamento social. Apesar do espaço fechado para atividades presenciais, a equipe técnica do Thomas Maker colaborou de maneira ágil em projetos de resposta emergencial e imediata à pandemia produzindo, em parceria com o Laboratório Aberto da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, mais de nove mil e quinhentos face shields que foram distribuídos para toda a Rede de Saúde do Distrito Federal.

Mesmo com as portas físicas fechadas, o Thomas Maker inovou ao oferecer formação de professores em metodologias ativas (*maker-centered learning, project-based learning e challenge-based learning*). Em 2020, transformamos a certificação de Educador *Maker* em uma experiência rica e virtual.

No mesmo ano, o Thomas Maker, cumprindo o seu papel social e me representando em grande estilo, se juntou a outros dez Centros Binacionais em todo o Brasil, com o apoio da Embaixada dos EUA, para transmitir uma série de lives dentro do programa FuturED - O Futuro da Educação, iniciativa que contou com a participação de especialistas renomados do Brasil e dos Estados Unidos, com a intenção de democratizar e compartilhar conhecimento com o tema “como nós podemos fazer educação experiencial online”.

Por aqui, os nossos alunos são incentivados, desde cedo, a serem protagonistas de seu aprendizado, adquirindo as competências necessárias para um dia se tornarem donos de suas próprias histórias e sonhos. Um exemplo de atividade que desenvolveu esse tipo de habilidade foi o LiveZAÇO *Maker*.



Com 8 horas de transmissão, incentivou práticas mão-na-massa e o aprender brincando para plantar a semente desses futuros empreendedores. Um dos momentos marcantes desta live foi o momento de exploração do Pensamento Divergente, mostrando como o renomado educador e escritor americano John Spencer trouxe o Design Thinking para as telas do Zoom em atividades com crianças.



Metodologia STEAM: revolucionando a sala de aula

STEAM é um conceito que começou a ser utilizado por educadores a partir de 2013. É uma sigla que incorpora à educação os conceitos da ciência (science), tecnologia, engenharia, artes e matemática, com intuito de desenvolver nos alunos o pensamento crítico, o diálogo e a investigação de hipóteses.

Habilidades socioemocionais

Um estudante é um ser único, com diferentes necessidades de aprendizagem. Por isso, não há limites para seu aprendizado. Com essa filosofia, trabalhar com o autoconhecimento, o autogerenciamento, a consciência social, as habilidades sociais e a autoconfiança torna-se fundamental para uma formação integrada e respeitosa.

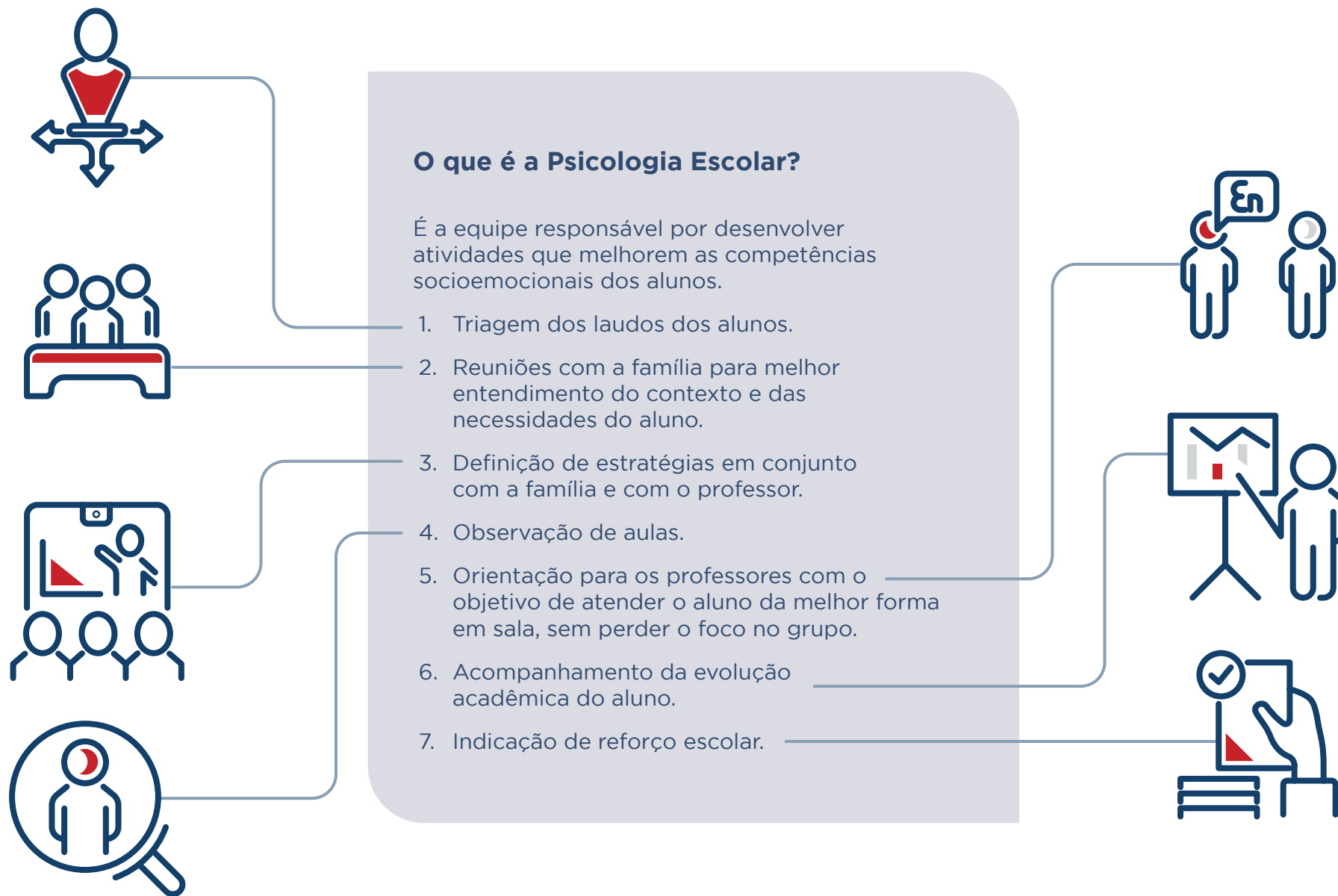
O desenvolvimento de competências socioemocionais serve para que crianças e adultos possam lidar melhor com suas emoções, levando a comportamentos mais equilibrados nas diversas situações do dia-a-dia. Por isso, a educação focada em aspectos socioemocionais ajuda a tornar nossos estudantes mais engajados no processo de aprendizagem e confiantes no potencial que possuem.

Acreditamos na importância do apoio psicopedagógico contínuo, e por isso contamos com uma equipe de Psicologia Escolar. Esse acompanhamento ao longo do ano letivo é importantíssimo para desmistificar as dificuldades de aprendizagem; mitos que têm levado à medicalização na educação e ao diagnóstico inadequado de muitas doenças.

Nossos profissionais especializados entendem que, ao atender às necessidades dos alunos com relação à aprendizagem de forma adequada, é possível ver que, em muitos casos, nunca houve algum tipo de transtorno ou patologia. Novamente, compreender que cada um aprende de forma única é um processo de respeito à individualidade dos alunos, não é mesmo?

Assim, através dos pilares emocional, comportamental, cognitivo e psicossocial, os alunos são atendidos de forma completa em sala, sem perder o foco no grupo e impulsionando a criatividade e atenção de todos.

Além disso, as salas e os ambientes da Thomas foram projetados para trazer conforto e segurança aos alunos. Tudo é pensado para isso! A decoração, a mobília e os materiais de apoio contribuem para o processo de aprendizagem e para o entendimento – não somente da cultura americana, mas também de outras culturas.



Empatia e transformação na sala de aula

A Thomas da Conceição

Letras, pedagogia e psicologia. Tantas áreas de conhecimento e de pesquisa no coração de uma mesma pessoa: a educadora Conceição Couto, 60, coleciona habilidades e amor por ajudar pessoas em seu crescimento pessoal.

Durante os 38 anos em que trabalhou na Casa Thomas Jefferson, a professora, psicóloga e psicodramatista didata assumiu para si o desafio de transformar a vida dos alunos e professores com quem trabalharia ao longo de sua jornada. “Sempre quis trazer essa multiplicidade de ideias para a sala de aula, unindo todos os conhecimentos que construí. Me vincular às pessoas sempre foi algo fácil para mim. Então, usei essa habilidade da melhor forma possível”, conta Conceição.

O poder empático e sensível da professora Conceição realmente fez a diferença nas três décadas em que ela atuou na Casa. Centenas de alunos foram assistidos, direta e indiretamente, pela profissional multidisciplinar. Conceição foi professora, supervisora de curso e desenvolveu o Serviço de Psicologia Escolar – em tempos em que não havia psicólogos escolares no Distrito Federal.

O resultado? Diversas histórias de vida foram mudadas, famílias foram encorajadas e, o mais importante, alunos em vulnerabilidade social ou neurodivergentes tiveram oportunidades ímpares de se desenvolverem nos estudos e em suas vidas pessoais, em uma época em que nem todas as escolas estavam adaptadas a essas realidades. “Alunos não se resumem a um laudo, a um diagnóstico, ou à situação social e financeira. Os alunos nos surpreendem quando saímos dessa limitação, quando damos oportunidades”, afirma.



Para Conceição, manter os alunos protagonistas do próprio aprendizado sempre foi o seu maior desafio e a melhor experiência.

Amor por ensinar

Toda a paixão de Conceição pela educação e pela língua inglesa nasceu quando ela era apenas uma jovem estudante, aos 13 anos. Ela estudava na Escola Classe 204 Sul, em Brasília. “Depois daquela aula, pedi aos meus pais para fazer aulas de inglês. Uma das poucas coisas em que fui chata na adolescência foi nisso: não tirei da cabeça que faria um curso de inglês. ‘Eu quero falar inglês, então eu vou falar inglês’, eu teimava”, relembra. Mais tarde, já uma jovem universitária, estudante do curso de Letras na Universidade de Brasília (UnB), Conceição teve a rica oportunidade de conviver com o universo múltiplo e diverso da academia.

Não demorou para que a futura professora de inglês começasse seu curso de formação na Casa Thomas Jefferson. “Lembro até hoje da minha primeira aula observada por supervisores. Lembro do nervosismo de começar a dar aulas para adultos, em 1982, quando eu ainda era tão jovem. Apesar de todo o medo, do frio na barriga, foi ali que tive confirmada a minha certeza de que dar aulas e ensinar seria, sim, uma possibilidade”, diz Conceição.

Educação = Inclusão

Com o crescimento dos projetos da Thomas em parceria com outras escolas, surgiu a necessidade de Conceição se especializar em psicologia escolar. “Começamos a atender mais alunos de diferentes classes sociais e com diferentes habilidades. Tivemos que nos adaptar

para atendê-los melhor”, lembra. Para apoiar os professores nesta nova forma de enxergar a prática pedagógica, Conceição começou a mudar, pouco a pouco, a cultura da escola. “Meu objetivo era acolher os professores e, por consequência, os alunos.”

Auxiliar alunos em seu aprendizado é, e sempre foi, um dos principais orgulhos da educadora. Ela conta algumas das vivências acumuladas na Casa Thomas Jefferson. “Durante vários meses acompanhei um aluno diagnosticado com grau severo de autismo. Ele fazia todas as provas comigo. Eu lia as instruções e perguntas, ele respondia. Ver ele finalmente conseguir, por vontade própria, fazer suas provas em grupo, me traz muito respeito pelo meu trabalho e pelo dos professores e professoras que trabalharam com ele até a conclusão do curso avançado.”

Durante vários anos, a professora Conceição atuou com alunos em vulnerabilidade social por meio da Rede Solidária Anjos do Amanhã, iniciativa criada pela Vara de Infância e Juventude que contou com a parceria da Casa Thomas Jefferson. Criado em 2006, o Projeto Anjos do Amanhã une os recursos disponibilizados pelo voluntariado às necessidades apresentadas por crianças e adolescentes atendidos pela Justiça da Infância e da Juventude. Durante o período de parceria, a Thomas ofereceu cursos de inglês para os jovens do programa.

“Nós, aqui do nosso lado, podíamos apenas supor o que essas pessoas atravessaram para chegar até uma sala de aula. Então, tudo o que estivesse em nossas mãos para que se sentissem bem-vindos, acolhidos e para que pudessem seguir estudando, faríamos”, conta a professora.

Aprimoramento de habilidades

O inglês é um dos idiomas mais falados do mundo e é fundamental para quem deseja alcançar novas conquistas. Por isso, me preocupo sempre em atender também jovens e adultos em uma jornada de aprendizado completa. Meu foco é garantir que o aluno viva o inglês e conquiste sua independência na língua.

O ensino é focado no desenvolvimento das quatro habilidades da língua.



Aqui, os alunos têm a oportunidade de experimentar aulas em ambientes diferenciados que fogem do padrão. Contam com espaço gourmet, galeria de arte e um espaço *maker* para trabalhar a criatividade e a experimentação, além, claro, de diversas modalidades de cursos, do nível básico ao avançado.

É sempre uma satisfação poder receber jovens e adultos nas salas de aula. Todas as aulas são focadas em situações autênticas e na aquisição das funções da língua e do vocabulário, essenciais para que o aluno possa interagir com outros falantes da língua inglesa em discussões de assuntos do dia a dia. A vida real pulsa em cada uma das salas!

Sendo a língua mais usada no mundo científico e no mundo dos negócios, falada em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas, a língua inglesa é nossa prioridade e queremos que todos aprendam com facilidade. Em todos os cursos, desejo preparar o aluno para a fluência e para ser um cidadão global.

Preparando para o mundo

E já que estamos falando em globo, que tal contar para vocês os esforços que tenho feito, ao lado dos melhores educadores, para garantir que vocês alcancem o mundo? Acredito que, quando se aprende inglês, quebramos barreiras em diversos âmbitos da vida. A língua está no nosso cotidiano e aprendê-la proporciona benefícios como: ter confiança para visitar um país estrangeiro, entender um filme ou a letra de uma música com áudio original, ter acesso a livros, artigos e materiais de estudos sem que estes percam sua essência. E isso muda a mente de uma pessoa!

O escritório EducationUSA Advising Office da Casa Thomas Jefferson é **fonte oficial de informação sobre estudos nos Estados Unidos**. Filiado ao Departamento de Estado Americano, o EducationUSA conta com equipe especializada para oferecer orientações e informações oficiais, abrangentes, atualizadas e imparciais sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos.

Aqui, orientamos sobre todas as etapas necessárias para acessar a educação superior nos EUA e oferecemos serviços de aconselhamento, traduções certificadas e biblioteca especializada. A cada ano, milhares de alunos encontram oportunidades de estudos nos EUA através dos Escritórios EducationUSA. Minha missão é facilitar o acesso a informações sobre oportunidades de estudo no ensino superior norte-americano.

Outro setor que auxilia nesse processo é o Departamento de Testes Internacionais (DTI), que **administra exames internacionais de proficiência na língua inglesa**, bem como certificações profissionais de organizações internacionalmente reconhecidas, tais como TOEFL, TOEIC, IELTS e muitos outros. Também sou credenciada como centro de aplicação de exames pela Cambridge Assessment English e ofereço a aplicação de exames desde os níveis básicos até o nível mais elevado.

É também a minha missão garantir que todos façam suas provas em um ambiente seguro, confiável e confortável. Contamos como uma equipe de profissionais treinados e salas especialmente preparadas e adaptadas para a realização de diferentes exames.

Além das certificações de bancas examinadoras internacionalmente conhecidas, o Departamento de Testes oferece serviço de administração de exames particulares, de acordo com a sua necessidade - esses são os exames customizados. Para qualquer aluno que precise realizar uma prova que deva ser supervisionada, eu posso ajudar!

E para ajudar nossos alunos a obterem sucesso, também oferecemos diversos **cursos preparatórios para esses exames de proficiência**.

Somos uma solução completa porque acreditamos que todos podem ir mais longe!

Para que serve uma certificação internacional?



Para fins de imigração.



Para permitir o ingresso em uma universidade no exterior.



Para concorrer a uma vaga de emprego no exterior ou mesmo dentro do Brasil.



Para concorrer a uma bolsa de estudos fora do país.

Educação online

Já te contei que tenho mais de 15 anos de experiência em ensinar pessoas a distância? Meus cursos online são reconhecidos pela excelência em todo o Brasil! Conto também com uma ampla rede de parcerias para atender alunos de outros estados, como empresas, órgãos governamentais e escolas públicas e privadas, em vários estados do país.

Compreendendo as necessidades da vida adulta, criei cursos online ideais para quem prefere estudar sozinho, no seu próprio ritmo. Estudo autônomo e professores de plantão para tirar suas dúvidas são a base dessa área de ensino por aqui! Pode confiar, estou bem conectada: o que há de melhor e mais moderno em técnicas de ensino e aprendizagem, eu tenho aqui.

Os cursos online formam alunos do nível básico ao avançado, e também de forma temática. Independentemente do nível de inglês do aluno, tenho o curso ideal, seja para aprender o inglês do dia a dia, seja para aprender de acordo com temas do interesse do aluno.

Um mundo de oportunidades

A Thomas do Sérgio, da Joalyda e da Glivânia



Joalyda: “Desde que conheci a língua inglesa eu soube: seria professora e ajudaria outros estudantes como eu a falar inglês.”

O que será que um ministro de Estado, uma professora de escola pública e uma diplomata têm em comum? Aparentemente, quase nada. Mas quando olhamos de perto a história de vida dessas três pessoas que vou te apresentar agora, entendemos como a língua inglesa pode abrir portas e mostrar horizontes cada vez mais distantes para quem tem coragem de se desafiar.

Sérgio Silveira Banhos é um advogado e jurista brasileiro que, desde 2017, ocupa o cargo de ministro do Tribunal Superior Eleitoral. Já Joalyda Formiga é professora de inglês no ensino fundamental, em Planaltina (DF), onde ensina crianças a se apaixonarem pelo inglês assim como ela. Enquanto Glivânia Maria de Oliveira já foi embaixadora do Brasil no exterior e atualmente é diretora-geral do Instituto Rio Branco. Várias histórias, um mesmo caminho.

Em profissões e com vocações tão diferentes, os três alcançaram seu sucesso e o sentimento de completude no ambiente de trabalho ao se dedicarem a vários anos de estudo, em diversas especializações, com muita força de vontade. E, claro, ao encararem o inglês não somente como uma segunda língua, mas como uma verdadeira inspiração profissional. Nessa trajetória, a Casa Thomas Jefferson esteve presente na vida dessas pessoas tão ilustres.

“A relação que tenho com a Thomas Jefferson é de extremo carinho”, afirma o ministro Sérgio Banhos. “Lembro até hoje das primeiras frases do nosso livro de inglês, aquela lição com um diálogo entre duas pessoas se conhecendo, o tipo de lição que todo aluno pratica no começo do curso. As frases estão gravadas em minha mente até hoje, tantos anos depois”, brinca Sérgio Banhos.



Sérgio Banhos é subprocurador-geral da Procuradoria-Geral do Distrito Federal, advogado e ministro do Tribunal Superior Eleitoral. Foto: TSE.

Para ele, é indiscutível o reflexo dos estudos e do apoio recebido pelos professores da Casa em seu crescimento profissional. “Guardo no coração o respeito por essa instituição que, com certeza, me levou a conquistar muito”, afirma, ao relembrar os primeiros anos de estudos na Casa, nos anos 70, e o mestrado feito na Inglaterra, vários anos depois.

“São mais de 50 anos na minha relação com a Casa Thomas Jefferson. Tenho reservas de carinho incontáveis, levo essa fase de minha vida em meu coração.” — Sérgio Banhos

Se para Sérgio Banhos a efervescência cultural e educacional vivida nas dependências da escola foram marcantes e repletas de importância, para Joalyda Formiga, foram completamente essenciais. Apaixonada pela língua inglesa desde a primeira vez que a ouviu ser entoada pelos professores da Thomas, Joalyda se dedica atualmente a ensinar inglês para crianças em uma escola pública. “Foi na Thomas que descobri meu futuro e minha maior alegria”, conta feliz, com largo sorriso.



Aos 12 anos, Jô participava das atividades lúdicas entre alunos na Casa Thomas Jefferson. Foto: Arquivo pessoal.

Com uma história de vida cativante, Joalyda conta que entrou na primeira turma do Kids, na unidade Sudoeste, onde o pai trabalhava como porteiro. “Como filhos de funcionário, nós tínhamos direito a bolsas de estudo. Eu e meu irmão entramos na Casa e nunca mais saímos”, relembra. “Eu amava aquele espaço. Não era apenas uma escola, ou o trabalho do meu pai. Era um lugar onde eu amava estar”, diz.

Para Joalyda, ter crescido nos corredores da Casa foi uma inspiração sobre educação e apoio a quem mais precisa. “Eu gostava tanto de estar na Thomas que, ainda muito novinha, eu já dizia que seria professora de inglês”, diverte-se a professora Jô Formiguinha, como alguns colegas a chamam. “Logo me dei conta que a educação de crianças como eu, periféricas e apaixonadas por estudar, esperando apenas uma oportunidade, seria algo que eu faria para sempre”, afirma orgulhosa.

Lembranças felizes

Se é para falar de boas lembranças, a diplomata Glivânia Maria guarda várias no coração. “Quando penso da Thomas, lembro dos meus 16 e 17 anos, chegando do interior de Minas, cheia de expectativas e sonhos para o futuro, e muito consciente da importância fundamental para aquilo que eu gostaria de fazer e de ser, de uma instituição onde eu pudesse aprender inglês”, relembra Glivânia, com muito carinho.



Em 2018, a diplomata Glivânia Maria de Oliveira foi indicada para chefiar a Embaixada do Brasil no Panamá. Foto: Geraldo Magela/Agência Senado.

Com o tom saudoso, ela relembra dos jardins, das salas de aula sempre animadas e de toda a movimentação efervescente nos corredores da escola. “Eu me lembro que eu ficava sempre atenta aos avisos e anúncios. E lá eu vi um anúncio de um programa de intercâmbio para os Estados Unidos. Esse era, absolutamente, meu sonho de vida”, conta.

Do preparo para as entrevistas à ida para os Estados Unidos; da escolha do curso superior à paixão pelas relações internacionais; do Instituto Rio Branco para o mundo: Glivânia é a prova viva de como um sonho pode nos levar a lugares nunca antes imaginados quando ouvimos nossa vocação chamando. “Uma coisa era absolutamente certa: eu nunca considerei ficar no mesmo lugar. Fui atrás do meu sonho, conheci o mundo e me alegro de saber que a Thomas foi um passo importante nessa descoberta”, afirma Glivânia. Para nossa sorte, o futuro da Glivânia foi promissor e, até hoje, nos orgulhamos muito de sua presença em nossas salas de aula.

“A Casa Thomas Jefferson sempre foi um espaço cheio de vida, repleto de oportunidades. Você não entra na Thomas Jefferson só para aprender inglês. Você entra para compreender profundamente uma nova cultura, para ter contato com outras experiências de vida. Isso teve um grande significado para mim.” — Glivânia



A professora Joalyda durante seu intercâmbio em Vancouver, no Canadá. Foto: Arquivo pessoal.

Escrevendo um novo futuro

Assim como Sérgio Banhos e Glivânia Maria de Oliveira, a jovem Joalyda se esforça para deixar sua marca na sociedade como uma boa educadora, preocupada com o futuro de seus alunos. Tudo começou quando ela assumiu uma vaga de professora substituta na rede pública de ensino. Hoje, ela ensina alunos do sexto ao oitavo ano do ensino fundamental.

“Na Thomas, eu sempre fui muito apoiada pelos professores, que garantiam que eu seria incluída e nada discriminada por meus colegas, às vezes mais avançados na língua do que eu e sempre em condições sociais mais privilegiadas”, ela lembra. E é esse mesmo cuidado que Jô se esforça para levar para a sala de aula. “Me preocupo que minhas aulas sejam pelo menos uma fração do que vivi na Thomas. Nunca reprimo a expressão dos alunos, sempre deixo que eles aprendam em grupo e incentivados a arriscar na prática oral, por exemplo. Meu objetivo é que todos se sintam com espaço para conversarem, serem ouvidos e se motivem pela língua, assim como eu”, diz.

“Aquele ambiente que vivi na Thomas, desde que sou criancinha, se tornou minha vida, minha inspiração.” — Joalyda Formiga.

Esse cuidado, para Jô, é uma chance oferecida aos estudantes. “Quando eu tinha 22 anos, fui incentivada por um professor muito especial a fazer um intercâmbio. Meus pais nem sonhariam isso pra mim. Me organizei juntando dinheiro no meu primeiro emprego e cheguei a Vancouver, no Canadá. Vencer essa insegurança foi algo determinante para minha carreira e meu futuro”, afirma Jô. Essa referência ajudou a moldar a professora que Joalyda é hoje. “Quero ser esse exemplo para meus alunos. Seria um sonho poder vê-los chegando num intercâmbio”, sonha a professora.



Primeira turma de Kindergarten da ONE School (2022).



ONE School

Chegando perto de completar meus 60 anos ensinando crianças e jovens, me senti pronta para assumir um novo desafio. Decidi ampliar meu escopo de contribuição social ao criar a ONE School, a primeira escola de educação básica da Casa Thomas Jefferson. Inaugurada em 2022, a ONE School surgiu a partir de uma demanda das famílias que desejavam que seus filhos tivessem, em tempo integral, o mesmo modelo de aprendizagem oferecido no curso *Bilingual Adventure*.

Assim nasceu uma nova escola, um novo modelo, com foco na abordagem da investigação como grande guarda-chuva a sustentar diversas metodologias ativas que colocam o aprendiz no centro do processo, resultando em alunos apaixonados por aprender e encantados pela escola. Foi a realização de um grande sonho!

A ONE School é uma escola brasileira bilíngue inspirada nas mais modernas práticas educativas, que tem como missão contribuir para a formação integral e a autonomia do indivíduo. Para isso, nos apoiamos no currículo brasileiro, orientado pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular – e no *Common Core State Standards*, um conjunto americano de padrões acadêmicos em matemática e em língua inglesa.

Bílingue e integral

A ONE School mantém o compromisso com o rigor acadêmico em todos os níveis de sua atuação, oferecendo uma **educação integral** e contribuindo para a formação e o desenvolvimento de cidadãos globais conscientes de seu potencial de transformação social. Além disso, sabemos bem que a **educação bilíngue** é um portal para o mundo! Na ONE School, oferecemos às crianças uma proposta de aprendizagem e de desenvolvimento de competências de forma integrada, em português e inglês, como linhas de comunicação e constituição da identidade do estudante, em todos os segmentos, desde a mais tenra infância.

“A ONE School é uma escola onde a alegria e a gentileza são cultivadas diariamente. É o sonho de toda família: uma escola onde a criança aprende verdadeiramente um currículo forte e ao mesmo tempo é respeitada, a partir da gentileza consigo e com os outros.”

Denise De Felice,
Diretora da ONE School





Com 50% das vivências diárias em inglês e 50% em português, o desenvolvimento bilíngue acontece tanto na linguagem do cotidiano, usada na socialização da criança, nos jogos, nas rodas de história, nas dramatizações, como nas atividades de investigação, comparação, sintetização, classificação, avaliação e inferência.

A ONE School conta com um grande diferencial: é a primeira escola de educação básica em Brasília com um ateliê inspirado na abordagem pedagógica nascida na província de Reggio Emilia, na Itália. Trata-se de um espaço que valoriza a expressividade e a criatividade.

“O espaço físico é propício para o diálogo e a conexão com materiais manipuláveis e diversificados, que fomentam a experimentação e a pesquisa. As experiências realizadas no ateliê enfatizam a importância da imaginação, da estética, das linguagens no percurso de formação e de conhecimento”, afirma Denise. “O propósito da ONE School, ao ter um ateliê, é de desafiar a criança a observar, a pensar

estratégias, a fazer escolhas, a criar, a resolver problemas, a formular hipóteses, entre outras habilidades essenciais para o seu desenvolvimento integral.”

A equipe pedagógica da ONE School é formada por profissionais com vasta experiência na área de educação bilíngue e com conhecimentos nos mais atuais estudos sobre ensino e aprendizagem. Os professores possuem o nível de proficiência linguística mais alto exigido para manter meu padrão de qualidade, mantendo respeito alcançado pelo nome Casa Thomas Jefferson.

A ONE School abriu suas portas em 2022 atendendo somente a educação infantil. Em 2023, passou a oferecer o *Year 1* (1º ano do Ensino Fundamental). As nossas crianças vão crescer junto com a escola e, a cada ano, um novo ano letivo será implantado, até o 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais.

OPEN TO NEW EXPERIENCES

MISSÃO

Promover o desenvolvimento integral e contínuo do indivíduo para que ele seja um agente de transformação na construção de uma sociedade global, ética, justa, democrática e inclusiva.

VALORES

- ♥ Acolhimento
- ♥ Compromisso com a sociedade
- ♥ Compromisso com a excelência
- ♥ Espírito de equipe



**ONE
SCHOOL**



Thomas Bilíngue for Schools

Melhorando o ensino ao seu lado

Um belo dia pensei: e se eu ajudasse a ensinar crianças a falar inglês desde a educação infantil, lado a lado com as melhores escolas do Brasil? Pois é, foi assim que, em 2018, nasceu o sistema de ensino Thomas Bilíngue for Schools (TB), um programa bilíngue completo para escolas.

O Thomas Bilíngue for Schools tem o foco em conteúdos acadêmicos, onde as aulas acontecem integralmente em inglês, proporcionando um ambiente de imersão no idioma. Por meio da abordagem metodológica CLIL (Content & Language Integrated Learning), o aluno desenvolve o seu inglês ao mesmo tempo em que amplia seus conhecimentos de Artes, Ciências, Matemática, Estudos Sociais e Linguagem. Inclusive, o aluno desenvolve competências do século XXI – colaboração, criatividade, pensamento crítico, inovação e habilidades socioemocionais.

Juntos, atendemos mais de 20 mil alunos, distribuídos pelas 70 escolas parceiras espalhadas pelo Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Esperamos dobrar esse número em 2024.

Robson Moura,
Gerente do Thomas Bilíngue for Schools



O programa também integra ao dia a dia dos alunos tecnologias educacionais, passeios temáticos, oficinas de gastronomia, contação de histórias, projetos e atividades *maker*.

As escolas parceiras do TB contam com apoio de marketing para divulgação e captação de alunos e treinamento de toda a equipe de matrículas. Nossa equipe pedagógica realiza reuniões de pais e atendimento às famílias. Temos um time de Sucesso do Cliente sempre pronto para resolver qualquer questão de logística ou pedagógica.

Com o material escolhido, a equipe pedagógica começou a desenhar o que viria a ser um dos diferenciais do que hoje é carinhosamente conhecido como TB: meus planos de aula. Com a proposta de atender desde a educação infantil (a partir dos 2 anos) até os anos finais do Ensino Fundamental, cada ano escolar teria 200 aulas cuidadosamente planejadas dentro da abordagem CLIL (*Content and Language Integrated Learning*).

Era ali que incentivávamos os alunos a aprenderem de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais, tendo o aluno no centro do processo de aprendizagem e agente de transformação ativo na construção de conhecimento. Com a ajuda da minha renomada equipe de Inovação e Tecnologia, desenvolvemos uma plataforma para funcionar como repositório desse material de apoio ao professor.

Particpei ativamente na seleção e recrutamento dos docentes que seriam contratados pelas escolas através da validação das habilidades linguísticas, e que também seriam contemplados com bolsas integrais em qualquer uma de nossas unidades, ou em nossos cursos online, para continuar seu desenvolvimento em nossos cursos.

Ficou estabelecido que as escolas que adotassem o Thomas Bilíngue for Schools teriam também o apoio constante de um consultor, que faria o acompanhamento do programa e seria a ligação entre a escola e a Central TB para determinar os ajustes necessários, programar as observações e monitorias com os professores, mantendo assim um elo constante e duradouro a partir de uma potente parceria.

Em 2018, as primeiras turmas piloto começaram a funcionar. Eram 168 alunos em duas escolas de Brasília: Colégio La Salle, em Águas Claras, e Colégio do Sol, no Lago Norte. Em agosto do mesmo ano, o TB foi lançado comercialmente em um evento de dois dias na minha unidade, na Asa Norte, com a presença de mais de 40 escolas convidadas e mais de 100 representantes. Em 2019, participamos da BETT Educar em São Paulo, o maior evento de educação da América Latina, que recebeu mais de 30 mil visitantes.

Hoje, mais de 50 professores da Casa Thomas Jefferson contribuem para o desenvolvimento do TB, que planejam e observam as aulas com carinho e que atuam como consultores em escolas parceiras ou oferecendo treinamento, seja presencial ou por nossas plataformas digitais e redes sociais. Também conto com uma equipe administrativa e comercial de ponta, que trabalha incansavelmente para manter o relacionamento e atender as demandas de material, marketing, tecnologia e todas as que possam surgir.

Um grande orgulho para mim e para todos que idealizaram a TB ao meu lado, buscando cumprir a missão de conectar e transformar vidas através de gerações e experiências singulares.

É a concretização do meu sonho, levar ensino de inglês de excelência para alunos de todo Brasil.

In memoriam

Lueli Ceruti foi uma das precursoras na concepção do Thomas Bilíngue for Schools responsável por sua implantação nas nossas primeiras escolas parceiras. Esta incrível profissional atuou conosco por mais de 15 anos, sempre inovando e ousando para que a Casa Thomas Jefferson alcançasse sua visão.

Nosso orgulho, nossa amiga e uma de nossas maiores saudades, Lueli faleceu em fevereiro de 2022, em decorrência do avanço rápido de um câncer, deixando em nós o sentimento de gratidão por termos tido a honra de conviver com ela. Suas memórias, sua excelência e seu legado ficarão marcados para sempre em todos nós.





Thomas para professores

Já que a minha missão é levar a língua inglesa para mais e mais pessoas no Brasil, nada mais adequado do que auxiliar também outros educadores que vão assumir esse compromisso, assim como eu. Não sei se você sabe, mas sou reconhecida internacionalmente pela excelência em treinamento e desenvolvimento de professores, há seis décadas.

Ofereço uma ampla gama de oportunidades para capacitação para educadores, bibliotecários e gestores de escolas. São 100% online e englobam diversas competências essenciais para a sala de aula. Os temas são diversos, como Educação Bilíngue, Metodologias de Ensino, Educação Maker, CLIL (*Content and Language Integrated Learning*), e muito mais.

Em 2022, lancei também um Curso de Extensão de 120 horas em Educação Bilíngue para auxiliar escolas a se adequarem às novas resoluções do Conselho Nacional de Educação para escolas bilíngues.



Beth Blom: *“A Thomas era minha casa. Às vezes, eu saía e, quando dava por mim, acabava indo parar na frente da escola.”*

Encontros inesquecíveis

A Thomas da Beth

Elisabeth Blom é uma leitora fervorosa: lembra seus escritores e suas citações favoritas de memória. Depois de trabalhar anos com a língua inglesa, ela pôde estudar inglês e alemão na aposentadoria. Como professora, é lembrada por seus antigos alunos por ser impecável, exigente e muito participativa. Beth Blom, nossa querida Mrs. Blom, é o ícone da educadora fiel à sua vocação de ensinar: uma acadêmica estudiosa e cheia de ensinamentos para trocar com seus colegas de trabalho.

Gaúcha, Beth chegou a Brasília em dezembro de 1985, com as três filhas adolescentes. Um dia, dirigindo pela Asa Sul, deparou-se com o nome Casa Thomas Jefferson e lembrou-se que um primo, que havia residido na capital alguns anos antes, havia mencionado a Thomas como sendo uma excelente escola de inglês. “Eu estava procurando uma outra escola famosa de inglês e acabei parando em frente à Casa Thomas Jefferson.” Decidida a trabalhar como professora de inglês, ela fez as provas requeridas no mesmo dia. “Falei sobre minhas qualificações. Em algumas semanas, uma ligação da escola confirmava meu ingresso como professora”, relembra Beth.

Em menos de 2 anos dando aulas, ela foi convidada para assumir o importante papel de supervisora acadêmica, posto em que auxiliaria no aprimoramento de jovens professores. “Eu não queria aceitar, de jeito nenhum!”, ri a professora ao lembrar esse decisivo momento de sua carreira. “Mas Katy Cox insistiu. Decidi, então, aceitar, e foi a melhor das decisões. Mesmo grávida, eu trabalhava 40 horas por semana com extrema alegria, contando com minha rede de apoio”, diz.

Para Beth, a Casa Thomas Jefferson é um exemplo de qualidade e investimento na educação. “O apoio aos professores é excepcional. Sempre colocaram à nossa disposição bons profissionais para nos auxiliar no aprimoramento e para que pudéssemos, como professores, nos atualizar nas novas tecnologias educacionais”, afirma.



Quando assumiu como supervisora, pôde ver de perto esse investimento que a Casa faz sobre seu corpo acadêmico. “Ser supervisora foi muito bom e desafiador, afinal era meu papel levar a equipe com otimismo, acompanhando de perto as orientações e técnicas que eu trazia para serem aplicadas em sala de aula”, afirma Beth. “Chorávamos juntos. Sorríamos juntos.”

Beth lembra que o corpo acadêmico e de supervisores da Casa Thomas Jefferson sempre contou com uma estrutura e apoio muito grandes. “Tudo funciona muito bem na Thomas. Sempre me senti bem recompensada, motivada e feliz dentro desse ambiente tão acolhedor.”

Uma Casa, uma família

A felicidade de Beth Blom está na mais simples das vitórias: “Tenho muito orgulho de ter visto meus alunos e os filhos dos meus colegas crescendo. Conviver entre amigos na Thomas era o mesmo que estar em família. Era um ambiente de muito companheirismo e repleto de efervescência criativa”, diz.

As memórias sempre são as melhores, segundo Beth. As festas eram pequenas e muito acolhedoras em seus primeiros anos na Casa. Ela lembra com alegria, por exemplo, dos almoços de *Thanksgiving*, das festas de Halloween e de todos os encontros frequentes que ocorriam entre alunos e professores nas dependências da escola. “Era minha casa, com certeza. Às vezes, eu saía para ir ao mercado e, quando dava por mim, acabava indo parar na Thomas”, comenta com largo sorriso.

Outra boa lembrança importante ela guarda dos dias que antecederam sua aposentadoria, em 2018: Beth sentiu-se muito feliz de ver um de seus ex-alunos assumir seu lugar como supervisor. “Dei aulas para o Vinícius Vieira Lemos quando ele tinha apenas 10 anos. Foi muito emocionante vê-lo, já adulto, assumindo essa posição de importância”, conta.

Para ela, ter convivido entre a educação, a cultura e entre pessoas tão amadas na Casa Thomas Jefferson foi um verdadeiro “turning point” em sua vida. “Devo demais à Thomas. Fiz amizades maravilhosas, para toda a vida, com certeza.”



“Pensei grande, ousei, inovei. Tudo isso, com muito apoio e incentivo de minhas diretoras.”

Crescimento conjunto e contínuo

A Thomas da Isabela

A paixão pelo ensino pode vencer barreiras. Isabela Villas Boas é prova disso. A história dessa educadora nata com a Casa Thomas Jefferson começou em 1978, quando ela retornou dos Estados Unidos, onde morou por três anos. “Nossa família se mudou para lá em 1975 para que meu pai pudesse fazer mestrado e doutorado em arquitetura, na Rice University, em Houston”, relembra. Ao retornarem ao Brasil, os pais decidiram matricular Isabela e a irmã na Casa para que elas seguissem mantendo contato com a língua. “Meu pai queria tanto que não interrompêssemos nossos estudos que chegou a mentir minha idade para que pudéssemos ser matriculadas, já que tínhamos apenas 11 e 12 anos”, diverte-se Isabela.

Aos 14 anos, Isabela terminou todo o curso avançado e seguiu nos estudos em especializações e cursos de menor período, inclusive o curso de treinamento para novos professores. Não tardou para que o reconhecimento viesse. “Um ano depois de entrar no Teacher Training Course, fui convidada pela Katy Cox para dar aula na Thomas. Fiquei lisonjeada com o convite e resolvi aceitar”, relembra Isabela.

A transição da jovem Isabela, de aluna a professora, foi tão natural que mostrou a ela qual seria sua vocação dali em diante. Ela aprendeu a dar aulas enquanto observava colegas mais experientes e a sensação de deleite era constante: toda a experiência foi um período de grande satisfação para aquela brasileira que conhecia ainda mais o mundo por meio das línguas. “Gostei de ser professora desde o primeiro dia, e levei os meus estudos e o meu trabalho na Thomas muito a sério”, afirma, orgulhosa.

Investimento acadêmico para ensinar melhor

Ao terminar o curso de Jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), veio a oportunidade de trabalhar como repórter no jornal Correio Braziliense. “Meu plano era sair da Thomas ao final do ano, mas fui surpreendida com um convite para ser supervisora de curso. Aí meu coração tendeu para o ensino e eu abandonei a carreira recém-iniciada para me dedicar, agora de corpo e alma, ao ensino e à Casa”, conta feliz a professora.

“Desde então, resolvi crescer na profissão e me qualificar cada vez mais. Felizmente, sempre fui apoiada por meus colegas de trabalho e familiares a crescer e me desenvolver profissionalmente”, conta Isabela, que passou um ano e meio nos Estados Unidos concluindo um importante mestrado para sua carreira acadêmica.

“Aprendi muito com todo mundo e hoje aplico todo esse aprendizado em outros contextos. Me orgulho muito dessa trajetória.”

O investimento valeu a pena, pois muitas das conquistas da Casa Thomas Jefferson ao longo dos últimos anos devem-se ao crescimento de profissionais como a professora Isabela. Ela trouxe muito de sua experiência acadêmica, como mestre e doutora em Educação, para a evolução dos métodos de ensino da Casa. “Acredito que foi por isso que, alguns anos depois, fui convidada pela própria Katy Cox a assumir o lugar dela como coordenadora acadêmica. Foram 13 anos de muitos desafios como coordenadora. Ao todo, vivi na Casa Thomas Jefferson mais de três décadas de história. Foram muitas conquistas. Também erros e acertos. Isso tudo me deixa muito, muito feliz”, orgulha-se a dedicada acadêmica.

Depois de anos de dedicação, o sentimento que fica é de profundo carinho. “O que fica, para mim, é a garra, o amor e a dedicação incondicional das pessoas à Thomas, e a incessante busca da instituição pela excelência absoluta. Eu acho que eu e a Thomas tivemos uma linda história de amor, em que eu dei a ela tanto quanto recebi em troca. Guardo um sentimento de muito carinho pelas amizades que fiz e pela instituição. Foi uma belíssima história”, alegre-se Isabela.



Os melhores profissionais estão na Thomas

Excelência Acadêmica

Sou conhecida pela alta qualidade dos meus professores. A qualidade do ensino é minha constante preocupação e de todos os profissionais que trabalham ao meu lado. Desenvolvimento contínuo do indivíduo é um de nossos valores, e por isso a área acadêmica, naturalmente, é uma das áreas que mais recebe atenção por aqui, porque nossa missão é transformar vidas por meio da língua inglesa, considerando a língua como uma poderosa ferramenta de acesso cultural e mobilidade social no mundo globalizado em que hoje vivemos. Acreditamos numa educação inovadora e com excelência.

Aprender uma língua é mergulhar na cultura de um povo. Nesse sentido, são discutidos temas e conteúdos relevantes ao nosso dia a dia, assim como assuntos em torno de aspectos da cultura americana que tornam nossas aulas verdadeiras experiências imersivas e engajadoras. Nossos alunos são estimulados a refletir de forma crítica sobre a vivência de quem fala a língua inglesa, ou seja, como cidadãos globais. Assim, os conteúdos vistos não se limitam a vocabulários e gramática. O leque de assuntos tratados em sala de aula vai muito além, compreendendo ensino de ecologia, sociologia, política e ética, por exemplo. Por essas e outras que sou assim: muito mais que escola de inglês.

Para manter esta qualidade, o maior foco é o investimento no professor. Foi-se o tempo em que ter residido nos Estados Unidos e falar inglês fluentemente era pré-requisito importante para ingressar na carreira. Ser nativo de um país de língua inglesa também não garante a vaga no quadro de professores. É maravilhoso ter um professor nativo, mas não o que só sabe a língua. É preciso que o professor tenha altas competências didático-pedagógicas no ensino do inglês.

Além dos coordenadores acadêmicos das unidades e dos professores, existe um grupo profissional importantíssimo: os Designers de Curso. Eles são responsáveis pelos diversos cursos ministrados, ajudam a escolher o material didático, elaboram material extra, testes e, continuamente, analisam os índices de aprovação e reprovação do aluno. Além disso, eles acompanham o desempenho de nosso corpo docente por meio de observações de aulas que constituem o coração de nosso sistema de avaliação e acompanhamento do desenvolvimento do professor.

O Teacher Qualification Portfolio é um importante exemplo neste processo de formação. Trata-se de um curso híbrido, parte presencial e parte online. Oferecemos módulos sobre os mais relevantes campos do saber docente, tais como aprendizagem centrada no fazer (*maker-centered learning*) e metodologias para o ensino de inglês, à exemplo do módulo de CLIL - Content and Language Integrated Learning.

Temos um importante pipeline de talentos – o nosso *Trainee teacher program*. O novo professor passa o primeiro semestre de trabalho estudando metodologia, observando aulas de colegas mais experientes e ministrando aulas sob a supervisão de Frank Couto e Katia Falcomer. Somente no segundo semestre, o educador tem metade da carga horária preenchida por turmas. A partir do primeiro ano, ele assume suas atividades com carga semelhante à dos professores mais experientes.



Eneida Coaracy, Solange Pedroza e Katy Cox, em 2013.

Ao longo de toda a sua carreira, nosso professor segue em constante desenvolvimento e reciclagem. Ao longo dos anos, pudemos contar com profissionais altamente gabaritados na qualificação de nossos professores. Tivemos, por vários anos, a atuação de Katy Cox, Eneida Coaracy e Solange Pedroza como mentoras de professores recém-contratados. Essas experientes profissionais somaram esforços à nossa equipe de designers, coordenadores e gerentes que até hoje desempenham a importante função de serem mentores de nossos professores.

Esse tipo de acompanhamento de novos professores tem o objetivo de padronizar os procedimentos e melhorar as técnicas de ensino. Ainda nesse escopo, oferecemos encontros quinzenais para novos professores em que membros das equipes de Coordenação e Design de Cursos ministram aulas sobre os principais temas relacionados à prática pedagógica de alta qualidade que esperamos de nossos professores.

Os grupos têm fundamental importância na integração dos novos professores, mesmo daqueles que já acumularam experiências anteriores no ensino da língua. Assim, conseguimos manter uma unidade de ação que corresponda ao aumento do nível de profissionalismo dos professores e do nível de exigência que criei.

Sabia que eu sou a única instituição que faz este trabalho de formação? Pois é, me esforço bastante para continuar sendo reconhecida como uma das melhores escolas de inglês do Brasil.

Parceiras na educação e na vida

A Thomas da Katy, da Eneida e da Solange

Em 60 anos de história, a Casa Thomas Jefferson acumulou diversas experiências de sucesso na formação e no aprimoramento de educadores, fazendo com que sua abordagem de ensino seja uma das mais reconhecidas do Brasil. Todos se orgulham de uma mesma certeza: na Thomas estão os melhores professores de inglês. E foi com muito trabalho duro que esse reconhecimento foi alcançado. Mais que isso: com muita força de vontade e amor.

Já que vamos falar de amor, a história dessas três mulheres precisa ser contada: as queridas *senior teachers* Katy Cox, Eneida Coaracy e Solange Pedroza. Elas são as grandes mestras e pioneiras responsáveis pelo aprimoramento do ensino da língua inglesa em Brasília. Graças a elas, a Casa Thomas Jefferson é a instituição de renome que o Brasil conhece hoje.

Ao longo dos anos, a Casa acolheu profissionais altamente qualificados, que passaram a ser monitorados de perto pelo trio de professoras – carinhosamente apelidado de as KEYS: K de Katy Cox, E de Eneida Coaracy e S de Solange Pedroza. Como a tarefa não é fácil, Katy, Eneida e Solange se uniram para essa missão e ofereceram consultoria pedagógica para a Casa durante 13 anos.



Eneida Coaracy reúne filhos e netos na Casa Thomas Jefferson: três gerações de encantamento pela língua inglesa.

A ideia, diz Eneida, é manter uma unidade de ação que corresponda ao aumento do nível de profissionalismo dos professores e do nível de exigência, além da maior disponibilidade de recursos. “Nós recebíamos os conteúdos elaborados pelos professores e percebíamos as dificuldades de cada um. Nossa missão sempre foi ajudar, aplicando a visão macro da instituição em termos metodológicos”, relembra Solange.

As experientes profissionais somaram esforços às equipes de designers de curso, coordenadores acadêmicos e gerentes das unidades para que a excelência acadêmica sempre fosse o foco em sala de aula. Só para se ter uma ideia do volume de trabalho, cada uma das consultoras chegou a acompanhar uma média de 70 aulas de professores por semestre.

O trabalho intenso exigiu ainda mais forças, e por alguns anos, as KEYS contaram também com a valiosa ajuda de Tsylla Balbino no time. Tsylla, que também foi professora e coordenadora na Thomas por 21 anos, retornou como consultora para auxiliar na integração dos novos professores.

“Até hoje considero que foi o melhor que eu já fiz, orientando professores em busca de uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizado. Foram seis anos de muitas realizações e dedicação ao que realmente acredito ser a verdadeira forma de olhar a aprendizagem, onde todos são envolvidos de forma construtiva no processo de criação”, afirma Tsylla.

Esse tipo de “monitoring”, segundo Katy – que foi coordenadora da Thomas durante 17 anos, entre 1990 e 2007 –, tem como objetivo padronizar os procedimentos. “É um investimento grande, mas vale a pena”. Eneida ressalta o papel do grupo na integração dos novos professores, mesmo daqueles que já tinham experiências anteriores no ensino da língua. “Nosso trabalho tinha como objetivo facilitar a inserção dos recém-admitidos nas expectativas metodológicas da Thomas”, conta.

Onde tudo começou

Até alcançarem esse patamar de excelência profissional, as KEYS construíram um longo caminho de dedicação ao ensino. Pioneiras, as três educadoras conhecem a Casa Thomas Jefferson desde seus primeiros anos de existência e fizeram parte, ativamente, do desenvolvimento de diversos cursos e aprimoramento de metodologias.

Katy Cox era professora em San Francisco e foi convidada pelo English Language Fellow Program para integrar o time de nativos que viria ao Brasil para estruturar o novo centro binacional, a Casa Thomas Jefferson. “Um dos maiores desafios foi chegar em uma cidade nascendo, sem livrarias, papelarias, sem tantos recursos. Tínhamos que criar manualmente todos os recursos para a sala de aula”, relembra Katy.



As amizades que Katy fez em seus primeiros anos no Brasil foram determinantes para que a professora tivesse a garra para se dedicar por tantos anos pela excelência do ensino do inglês Thomas. Segundo ela, foram muitas noites de estudo, enquanto o trabalho era intenso ao longo do dia. “Foi, com certeza, um dos maiores desafios da minha vida.”

A professora Solange Pedroza é uma dessas importantes amigas e, por muito tempo, foi braço-direito de Katy. Muito antes de começar a dar aulas, Solange foi recepcionista da primeira biblioteca da Thomas, localizada na Asa Sul. Quando decidiu se dedicar aos filhos, ela optou por pleitear uma vaga em sala de aula, onde poderia ter horários mais flexíveis.



“Vim para o Brasil para ficar apenas um ano e estou aqui até hoje, 52 anos depois”, brinca Katy Cox, natural do estado de Montana, nos Estados Unidos.



Solange Pedroza: “Aonde íamos, nós, professores da Casa Thomas Jefferson, éramos reconhecidos como bons profissionais.”

“Lembro que meu pai sempre me perguntou por que não decidi fazer concurso público, como a maioria dos jovens da época”, lembra Solange. “Investir na Thomas foi uma escolha que me permitiu crescer pessoalmente e profissionalmente. Me fez desenvolver, evoluir. Nunca me arrependi dessa decisão.”

Ali começava uma longa história de amor com a Casa Thomas Jefferson. Solange foi professora, coordenadora do curso avançado, desenvolveu o curso de tradução e foi consultora especial por diversos anos ao lado das KEYS. “Éramos reconhecidas e a expectativa sobre nossas habilidades sempre era altíssima. Já era esperado: se há alguma novidade no ensino, então a Thomas já domina. Sempre foi assim”, comenta Solange, orgulhosa.

E já que estamos falando sobre histórias de amor contagiantes, nada mais bonito do que o amor que a família Coaracy desenvolveu pela língua inglesa. “Comecei a estudar na Thomas com 13 anos, assim como meus filhos, que fizeram o curso completo. Hoje todos usam a língua inglesa como instrumento de trabalho”, conta a professora Eneida.

Acha que parou por aí? Não! Os netos da educadora acabaram de iniciar o curso Bilingual Adventure, na Unidade Asa Norte. “Ser aluno da Thomas é quase uma escolha natural nessa família”, brinca a matriarca. Por aqui, nós não temos dúvida de que falar inglês com a Casa Thomas Jefferson ao lado é uma aventura incrível! Sejam bem-vindos, meninos!

O segredo da excelência

Quando perguntadas sobre o segredo da Casa Thomas Jefferson ser reconhecida como uma das melhores instituições para se aprender inglês no Brasil, as três professoras são unânimes: a união e o acolhimento estão em tudo o que é feito na Casa. Para elas, um lugar onde você é recebido com amor, todos os resultados são de maior sucesso. “É um legado até difícil de descrever. Todos falam isso, mas saber que a Thomas é muito mais que uma escola de inglês é a mais pura verdade”, defende Eneida.

Qualquer pessoa que conheça a Thomas um pouco mais de perto sente isso na pele. “Esse sentimento de união foi um pouco de sorte para todos nós. Juntaram-se pessoas que compartilhavam da mesma visão de mundo e da mesma paixão pela educação. Foi incrível”, acredita Katy. “Essa paixão está presente no nosso DNA até hoje.”

Esse espírito de união, hoje em dia, segue impresso nos profissionais, nas ações sociais, nos ambientes da escola e na alegria dos alunos em sala de aula. “Esse legado é nosso maior patrimônio. Nosso maior orgulho”, comemora, feliz, a professora Solange. Atualmente, as KEYS integram o Conselho Cultural Thomas Jefferson dando continuidade aos fortes vínculos com a Thomas.

Equipe multidisciplinar

Uma instituição de ensino não se faz só de alunos ou de professores. Um corpo administrativo de qualidade dá o apoio necessário para que o ano letivo transcorra bem, sem percalços. Para isso, conto com uma equipe altamente especializada, que cuida de cada detalhe.

Cada unidade conta com o olhar atento de uma administradora, responsável pela supervisão da limpeza, segurança, jardinagem, atendimento, recepção e pelas instalações em geral.

A equipe de atendimento ao aluno e ao público externo está sempre à postos para prestar o suporte necessário, seja presencialmente ou em um de nossos canais de atendimento remoto, como telefone, e-mail e WhatsApp. Cada cliente é único e recebe um atendimento diferenciado, sempre com simpatia, qualidade e proatividade.

Para que tudo transcorra bem, temos um time excelente de TI (Tecnologia da Informação), que dá suporte ao aluno, ao professor e aos processos internos. Além disso, contamos com o apoio de vários departamentos: financeiro, contabilidade, compras, contratos, gestão de pessoas, comercial e marketing. Pessoas - esse é um dos meus maiores orgulhos: trabalho com as melhores pessoas e os melhores profissionais do mercado.

O desenvolvimento profissional é muito valorizado por aqui! Minha equipe gestora está sempre se atualizando. Nossos colaboradores administrativos também participam de cursos, especializações, consultorias e fazem networking com outras empresas para estarem sempre atentos às melhores práticas do mercado.

É comum que nossos funcionários passem muitos anos por aqui, às vezes passando por vários cargos e setores, crescendo todos em grupo. O que me deixa muito feliz: ver todos crescendo e aprendendo mais, como uma equipe.

Tudo é pensado com amor e respeito, para que nosso cliente final receba nossos serviços com excelência, de ponta a ponta.

Nossa Casa é sua casa

O maior Centro Binacional (Brasil-Estados Unidos) do Brasil, reconhecido pela Embaixada dos Estados Unidos como centro de excelência no ensino de inglês e na promoção da cultura americana em todo o território nacional. Atualmente, tenho unidades em Brasília (DF) e Uberlândia (MG), e estou me estabelecendo em Goiânia (GO).

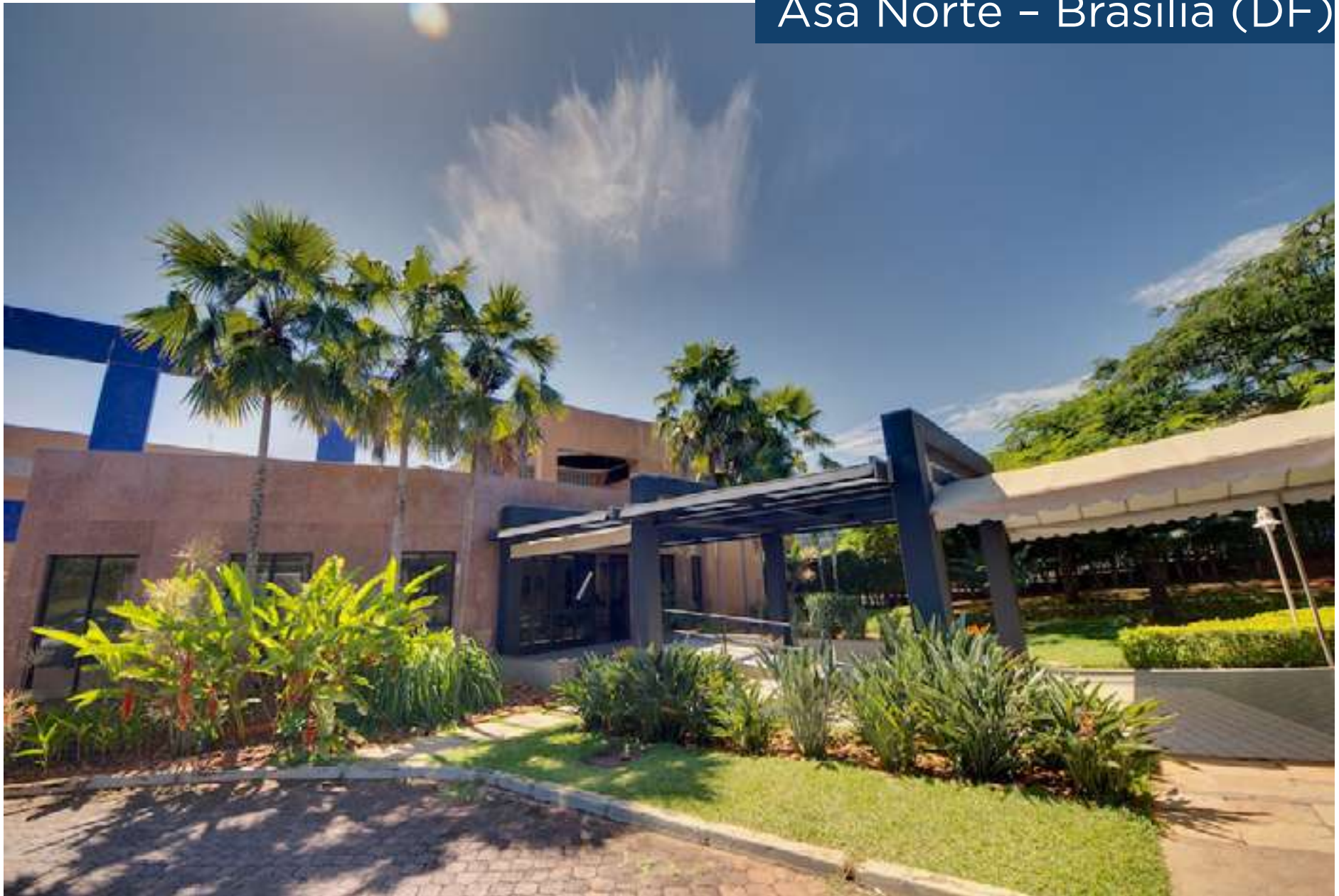
The background of the image features a repeating pattern of overlapping circles. Each circle contains a cluster of five small, light-colored stars. The circles are arranged in a staggered grid, creating a sense of depth and movement. The overall color palette is a warm, golden-yellow.

UNIDADES

Águas Claras (DF)



Asa Norte – Brasília (DF)



Asa Sul – Brasília (DF)





Sudoeste (DF)



Taguatinga (DF)



Uberlândia (MG)



Goiânia (GO)





Resource Center

Ensinar é nossa missão. Isso já está na cara. E não seria possível sem um acervo de grande excelência, à altura de todo o trabalho feito nas sedes. Minhas bibliotecas, disponíveis tanto para alunos quanto para a comunidade, são assim: reconhecidas pelos melhores materiais didáticos e acervos digitais.

Minhas bibliotecas - que aqui são chamadas **Resource Centers** - estão disponíveis tanto para alunos quanto para a comunidade. Elas são: reconhecidas pelos melhores materiais didáticos e acervos digitais de excelência.

Esses são espaços dedicados a estimular a descoberta, a exploração e a colaboração entre seus frequentadores, com recursos, programas e experiências que promovem a língua inglesa e a cultura americana aos nossos alunos e à comunidade em geral.

Além da programação cultural e pedagógica aberta e gratuita, o Resource Center oferece mais de 40 mil itens em seu acervo físico e digital, tais como livros, ebooks, audiobooks, revistas, filmes, documentários, leitor de livro digital, ipads, entre outros.

Nosso ecossistema de aprendizagem representa o que há de mais moderno nas bibliotecas do século XXI, com ampla estrutura física e tecnológica, acesso à Internet, espaço *maker* e um vasto acervo à disposição de seus usuários.



Nossos Espaços

Minha maior alegria é receber pessoas. Unir mentes ávidas por conhecimento, apaixonadas por cultura e pelas cidades onde vivo. Quanto mais repleta de alunos, educadores e profissionais, artistas e jovens promissores, nativos e estrangeiros...mais completa eu me sinto.

Para garantir que todos se sintam tão bem quanto eu, todos os meus espaços foram pensados com o mesmo entusiasmo e carinho. As salas de aula e os ambientes foram projetados para trazer conforto e segurança para todos.

A decoração, a mobília e os materiais de apoio contribuem para o processo de aprendizagem e para o entendimento do aluno, não somente da cultura americana, como também de outras culturas.

Nosso trabalho é garantir que todos possam respirar a cultura ao máximo e se sintam em casa. Na nossa casa!

Sala de Aula



Resource Center



Espaço de convivência



Espaço Maker



Sala de aula para crianças



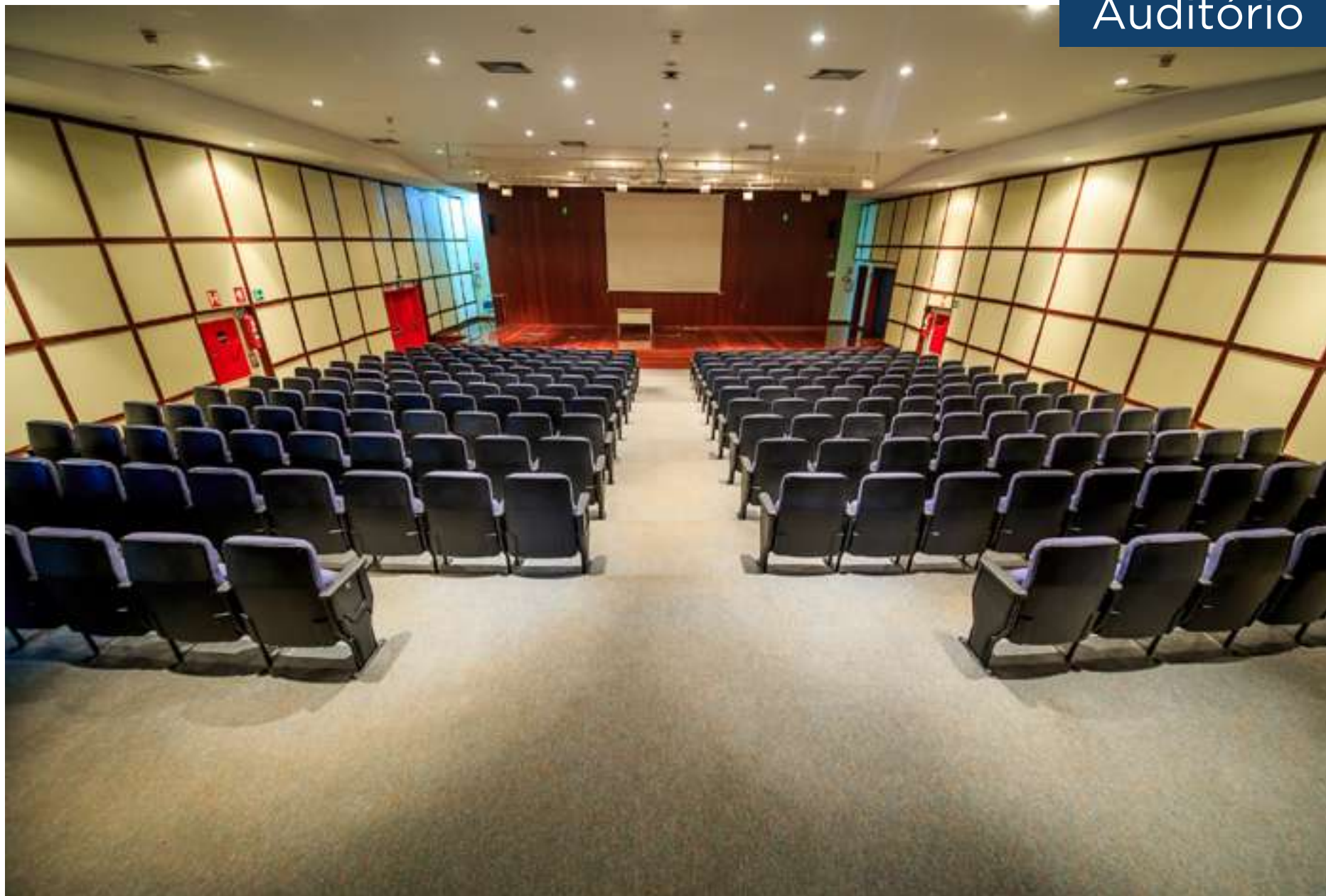
Espaço Gourmet



Galeria de Arte



Auditório



Horta



Prêmios e Certificações

2019-2024

Certificate of Recognition • Centro Binacional Brasil-EUA

Embaixada dos EUA no Brasil

2022

Reconhecimento pela contribuição • XLII Salão de Artes Riachuelo

Marinha do Brasil

2021

Selo CAU/DF Arquitetura de Brasília 2021

Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal (CAU/DF)

2021

Empresa Parceira • Ação solidária late In Concert

late Clube de Brasília

2019

Menção Honrosa • Exposição Sertão Forte

Secretaria Nacional de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial

2015

Credenciamento • Centro de Aplicação de Exames

Cambridge Assessment English

2012

Certificate of Membership

BRAZTESOL

2010

Homenagem à Rede Solidária Anjos do Amanhã

Vara da Infância e Juventude do DF

2010

Medalha Memorial JK

Academia Brasileira de Arte, Cultura e História

2010

Outstanding Certificate of Recognition

Pelo alto padrão de qualidade no ensino da língua inglesa e excelência da programação cultural

Embaixada dos EUA no Brasil

2008

Outstanding Performance and Administration • Promotion of The Certificate Testing Program

The University of Michigan

1995, 1997, 2000 e 2006

Top of Mind

Escola de Inglês Mais Lembrada

Jornal de Brasília

2004

Grão-Mestre da Ordem do Mérito Cultural do DF

Governo do Distrito Federal

1999

Certificado de Reconhecimento • Medalha Ordem do Mérito Cultural

Embaixada dos EUA

Outstanding Brazilian American Binational Center

Embaixada dos EUA

5

The background is a dark blue field filled with a repeating pattern of overlapping circles. Each circle contains a cluster of five smaller, lighter blue stars. The circles are arranged in a staggered grid, creating a sense of depth and movement.

CULTURA

Fomento à cultura

Casa Thomas Jefferson: todos me conhecem pela excelência na educação. Mas vou muito além do ensino de alta qualidade. Há seis décadas, me dedico também à promoção da arte e da cultura.

Meus espaços foram concebidos para que todos os visitantes possam experienciar cultura e arte por onde passarem. E é com esse pensamento que desenvolvo, desde a minha fundação, em 1963, uma programação de eventos culturais de alto padrão abertos ao público e com entrada franca.

Por aqui, ofereço de tudo um pouco: concertos, shows, exposições de artes plásticas e fotografia, palestras e mostras de filmes, que são oferecidos alternadamente em uma intensa agenda cultural. Além de uma troca artística única com as apresentações de artistas nacionais e internacionais, o conforto dos meus auditórios somados ao tratamento acústico, tecnologia de ponta, excelente localização e segurança faz com que essa experiência seja quase um “art-nouveau da natureza” – como diria o mestre Djavan.

Um dos meus objetivos é fazer com que todos se sintam em casa e aprendam mais enquanto estivermos juntos. Sejam bem-vindos à Casa Thomas Jefferson, um ambiente de efervescência cultural, completamente aberto à comunidade!

LEOPOLD LA FOSSE

VIOLINISTA



Auditório da CASA THOMAS JEFFERSON

Sexta-feira, 14 de agosto, às 21 horas

SEP-Sul, Entrequadras 706/906

1987

Conselho Cultural Thomas Jefferson
Serviço de Divulgação e Relações Culturais

Música

A música sempre foi um dos principais pilares na produção cultural por aqui. Com uma programação eclética – que inclui música erudita, jazz, country music e MPB –, a organização dos nossos espetáculos sempre foi a mais variada possível. São pelo menos cinco décadas de programação ininterrupta incluindo os melhores duos, trios, quartetos, quintetos, conjuntos de sopros, cordas, solistas, corais, cameratas, orquestras e grupos de música gospel, do Brasil e do exterior.

O contrabaixista Ricardo Vasconcellos é um desses artistas. Ele participou de diversos dos nossos eventos pioneiros: primeiro, como espectador; depois, como músico profissional. “De 74 a 78, assisti a cerca de cem números de concertos e recitais de altíssimo nível”, relembra o músico.

Com o grande sucesso dos primeiros eventos musicais, a partir de 79, passei a promover também os **Festivais de Jazz**, em parceria com Ricardo Vasconcellos, que por alguns anos também se tornaram parte da rotina musical de Brasília. Essa parceria foi muito além do jazz. Juntos, fizemos vários recitais de contrabaixo com músicos convidados nacionais e internacionais.

No início da década de 80, o nosso cronograma de atividades culturais ficava por conta da Seção Cultural da Embaixada dos Estados Unidos. Na época, as artes plásticas e musicais eram as modalidades mais queridas do nosso cardápio cultural: até mesmo um espetáculo com trechos de uma conhecida ópera foi encenado por aqui, em um belíssimo palco elevado e com cenários simplificados!

Alguns anos depois, lançamos a programação Sextas Musicais, que tornaram fixa a programação de shows e concertos nos meus espaços. Realizada desde 1987, é fruto da minha rica parceria com os talentosos artistas que nos prestigiam com seus projetos musicais, professores e alunos do Departamento de Música da UnB e Escola de Música de Brasília, além de membros da Orquestra Sinfônica do

Teatro Nacional Cláudio Santoro. Oferecemos o melhor da cultura para a comunidade brasiliense de forma completamente acessível e gratuita.

No início das *Sextas Musicais*, a produção distribuía convites. As filas iam da porta do auditório até a recepção do prédio! Até meados dos anos 90, era expressivo o número de músicos norte-americanos, os *artistic ambassadors*, que vinham ao Brasil por recomendação da Embaixada dos EUA. Nós éramos responsáveis pela organização das turnês que incluíam shows e concertos em Centros Binacionais de outras capitais brasileiras.

As *Sextas Musicais* tornaram-se logo uma referência local da música de câmara da cidade. O primeiro concerto das Sextas Musicais, em 1987, reuniu o violinista norte-americano Leopold La Fosse e o pianista brasileiro Joel Bello Soares, também professor da Universidade de Brasília (UnB). Hoje, já são 36 anos de atividades ininterruptas e uma longa história de encontros emocionantes.

Outro marco importante para as parcerias com artistas e grupos locais aconteceu em março de 2018, com a inauguração da nossa nova unidade em Uberlândia (MG). Nela, colocamos nossa energia na promoção de eventos culturais em parceria com talentosos artistas locais e da Universidade Federal de Uberlândia – todos os eventos com entrada franca!

O portfólio das Sextas Musicais tem inserido numerosos artistas consagrados nacionalmente, como Odette Ernest Dias, Pedro Vasconcellos e Oswaldo Amorim. O que atrai esses artistas? Nos orgulhamos de bradar que acolhemos os artistas da melhor maneira possível, oferecemos uma produção impecável para os seus projetos, um dos melhores pianos da cidade e o público que prestigia as apresentações.

Mesmo com o retorno das atividades presenciais, as transmissões simultâneas foram mantidas, um trabalho de investimento e dedicação coletiva de todos os envolvidos na produção. Dessa maneira, a arte, a música e as pessoas ficarão para sempre na nossa memória.

A TV Senado grava, edita e transmite, em cadeia nacional de televisão, inúmeros concertos musicais realizados na Casa Thomas Jefferson – desde os anos 1990 e até hoje.



Teatro

Além da música, o teatro foi sempre uma expressão artística presente nos eventos que criei para a comunidade. Nos auditórios da Casa Thomas Jefferson foram encenados espetáculos em português e língua inglesa – como *No Tempo de Noel*, espetáculo musical da Cia Teatral Hablado, em 2022.

Durante muitos anos, nossos alunos do curso avançado e do curso de teatro encenaram diversas peças em nossos auditórios. Nossos alunos participavam tanto das leituras da peça quanto da confecção de figurinos e cenários. Os ensaios levavam cerca de três meses.

Meus teatros estiveram sempre lotados de boas influências, como a da professora Lucia V. Sander, em diversos projetos. Autores como Susan Glaspell e Neil Simon também fizeram parte do repertório. Muitas montagens também partiam de criações coletivas, que levavam em conta a criatividade dos nossos alunos e professores.

As atividades teatrais marcaram nossos professores e alunos com lindas memórias afetivas! E você, quais memórias tem gravadas no coração de nossos espetáculos?



Desde criança, os alunos da Casa Thomas Jefferson entram em contato com as artes.

Cinema

Ah, e como esquecer dos nossos festivais de cinema? A programação que criamos, ao longo dos anos, contou com extremo cuidado na seleção dos principais temas, uma incrível curadoria de filmes e debates ricos a cada exibição. No início dos anos 2000, contei com a parceria de Sérgio Moriconi, importante jornalista, sociólogo e professor de cinema, para a criação de uma extensa curadoria de filmes para nossas sessões de cinema.

Antes de cada filme, havia uma pequena apresentação para contextualizar a obra que seria apresentada a seguir. Em várias mostras, os filmes apresentados eram inéditos em Brasília e no Brasil. Muitas obras eram de jovens realizadores e que, posteriormente, tornaram-se famosas. Inclusive, fui a primeira sala de cinema a exibir no Brasil a obra-prima *Os Catadores e Eu*, de Agnes Varda, em 2000.

Os nossos espectadores lotaram nossos espaços para acompanhar as obras inéditas das mais variadas origens, do Leste Europeu à Ásia. O público foi sempre excelente e muito assíduo. E por aqui, os temas das mostras eram os mais variados possíveis: *A Política no Cinema Norte-Americano*, *Crime e Suspense nos Anos 40* e *Reencontro com John Ford* foram alguns deles. Para não perder nenhum detalhe, o público sempre recebia um folheto com os títulos dos filmes a serem exibidos, com sinopses e fichas técnicas.

Além das mostras próprias, também recebi exibições de ciclos de cinema com outras instituições: o Instituto Goethe, por exemplo, centro de ensino da língua alemã em Brasília, trouxe para a minha casa uma mostra de filmes de Ernst Lubitsch, com 12 longas-metragens produzidos entre 1914 e 1942, alguns ainda da época do cinema mudo.

A CASA THOMAS JEFFERSON

APRESENTA

A MOSTRA CINEMATOGRÁFICA



SUSPICION (1941) – Joan Fontaine e Cary Grant

CRIME E SUSPENSE NOS ANOS 40

7 à 16 de março de 1989

Auditório da CASA THOMAS JEFFERSON



Dança

A dança não poderia ficar de fora dos nossos palcos e das nossas colaborações com a arte. Inúmeras parcerias com companhias de dança, coreógrafos locais e coreógrafos internacionais trouxeram eventos de danças, workshops e masterclasses. Nos primórdios tempos, a Hartford Ballet USA e Katherine Dunham, em parceria com a Embaixada dos EUA, abriram espaço para uma extensa agenda de encontros de ode à dança em meus espaços – e que duram até hoje.

Mais recentemente, a coreógrafa Gisele Santoro participou da agenda cultural em nossas galerias com os seus projetos incríveis, incluindo o Seminário Internacional de Dança de Brasília. Esse belíssimo evento trouxe os destaques do balé de Brasília para cá: a Foco Cia de Dança e Rodrigo Cruz Cia de Dança.

O grupo Bailarinos de Brasília, durante projeto fotográfico realizado com o fotógrafo espanhol Juan Carlos Vega, produziu fotos dos bailarinos junto aos prédios monumentais de Oscar Niemeyer. O resultado também chegou à nossa galeria: uma belíssima exposição de fotos, em preto e branco. Em seu lançamento e no encerramento da mostra, a companhia de dança realizou apresentações junto às obras na galeria de arte.

Exposições

A Galeria de Arte Thomas Jefferson, localizada em minha filial da Asa Sul, em Brasília (DF), tem sido um frutífero espaço para divulgar a produção de artes plásticas e literárias de Brasília e de outros cantos do mundo.

Durante diversos anos, foram feitas parcerias com instituições de fomento cultural para a criação de exposições. Com o Museu de Arte da Bahia, foram exibidas na Galeria gravuras do artista Carybé. A parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) trouxe uma exposição sobre a restauração da igreja da Matriz Santana, na Cidade de Goiás. Já com o Atelier Livre de Gravura em Metal, da Universidade de Brasília (UnB), foram realizadas duas mostras, que reuniram 11 artistas. Ao lado da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) exibimos uma exposição fotográfica Guardiões da Floresta, retratando tribos em regiões isoladas.

Outras exposições, muitas delas fotográficas, foram realizadas em parceria com as embaixadas da Índia, Croácia, República Tcheca, Alemanha, Áustria, Irlanda e Polônia, e em conjunto com instituições como a Fundação Palmares, Partners of the Americas, Exhibits USA e o Núcleo de Estudos Africanos da UnB.

O Instituto Britânico Independente (IBI), uma das escolas de inglês mais conhecidas de Brasília, durante várias décadas, uniu-se a nós para exibir uma mostra de fotos de astros britânicos do cinema, como Vivien Leigh, Alec Guinness, Sir Laurence Olivier e Richard Burton. Que orgulho de marcar a cultura com tantas parcerias, de uma ponta a outra do planeta!





Exposição COP 26 realizada na Unidade Uberlândia (MG).

Literatura

Diversos lançamentos de livros e debates sobre literatura fazem parte da tradição cultural da programação por aqui. Uma delas foi a parceria com a Academia Brasiliense de Letras para um ciclo de palestras que compararam e analisaram obras de Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes e William Faulkner. Além disso, fui espaço para lançamento de livros de diversos autores, em português e inglês, encontros que avivaram meus corredores em diversos eventos, enchendo minha galeria de arte e artistas.

Uma longa história de parcerias no campo das ideias também marcaram nossa história junto ao Centro de Estudos Psicanalíticos de Brasília. Todos os meses, era realizada uma palestra por um profissional da área psicanalítica, interagindo em um painel com dois ou três colegas da área de ciências médicas. A nossa parceria durou cerca de três anos, sempre com grande público e intensa participação dos presentes, muitos deles pedagogos e estudantes de psicologia.



Festas e festivais

Nossos eventos relacionados às culturas norte-americana e brasileira são mesclados com várias atividades extracurriculares em todas as unidades, sempre marcadas por festas super aguardadas por professores, colaboradores, alunos e pela comunidade.

As festas mais amadas por todos são o clássico *Halloween*, ou Dia das Bruxas, e o *Thanksgiving Day*, mais conhecido como o Dia de Ação de Graças. Outra tradição que também faz parte desse circuito de união e afeto é a comemoração do *Valentine's Day*, o Dia dos Namorados nos Estados Unidos ou Dia de São Valentim, comemorado em 14 de fevereiro nos Estados Unidos e em outros países. Todas essas festividades são comemoradas com eventos muito divertidos, unindo toda nossa comunidade e ficando sempre marcados na memória de quem participa!

A cultura brasileira não é deixada de lado. As Festas Juninas e datas especiais como a Páscoa, o Dia das Mães, o Dia dos Pais e das Crianças também são comemoradas pelos alunos, principalmente pelas crianças com aulas temáticas e muito especiais.

Além disso, fomos palco para diversas festas, festivais e encontros entre artistas jovens e veteranos, sempre com o objetivo juntar mentes apaixonadas por cultura, música e uma frutífera troca de experiências!

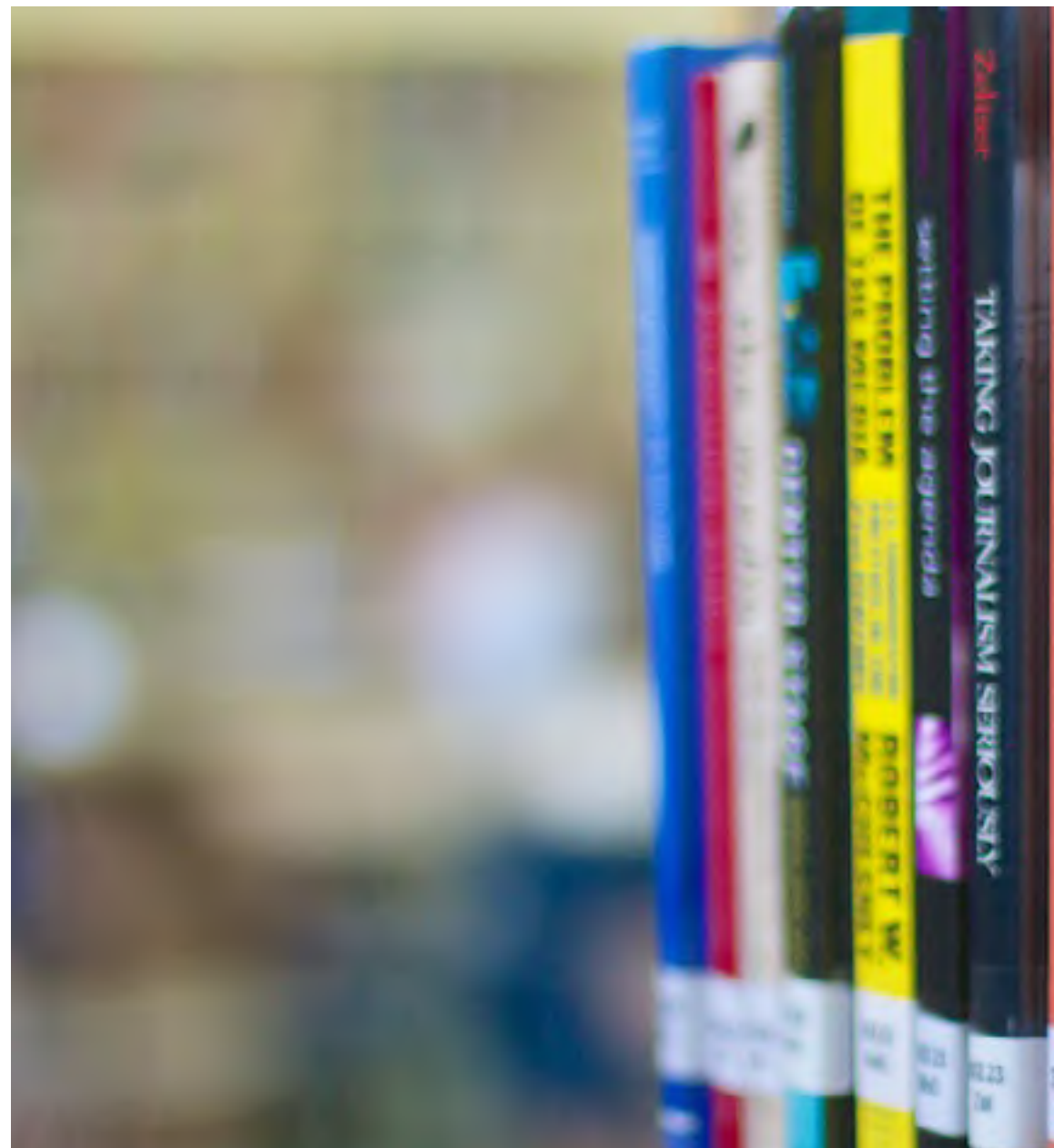


1º Festival de Rock da Casa Thomas Jefferson, em 2003.



Léo Chaves em apresentação na Festa de Encerramento de 2019.

Intercâmbio intelectual com a Embaixada dos EUA





Em sintonia com os novos modelos e melhores práticas de instituições internacionais, meu sistema de bibliotecas modernizou-se para oferecer novos serviços à comunidade acadêmica e ao público em geral. As bibliotecas assumiram a designação de Resource Centers (Centro de Recursos), com espaços e equipes comprometidas com a promoção da aprendizagem ativa, por meio de experiências singulares, em um ambiente dinâmico, inovador e colaborativo. Ao longo dos anos, os Resource Centers se consolidaram como polo promotor do saber, das fontes seguras de informação e da bibliodiversidade de seus acervos, conteúdos e atividades desenvolvidas.

Juntamente com o Thomas Maker, os RCs fortaleceram o processo de renovação pedagógica e cultural em meus espaços de aprendizagem e têm apoiado as ações de promoção do movimento *maker* e suas abordagens pedagógicas criativas. A criação dos Maker Corners (mini *maker* spaces) nos RCs, em 2018, buscou capilarizar e popularizar as novas tecnologias e metodologias de aprendizagem disponíveis no Thomas Maker. Isso permitiu a criação e a ampliação de programas e atividades STEAM, gratuitas e abertas à comunidade.

Na última década, os RCs realizaram mais de 168 mil empréstimos de materiais e ultrapassaram a marca de mais de 1,3 milhão de visitantes em suas unidades. Os serviços de informação dos Resource Centers extrapolam a oferta de serviços de uma biblioteca tradicional. Além do acervo bibliográfico e de multimeios com mais de 40 mil itens, os RCs contam com o acervo de uma Library of Things (Biblioteca das Coisas), com mais de 900 recursos, entre equipamentos de tecnologia educacional, dispositivos eletrônicos, ferramentas analógicas e recursos pedagógicos, além de outros objetos do cotidiano a serem incorporados e disponibilizados gratuitamente à comunidade.

Com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos, nos unimos – conselho, direção e professores – para investir na modernização dos RCs por meio de intervenções arquitetônicas, redesign, aquisição de acervos, aquisição de tecnologia educacional de ponta e modernos equipamentos de prototipação digital.

Meninas no mundo dos jogos

A Thomas da Lara

Lara Lunardi tem 27 anos e possui uma mente criativa inquieta. Ela é cantora, desenvolvedora de *games*, influenciadora, palestrante em diversas instituições de renome – a Casa Thomas Jefferson foi uma delas –, repórter, ilustradora digital e YouTuber, além de ser uma curiosa nata, sempre disposta a aprender novas habilidades. Nascida em Brasília (DF), Lara decidiu expandir seus horizontes e morar fora do Brasil, onde poderia realizar seu sonho de estudar e trabalhar com o universo da tecnologia e dos *games*.

“Em 2013, fui para a Califórnia (nos Estados Unidos) fazer um curso intensivo de inglês e vi que seria uma oportunidade de mostrar à minha família que valia a pena investir comigo nesse futuro”, relembra Lara. Os pais de Lara sempre a incentivaram a fazer um bom bacharelado. “Entrei para a UnB (Universidade de Brasília) antes de ir para a Califórnia, mas algo em mim dizia que não poderia parar por aí.”

Enquanto morava nos Estados Unidos, Lara conseguiu uma vaga em uma faculdade local e, finalmente, iniciou os estudos como desenvolvedora. Segundo ela, foi a melhor decisão para seu futuro profissional. “Não mudaria de área por nada nesse mundo. Me formar em Game Development abriu diversas portas para que eu finalmente pudesse fazer o que eu mais amo”, conta.





Parceria em prol dos jovens artistas

Em 2021, a convite da Casa Thomas Jefferson, Lara ministrou o workshop Gamer Girl Power, totalmente gratuito e on-line, exclusivo para o público feminino. Durante o evento, ela falou sobre criação de conteúdo em jogos e deu dicas sobre como se manter competitiva na indústria de *games*. “Acho incrível esse trabalho da Thomas! Essa troca com pessoas mais jovens que têm o mesmo sonho é incrível porque realmente incentiva novas ideias, novas oportunidades”, conta Lara. O evento fez parte do Programa de Criatividade e Empoderamento Feminino criado pela Casa, com o objetivo de incentivar meninas a se tornarem streamers profissionais e trabalharem com jogos.



Para Lara, a preocupação da Casa Thomas Jefferson de incentivar novas profissões entre seus alunos é de extrema importância, sobretudo quando se fala de áreas ainda em crescimento no Brasil, como o desenvolvimento de jogos. “Há pouco acesso para a profissão e há também muito preconceito quando se tem mais mulheres se especializando em uma área de conhecimento que ainda é dominada por homens”, explica. Para ela, encorajar meninas e meninos a se desafiarem é um orgulho pessoal e uma meta de vida. “Foi uma experiência gratificante e que espero levar para tudo o que faço daqui para frente.”



Atualmente, Lara vive em Berlin, na Alemanha, onde trabalha em uma empresa de jogos como Diretora Criativa de Conteúdo e host de shows especializados para a internet. “Acabei de criar o segundo maior time feminino de League Of Legends. É um grupo inclusivo para meninas e pessoas não-binárias, um trabalho que me traz muita alegria. Meu sonho é ver uma liga feminina que realmente seja sustentável, para que se tenha mais meninas no cenário de *games*, ganhando seus salários justos e crescendo”, sonha a artista brasileira.



Intercâmbio cultural

E o que dizer da nossa **Feira de Intercâmbio Cultural (FIC)**? Um marco histórico desde 1997, ela acompanha a chegada das empresas de intercâmbio na cidade. Os alunos assistem a palestras nas quais são apresentadas alternativas de estudo no exterior e informações sobre como viabilizar este investimento acadêmico-cultural tão rico, como organizar a documentação para vistos, passaporte, ou seja, essa parte mais burocrática, mas necessária. “Ali não se faz negociação, não são vendidos pacotes, fornecemos informações”, enfatiza o produtor sociocultural Luiz Carlos Costa. Ao longo de anos, a FIC foi marcada por diversas parcerias incríveis: embaixadas de países como Canadá, Inglaterra, Nova Zelândia e Estados Unidos.

Outro evento tão importante quanto, é a **Feira do EducationUSA**, um programa apoiado pela Comissão Fulbright e pela Seção de Educação, Cultura e Imprensa da Embaixada dos Estados Unidos, que fornece informações aos estudantes sobre as possibilidades de intercâmbio.

Mas, só pra lembrar, não é preciso aguardar as feiras para obter informações sobre as oportunidades de estudar no exterior, ok? Eu posso te ajudar sobre o tema durante o ano inteiro! A filial da Asa Norte abriga o **Educa-tionUSA Advising Office (EAO)**, um braço permanente do programa Education USA, uma rede global de mais de 450 escritórios de consultas educacionais filiados ao Departamento de Estado. Nosso escritório é a fonte oficial de informações e orientações sobre estudos nos Estados Unidos. Para quem tem interesse, esse é um local de acolhimento e aconselhamento para estudantes que procuram programas de aprendizado da língua inglesa, cursos de graduação, pós-graduação e especialização.

Nosso serviço faz o atendimento inicial e auxilia a pessoa interessada no processo de contato com as instituições de ensino. Caso tenha interesse, o aluno é encaminhado para serviços de tradução de documentos, oficinas de redação e orientação para os testes internacionais exigidos pelas universidades.



6

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Compromisso com o futuro

Sou um Centro Binacional Brasil-Estados Unidos. Sou a Casa Thomas Jefferson, reconhecida pela Embaixada dos Estados Unidos como centro de excelência no ensino de inglês e na promoção da cultura americana em todo o território nacional.

Minha missão é conectar e transformar vidas através de gerações por meio de experiências singulares, criando oportunidades para a evolução pessoal, social e profissional de meus alunos, colaboradores e de todos que se relacionam comigo.

O nosso planeta enfrenta desafios econômicos, sociais e ambientais concretos. Para combatê-los, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) definem as prioridades e aspirações globais para 2030. Eles representam uma oportunidade sem precedentes para eliminar a pobreza extrema e colocar o mundo numa trajetória sustentável.

Minhas iniciativas nascem para aplicar os ODS nas comunidades onde estou inserida, sempre em busca da construção de uma sociedade global, justa, democrática e inclusiva. Responsabilidade social é isso: seguir sempre em busca de um melhor futuro para toda a sociedade.

Bolsas de estudos

Se tem algo que traz grande incentivo para os estudantes, principalmente os que estão em vulnerabilidade social, é o **Programa de Concessão de Bolsas**, que busca oferecer a realização pessoal para dezenas de alunos, todos os anos. Todos os anos, recebo os formulários dos interessados em obter abatimento parcial ou total nas mensalidades dos cursos do ano seguinte. E é um prazer fazer parte da vida desses jovens!

Minhas bolsas são disputadas, viu? Recebemos mais de 300 solicitações por ano. A condição para seguir com a bolsa é um bom desempenho do aluno nos cursos, com média mínima de 80 nas notas para a manutenção do benefício. Além das bolsas para a comunidade em geral, ofereço aos dependentes legalmente comprovados dos funcionários da instituição a oportunidade de estudarem inglês com bolsa integral.

Um programa especial de bolsas de estudos também funcionou na filial de Taguatinga. O **Access** foi uma parceria dos Centros Binacionais com a Embaixada dos EUA e a Secretaria de Educação do DF. Além do curso gratuito, os alunos contemplados contaram com auxílio financeiro para custear as passagens de ônibus e o lanche.



Programa de Bolsas Access, em 2011, na Unidade Taguatinga.

Jovens Embaixadores

O sonho de conhecer outro país e viver de perto a cultura americana foi concretizado por vários estudantes que participaram do programa **Jovens Embaixadores**, uma iniciativa oficial do Departamento de Estado Norte-Americano que, no Brasil, é coordenado pela Embaixada e Consulados dos Estados Unidos da América.



Criado em 2002, o Jovens Embaixadores é um intercâmbio de curta duração para estudantes brasileiros do ensino médio da rede pública que se destacam em suas respectivas comunidades pela atitude positiva, bom desempenho acadêmico, conhecimento da língua inglesa, capacidade de liderança e espírito empreendedor.

A Casa Thomas Jefferson e a Secretaria de Educação do Distrito Federal são os responsáveis pela realização do processo seletivo dos candidatos do DF. Esses jovens fazem provas escritas, passam por entrevistas e recebem nossas equipes em visitas domiciliares.

Além disso, também em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos, todos os alunos que chegam à última fase do processo seletivo, mas não são selecionados para o intercâmbio nos Estados Unidos, são convidados a vir para Brasília e participar de uma imersão cultural na Casa Thomas Jefferson. Durante essa semana, eles participam de aulas de inglês e diversas atividades culturais como o evento de 4 de Julho, um jogo de futebol americano, boliche, e além de extensa programação. Muitos desses alunos nunca saíram de suas cidades e têm conosco uma experiência que amplia horizontes. Essa semana de imersão é chamada de **English Immersion Program (EIP)**.

O impacto que o programa promove na vida dos estudantes, principalmente os de cidades menores, é visível e transformador quando eles retornam. Alguns deles conseguiram bolsas no exterior, posteriormente; outros criaram blogs sobre responsabilidade social. Muitos relatam que, a partir desta experiência, passaram a ter uma visão diferente do papel dos professores e da própria língua inglesa em suas vidas.



Jovens Embaixadores reunidos na edição de 2020.

Ensino bilíngue e *maker*

Uma parceria que me enche de orgulho foi criada e realizada ao lado dos professores efetivos do Centro Educacional do Lago Sul (CEL), que foram contemplados com bolsas para aprimorar o inglês e transformar a rotina dos estudantes. E, ainda mais bonito, é o nome que a instituição de ensino público do DF ostentou após a nossa união: ***Escola Intercultural Bilíngue.***

Nossa história juntos começou em 2019. Mesmo em 2020, durante o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19, o projeto seguiu firme e forte no formato remoto. Agora, novamente em modo presencial, nossa parceria segue despertando alunos para um novo idioma, tão importante para o futuro educacional e profissional tanto dos estudantes quanto dos professores.

A união da nossa excelência em treinamento e desenvolvimento de professores, com cursos, de curta e longa duração, presenciais e online, que englobam diversas competências essenciais para a sala de aula foi fundamental para o desenvolvimento desses profissionais, o que vem trazendo frutos para o futuro dos estudantes da instituição.

“Toda comunidade gosta muito dessa parceria porque, sem ela, a gente não conseguiria pensar em implantar o bilinguismo. Os professores acham maravilhoso. Nós, na gestão, achamos maravilhoso também. Com certeza, os estudantes e as famílias também”, enfatiza Vitor Rios, coordenador pedagógico do CEL. Assim, minha história também é escrita por várias mãos e o conhecimento compartilhado. E isso é maravilhoso!



Criando um novo futuro

A Thomas da Brenda, da Vitória, da Bárbara e da Thais



Meninas empoderadas: o Ensino Maker auxilia esse quarteto nos desafios em sala de aula

Apostar no futuro da juventude é uma das missões da Casa Thomas Jefferson. Por isso, amamos tanto trabalhar ao lado dos estudantes e professores do Centro Educacional do Lago (CEL). Essa escola pública de ensino médio, localizada no Lago Sul, em Brasília (DF), está revolucionando seu método de ensino a partir de frutífera parceria com a Casa Thomas Jefferson. Entre as estratégias criadas em conjunto, há diversos sucessos alcançados pela inovadora metodologia *maker*, aplicada ao dia a dia da escola, e pelo ensino bilíngue, presente em todas as salas de aula, desde o ensino de matérias de humanas quanto de exatas. O sucesso é tanto que o CEL já alcançou o título de Escola Intercultural Bilíngue!

“Acho incrível nossa interação com a Thomas”, conta a estudante Bárbara Keller Menezes Silva, 15, aluna do 2º ano. “É um trabalho muito lindo porque sempre somos incentivados a buscar nossos sonhos. Tudo começa com o ensino do inglês nas nossas matérias. É incrível porque o inglês abre portas e o ensino bilíngue começa essa abertura em nossas vidas desde cedo”, conta Bárbara.



Bárbara foi uma das alunas participantes das atividades *maker* promovidas no CEL em 2022. Maravilhada, ela conta sobre como foi importante para que ela expandisse seus horizontes sobre a mulher que quer ser no futuro. “O Projeto Girl Power levou várias meninas para um dia de atividades em marcenaria”, ela lembra. “Me senti muito empoderada, foi completamente incrível, porque me dei conta de que posso ocupar novos espaços no trabalho e na vida, lugares que por muito tempo foram só dos homens”, conta.

Ela não é a única que entende na prática como o ensino *maker* é capaz de mudar o processo de aprendizado de um estudante. Para o professor de matemática, Mateus Henrique Oba Becker, a metodologia é capaz de mudar, inclusive, a vida dos alunos. “A aula e a teoria deixam de ser algo abstrato para se tornarem vida real, algo palpável e visível. Para uma mente jovem e muito ativa isso é importante porque se torna mais interessante. Colocar a mão na massa mostra a realidade sobre a teoria e propõe uma forma diferente para a mente acumular informação”, defende Mateus.



Tauana, Vítor e Mateus são alguns dos professores entusiastas do ensino *maker* no Centro Educacional do Lago treinados pela Casa Thomas Jefferson

Colocando a mão na massa - e no aprendizado

A metodologia *maker* chegou à escola em uma etapa de avanço na parceria com a Casa Thomas Jefferson. Desde 2019, o centro binacional vem auxiliando os professores do ensino médio a desenvolverem e melhorarem seus planos de aula, inclusive com a adoção dessa metodologia que propõe o aprendizado por meio de atividades práticas em sala de aula. Se você quiser conhecer mais sobre o método *maker*, confira no **Capítulo 4 - Inovar para Educar** para entender melhor o conceito.

“É incrível como os alunos mudam sua forma de compreender o que está sendo ensinado quando têm uma chance de encontrar uma solução para um problema real da escola”, afirma o supervisor pedagógico do CEL, Vítor Rios Valdez, que é um dos responsáveis por fazer com que essa parceria siga sendo um sucesso. Ex-aluno da Casa Thomas Jefferson, o supervisor pedagógico é um grande incentivador de projetos como a parceria CEL-Thomas, por acreditar que preocupar-se com a responsabilidade social faz parte da função primordial do trabalho de um educador.

Vítor conta que a Thomas foi importante nesse processo de implementação *maker* no CEL, não somente por ensinar um novo formato metodológico, mas também por ter fomentado o investimento nas *maker boxes* — caixas de madeira repletas de engrenagens, fios, peças modulares e diversos materiais — que são usadas nas aulas práticas. “Os alunos estão muito empolgados desde que foram convidados para o lançamento das *maker boxes*, em maio do ano passado, ao mesmo tempo que cinco dos nossos professores foram treinados para levar o método para a sala de aula”, relembra Vítor.

Milena Rocha, professora de química, foi uma entre os profissionais que participaram da imersão *maker* proposta pela Thomas. “Não sou uma professora que para quieta. Estou sempre procurando alguma coisa nova para trazer para a sala de aula”, brinca Milena, explicando porque gostou tanto desse processo junto à Thomas. “Participei da confecção de três planos individuais de aula e foi uma troca bem rica de informações e conteúdo. É bom que não ficamos presos em um único pensamento.”

Brincando de aprender

Quando o aprendizado é fluido e divertido, ganham tanto alunos quanto professores. “Trabalhei com meus alunos em um formato de oficina de programação e robótica”, relembra Jailton Júnior, professor de física. “Foi uma oficina muito bacana de ministrar, ver alunos e alunas desenvolvendo raciocínio lógico ativamente. Eles tiveram a oportunidade de conhecer alguns códigos de programação e montaram circuitos durante a aula”, explica Jailton.



Para Tauana Estevão, professora de inglês, a cultura *maker* passou a fazer parte da realidade em sala de aula depois da passagem pela Casa Thomas Jefferson. “Quando cheguei no CEL, influenciada pelo que tinha visto e vivido na Thomas, criei a oficina *Hands on* para promover o aprendizado de inglês a partir da curiosidade e da descoberta”, conta Tauana.

Segundo ela, como o nome sugere, a oficina tinha o objetivo de fazer com que os alunos colocassem a mão na massa enquanto aprendiam inglês. Assim, nas aulas, os alunos desenvolviam não apenas o vocabulário ou a compreensão auditiva, mas também o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas.

Essa revolução no dia a dia dos professores também mudou a forma com que os alunos veem a rotina em sala de aula. A jovem Brenda Martins, 16, é um exemplo disso. Ela é aluna do 3º ano e nunca tinha participado de uma oficina do CEL até o ano passado. Ela também esteve na atividade de marcenaria para meninas e se encantou com a proposta.

“Nós, meninas, vimos como somos capazes de construir algo, sem desistir tão facilmente. Continuamos insistindo e trabalhando duro. Isso fez uma diferença enorme para mim, me fez sentir muito poderosa”, relembra a estudante. “Até fiz amizade com a professora e as meninas na aula! Estamos planejando como podemos continuar trabalhando com madeira porque foi muito incrível e não podia parar ali naquela aula.”



Vitória Emanuelle, 16, também é aluna do 2º ano e participou do Projeto *Girl Power*. Passar por essa experiência mudou, e muito, a forma com que ela enxerga o que é ensinado na sala de aula. “O objetivo do projeto *maker* é fantástico e inovador, principalmente para pessoas que ainda não tinham passado por experiências como essa. Fico muito feliz de poder ter tido essa experiência e continuar tendo contato na escola, com as oficinas que fazem parte desse projeto”, conta Vitória.

Ensino bilíngue para conhecer o mundo

A parceria com a casa Thomas Jefferson surgiu da necessidade de qualificação do corpo docente para a imersão nos métodos bilíngues. Todos os professores efetivos do CEL possuem bolsa de estudos para aprimorar o seu inglês na Thomas. Reconhecida por sua excelência em treinamento e desenvolvimento de professores, o centro binacional oferece uma ampla gama de oportunidades para capacitação de educadores.

Thais Mendes, 16, aluna do 2º ano, é uma das estudantes impactadas pelas aulas bilíngues. “É muito bom poder aprender outras disciplinas em inglês! Às vezes, a gente não tem tempo de estudar mais fora da escola, então ter esse apoio dentro do CEL é ótimo.” Para ela, é



cada vez mais fácil incluir o inglês na vida dela graças ao projeto da escola intercultural bilíngue onde estuda. “As aulas são ótimas e conseguimos entender toda a matéria e, ainda, evoluir com a língua”, defende Thais.

Os cursos oferecidos aos professores do CEL, de curta e longa duração, presenciais e online, englobam diversas competências essenciais para a sala de aula. Entre os temas abordados, estão metodologias de ensino, educação *maker*, CLIL (Content and Language Integrated Learning), introdução à fabricação digital, criação de vídeo e muito mais. A transformação do Centro Educacional do Lago em escola intercultural bilíngue vem trazendo frutos para a comunidade escolar.



Everyday English

Outra iniciativa marcante da minha história é o **Everyday English**, projeto de aulas de inglês que teve início em 2012 com o objetivo de tornar acessível o ensino do idioma a todos e a um baixo custo. Conhecido anteriormente como *Hello, Brazil*, o programa começou como uma capacitação de profissionais que desejavam trabalhar com turismo em Brasília.

Em meados de 2013, com a chegada de grandes eventos esportivos internacionais no Brasil, como a Copa das Confederações (em 2013), a Copa do Mundo (em 2014) e as Olimpíadas (em 2016), o curso tratou-se de uma formação voltada para profissionais que iriam lidar diretamente com turistas: motoristas de táxi, garçons, camareiras, vendedores de lojas e funcionários do Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, em Brasília, entre outros.

Atualmente, tenho a honra de subsidiar o programa inteiramente, com um escopo mais amplo, oferecendo vagas para profissionais da área de serviços que não têm condições de arcar com estudos de inglês em turmas regulares.



BRITE

Uma longa história com o compromisso à formação: há mais de 18 anos, o **Programa de Desenvolvimento de Professores de Escolas Públicas**, uma parceria minha com o Departamento de Estado dos EUA, beneficia centenas de professores da rede pública.

Com foco no aperfeiçoamento das práticas linguísticas e pedagógicas para o ensino da língua inglesa, o treinamento é totalmente gratuito para professores. E após tantos anos, precisamos passar por inovações, certo? Por isso, o programa foi remodelado em 2019 para dar lugar ao **BRITE - Brazilians Innovating on the Teaching of English**.

Com um formato 100% online e apresentando seu novo currículo de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e metodologias essenciais como design de currículo, planejamento de aula, adaptações acadêmicas a grupos heterogêneos, novas tecnologias educacionais e o movimento *maker*, o programa BRITE consiste em 36 horas de aulas online síncrona feita por aplicativos de aulas e 64 horas de trabalho online assíncrono.

Em sua edição de 2022, ainda em parceria com o governo americano, eu não só desenvolvi como também coordenei sua implantação em outras instituições pelo Brasil, como a Universidade Federal de Goiás (Unisinos), a Universidade de Passo Fundo, o Braz-TESOL do Rio Grande do Sul, o CFAF/UESPI, ligado ao governo do Piauí, e muitos outros centros binacionais em todas as regiões do país, onde atendemos aproximadamente 400 professores de inglês de escolas públicas de todo o Brasil.

Com o BRITE, meu grande objetivo é promover o aperfeiçoamento de práticas de ensino e a troca de experiências entre os professores, além de, claro, continuar multiplicando os benefícios de uma educação bilíngue para milhares de alunos da rede pública no Distrito Federal e no Brasil.

Uma história de amor e orgulho

Tenho orgulho de projetos que entregam não apenas responsabilidade social para os mais diversos segmentos da sociedade, como também fazem parte da construção de uma educação mais inclusiva para todos. Um grande exemplo de parcerias que modificam realidades foi a minha participação no projeto Escolas Irmãs, criado pelo Governo Federal.

Durante a implementação do programa em minhas unidades, “adotamos” duas escolas irmãs de ensino fundamental na cidade de São Sebastião e no Lago Norte (DF). Além da realização de atividades extracurriculares planejadas, as escolas foram contempladas com recursos para melhorar seu espaço físico, como parquinhos, hortas e adaptações em infraestrutura básica.

Como vocês podem ver, mesmo os projetos já desativados estão deixando um legado de amor pela língua inglesa e de dedicação às pessoas que viveram essa trajetória ao nosso lado. Essa é uma das missões que pretendo nunca abandonar: fazer parte de histórias reais, da vida de quem mais precisa e inspirar pessoas a crescerem ainda mais.

Com o BRITE, meu grande objetivo é promover o aperfeiçoamento de práticas de ensino e a troca de experiências entre os professores, além de, claro, continuar multiplicando os benefícios de uma educação bilíngue para milhares de alunos da rede pública no Distrito Federal e no Brasil.

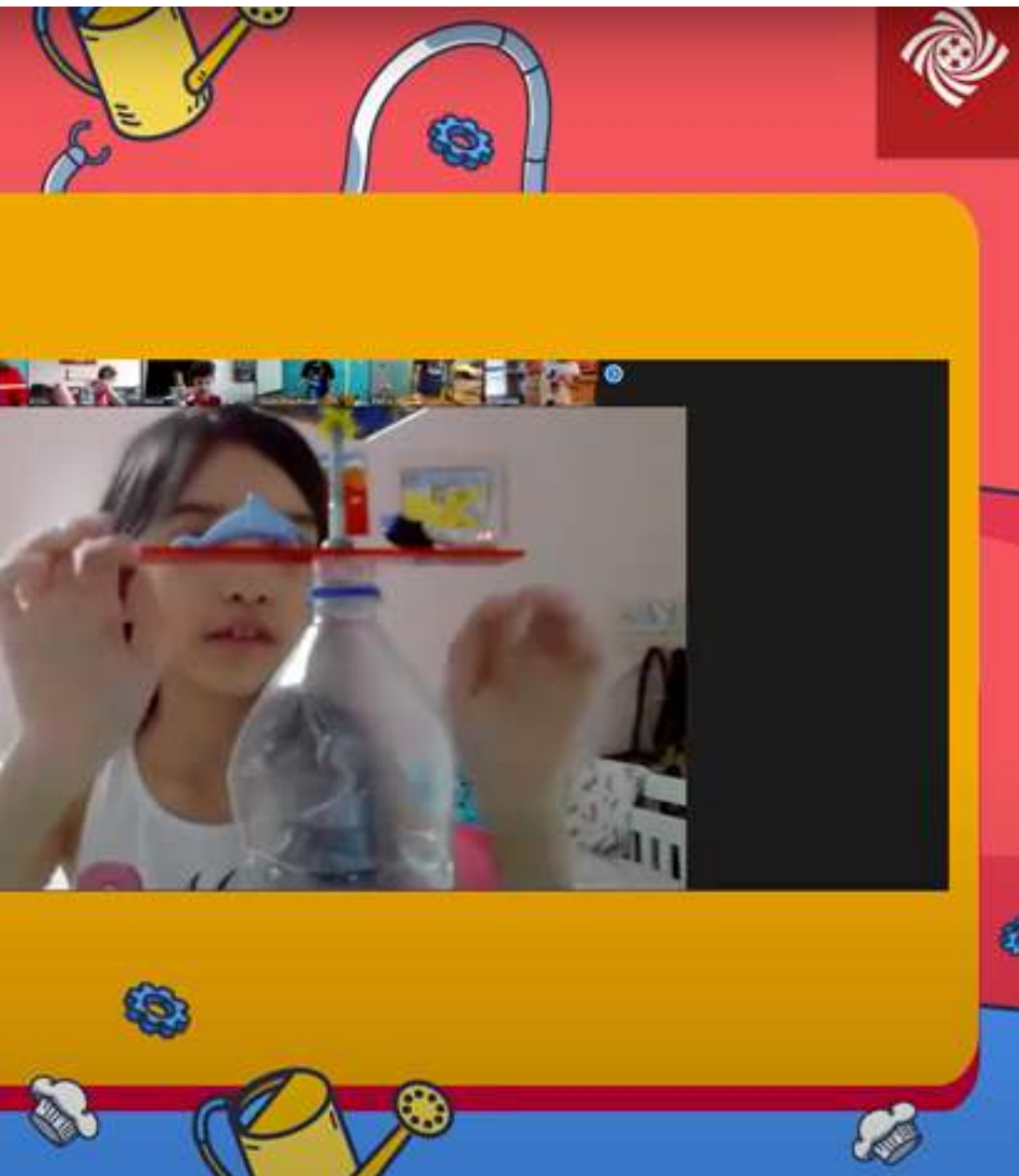


Promoção da Tecnologia

Outro exemplo de programa bem sucedido é o **Makerthon de Tecnologia Assistiva**, realizado em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos, para alunos de escolas públicas com deficiência visual. O programa já promoveu a imersão tecnológica de quase uma centena de jovens e a criação de dezenas de artefatos e soluções assistivas com o objetivo de melhorar a vida de alunos com deficiência visual.

Os espaços promovem programações mensais, com a oferta de atividades STEAM e culturais gratuitas. Atividades como storytelling, coding, *games*, movie session, music session, talk session, poetry session, exhibition, tools workshop, reading clubs, media and digital literacy workshop, science workshop, mini camps, STEAM events, STEAM *showcase*, entre outras ações. Todos esses programas buscam incorporar a missão da Thomas enquanto Centro Binacional, os valores dos American Spaces, os *mission goals* da Embaixada dos Estados Unidos e o calendário de eventos internacionais.





Conhecimento na era digital

Em 2020, por ocasião da pandemia do novo coronavírus, os RCs iniciaram a oferta de eventos, lives, campanhas, tutoriais e outros programas digitais abertos à comunidade. Na última década, nossos Resource Centers (Centro de Recursos) realizaram milhares de atividades culturais e pedagógicas, com mais de 38 mil pessoas atendidas.

Também com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos, os RCs promovem o acesso a conteúdos digitais via streaming e inauguram a primeira biblioteca digital da Casa Thomas Jefferson. Uma plataforma com centenas de ebooks e audiobooks disponíveis à comunidade acadêmica e ao público em geral.

Outro serviço digital à disposição dos usuários é o portal eLibraryUSA. Uma plataforma com mais de 7 mil revistas, jornais americanos e de outros países, documentários, ebooks, milhões de teses e dissertações de universidades americanas, entre outros conteúdos digitais. Os RCs também promovem o acesso a serviços de streaming de literatura infantil, audiovisuais, entre outros recursos digitais abertos à comunidade.



**QUE VENHAM
MAIS 60 ANOS**

Sempre crescendo

Tenho orgulho de ter crescido muito ao longo dos meus 60 anos. Expandi minhas unidades, saindo unicamente de Brasília e chegando a outros estados brasileiros. O crescimento trouxe muitos novos desafios e precisei me especializar também na área comercial para poder atender a demanda dos novos alunos que estavam chegando.

Em 2018, iniciei o projeto de estruturação e desenvolvimento da minha equipe de vendas, com o objetivo de matricular novos alunos e gerar novos negócios. Mais do que vender, a área Comercial é responsável por conectar a necessidade dos consumidores aos produtos e serviços oferecidos.

Da mesma forma, o Departamento de Marketing está em total sintonia com as equipes de vendas. No quadro de nossas equipes, somos um grande número de analistas especializados na área de criação, mídias sociais, áudio e vídeo, eventos e inteligência de mercado. O principal objetivo do Marketing é trazer novos clientes por diversos canais para que o time de vendas trabalhe na conversão.

Para otimizar o trabalho dos departamentos de Vendas e de Marketing, foram implantadas também importantes ferramentas de suporte tecnológico para contato com nossos alunos e futuros alunos, como Whatsapp Business e um sistema de CRM (*Customer Relationship Management*).

Ou seja: mais uma vez, as excelentes equipes com que tenho orgulho de trabalhar provam que inovação e tecnologia estão presentes não somente em nossas salas de aula, mas em tudo o que fazemos e planejamos para acolher nossos alunos. Há quem diga que Inovação é meu segundo nome – trabalho bastante para garantir que essa alcinha de responsabilidade seja sempre renovada aqui, hoje e pelos próximos 60 anos!

Cuidado constante e amor por pessoas

As pessoas são nosso maior bem! Sem elas, não seria possível realizar minha maior missão de conectar e transformar vidas por meio de experiências singulares de aprendizagem. Acredito que é preciso estar bem para trabalhar bem. As pessoas estão no centro dos valores de *desenvolvimento contínuo do indivíduo, pertencimento e perpetuidade*, e por isso estou sempre atenta e me sinto grata por investir em nosso público interno.

O **Thomas Care** foi criado para isso! Ele é um programa voltado para os cuidados com o colaborador, com iniciativas para promover saúde e bem estar físico e mental.

Todos os colaboradores têm acesso aos serviços de atenção primária da telemedicina e acesso a psicoterapia por meio da telepsicologia, sem qualquer custo, disponível 24 horas por dia, todos os dias da semana. Eles podem contar ainda com os serviços de coaching nutricional e esportivo, apoio à gestantes e opinião médica especializada. Outras iniciativas como incentivo à vacinação e a adesão opcional aos seguros de saúde e odontologia também para seus dependentes.

Além do cuidado direto com a saúde e bem estar e de outros benefícios que são práticas de mercado, os colaboradores contam ainda com incentivo à educação fazendo uso de bolsas internas de estudo para si e seus dependentes nos cursos da Thomas.

Tecnologia da Informação: nossa vocação é inovar

Em 2018, concluímos a implantação de todos os módulos de nosso sistema integrado de gestão empresarial, o ERP TOTVs. A adoção completa do ERP permitiu a integração e automatização de diversos processos-chave do negócio: matrículas, gestão de turmas e vida acadêmica do aluno, folha de pagamento dos colaboradores, contabilidade, financeiro, compras etc.

Com essa interação de sistemas, o painel de Business Intelligence – BI passou a trazer diversos indicadores importantes para tomar as minhas decisões de alta gestão, como a leitura e planejamento das taxas de ocupação de turmas, taxas de evasão por curso, margem de contribuição das unidades de negócio, demonstrativos financeiros e contábeis etc.

Agora que tenho a gestão baseada em dados, métricas e indicadores é possível identificar, em tempo real, pontos que necessitam de melhorias e avaliar o sucesso das ações com maior assertividade e economia de capital e tempo!

Novidades, muitas novidades – Adotei também importantes ferramentas e sistemas nos últimos anos que me permitiram um grande salto tecnológico. São estes:

- Nova estrutura de servidores, rede de dados e rede sem fio (WIFI). A rede WIFI está disponível em todas as unidades da escola com internet de alta velocidade disponível à comunidade, conforme os requisitos de um American Space.
- Migração para Sistemas e serviços para nuvem, assegurando da rede de telefonia que atende o crescimento e expansão da disponibilidade, segurança e elasticidade.
- Estrutura de rede de dados pública (WAN), com conexão segura para trabalho remoto (VPN) de todos os colaboradores.
- Implantação de telefonia IP, permitindo a mobilidade e crescimento Thomas
- Adoção do Google Workspace como ferramenta de colaboração para colaboradores e alunos.
- Atualização tecnológica dos equipamentos de sala de aula, professores e administrativos, possibilitando utilização dos sistemas e aplicativos.
- Utilização de ferramenta de comprovada segurança e performance de videoconferência para aulas síncronas (ZOOM) para todos os professores.



Mulheres de força: Clarissa Bezerra, gerente corporativa Acadêmica; Ana Scandiuzzi, gerente corporativa de Planejamento da Operação; Lucia Santos, diretora-executiva; Erika Cruvinel, gerente corporativa Comercial e Paula Pacheco, gerente corporativa de CSC - Centro de Serviços Compartilhados.

Reflexões sobre o futuro da Thomas

A Thomas da Lucia, da Erika, da Ana da Clarissa e da Paula

A Casa Thomas Jefferson cresceu, expandiu e inovou com grande excelência ao longo de 60 anos. Com muito orgulho, completa aniversário mantendo-se entre as melhores instituições de ensino de línguas do Brasil. Uma das principais fórmulas para esse sucesso envolveu, sem dúvidas, a ousadia de seus fundadores.

Essa força e coragem seguem impressas na Casa Thomas Jefferson e em todas as decisões tomadas por seu corpo diretivo ao encarar os novos desafios do mercado. Muito mais do que planos estratégicos e mercadológicos super complexos, a direção e gerenciamento da Thomas têm sido pautados pela cooperação e profunda confiança entre suas líderes. “Olho para essas mulheres e vejo a garra que todas elas têm, diariamente, para tomar grandes decisões. É inspirador”, afirma Clarissa Bezerra, gerente corporativa Acadêmica da Casa Thomas Jefferson.

Mesmo em plena pandemia da COVID-19, enquanto as escolas estavam fechadas, esse time continuou trabalhando incansavelmente nos projetos de expansão da marca, sobretudo, no lançamento de um novo grande projeto: a primeira escola de educação básica da Casa Thomas Jefferson - uma escola de educação infantil e ensino fundamental, integral e bilíngue.

“Foi uma verdadeira revolução para todos”, relembra a diretora-executiva, Lucia Santos, que teve o insight de investir na criação de uma escola de educação básica de marca própria no auge do isolamento social, em 2021. “Nós precisamos abrir uma escola. Uma ideia completamente nova, que poderia ser uma loucura para alguns. Mas eu estava convicta que aquele momento de crise e incertezas tinha algo a nos ensinar. Para minha sorte, tive a parceria necessária para transformar esse sonho em realidade. E em tempo recorde!”, conta Lúcia.

A educadora conta que a decisão veio de encontro a uma necessidade de mercado. Uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estipulou a língua inglesa como a única língua estrangeira obrigatória a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, a partir de 2020, as escolas e programas bilíngues multiplicaram-se em todo o Brasil. “As crianças agora aprendem inglês na escola e isso é um movimento cada vez maior. Isso nos força a mudar”, comenta Erika Cruvinel, gerente corporativa Comercial.

Assim, nascia a ONE School, em 2022, uma escola brasileira bilíngue, para atender alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental de Brasília. Você conheceu melhor o projeto inovador da ONE School no Capítulo 4 deste livro - o mais recente e desafiador investimento da Casa Thomas Jefferson.

Um Brasil bilíngue

Outra peça chave do planejamento estratégico da Casa é a expansão da metodologia aplicada em suas salas de aulas para outras escolas brasileiras. “Em nossas escolas parceiras, chegamos para oferecer toda nossa experiência de 60 anos de ensino da língua inglesa”, explica Erika.

Como explica a gerente corporativa de Operações, Ana Scandiuizzi, atualmente a Casa Thomas Jefferson auxilia mais de 70 escolas, em todas as regiões do Brasil, a aprimorarem suas metodologias bilíngues. “Isso significa muito, uma vez que estamos ajudando as escolas em um desafio nacional de adequação à BNCC”, defende Ana.

Clarissa Bezerra, gerente corporativa Acadêmica, orgulha-se dessa visão estratégica devido seu forte valor humano e educacional envolvido. “Nos vejo nesse papel: se temos essa capacidade, esse ensino inovador e tão diferenciado, por que não passá-lo adiante? Mais do que isso, vejo como uma responsabilidade nossa de apoiar a educação brasileira”, afirma feliz. “Imagine o enorme desafio para escolas de interior, para escolas que nunca se adaptaram ao inglês, para se atualizarem à BNCC. É nosso dever fazer parte desse movimento”, defende também Paula Pacheco, gerente corporativa de CSC.

Esse grupo de fortes mulheres não mede esforços para levar a educação às comunidades onde a Casa está inserida. Primeiro em Brasília, agora em todo o Brasil. Para isso, o investimento na formação de novos profissionais é constante. A Thomas tem um vasto portfólio de cursos para professores e acaba de lançar o seu primeiro Curso de Extensão em Educação Bilíngue. Um curso 100% online, com 120 horas, para professores que precisam se certificar para trabalhar em escolas bilíngues de todo o Brasil.

“Os professores da Thomas são diferentes, sempre reconhecidos quando vão para outras instituições ou projetos fora do Brasil”, afirma Clarissa.

“Sempre fomos vanguarda na educação e vamos seguir levando inovação para os educadores de todo o país”, defende a especialista.

Paula Pacheco reforça que, muito mais que um método para ensinar inglês, a Thomas contribui com seu legado integrador com a comunidade. “Somos mais que uma escola, todos sabem. Nosso trabalho é completamente voltado para a comunidade e para a construção de espaços de expressão cultural. Então surge esse desafio: como levar isso para as outras cidades?”, explica a gestora administrativa.

Nos próximos anos, a Casa Thomas Jefferson continuará disseminando a importância do aprendizado da língua, da cultura e da ampliação de horizontes, buscando manter-se moderna e uma referência em novas tecnologias e tendências no ensino. “Somos uma instituição que se reconstrói e não temos medo disso. É essa disrupção contínua que nos faz seguir em frente com confiança e muito amor pelo o que fazemos”, explica Ana.

“Acredito que as próximas décadas ainda são um sonho desconhecido”, afirma Erika. “Mas isso não é, nem de longe, um cenário de insegurança. Pelo contrário: acreditamos tanto no potencial da Casa Thomas Jefferson que torna-se impossível saber quais incríveis conquistas ainda vamos alcançar”, comemora a gerente corporativa Comercial.

Com as belas palavras da Paula, as gestoras concordam com o mesmo direcionamento: “Nosso desafio é mostrar que o sucesso pode ser ainda maior e que podemos contribuir para educação de qualidade em todo o Brasil.” Para quem olha para o futuro da Casa, essa certeza de sucesso é um bálsamo de conforto a todos os que, assim como nós e você que está lendo esse livro, também acreditam que a educação e a cultura podem mudar vidas!



Que venha o futuro!

60 anos! De conquistas, vitórias e muitas histórias para contar. E a certeza feliz de que viveremos ainda muito mais nos anos que virão por aí. O coração? Sempre cheio de alegria e orgulho. Não poderia estar mais grata!

A você que está lendo minha história, deixo aqui todo o meu carinho. Foi bom viver isso com você. Obrigada!

Espero que você tenha saboreado essa aventura com a mesma excitação jovial com que debrucei minhas maiores alegrias sobre o papel. Afinal, relembrar tantas pessoas queridas e tantas vidas que mudaram pelo poder transformador da educação é o que dá sentido ao meu trabalho.

Hoje, amanhã e sempre, seja sempre muito bem-vinda e bem-vindo a este nosso espaço de engrandecimento.

Meus mais profundos agradecimentos,

A sua Casa Thomas Jefferson

Brasil, 2023